



Instituto de Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Leticia Gomes Moura

PG35582

**Medicina Popular**

**Um estudo sociológico em Vilar de Perdizes**

**Tese de Mestrado:**

Mestrado em Sociologia

Especialidade em Políticas Sociais

**Trabalho efetuado sob a orientação:**

Professor Jean-Martin Rabot

Setembro de 2019

Declaração a incluir na Tese de Doutoramento (ou equivalente) ou no trabalho de Mestrado

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença [abaixo](#) indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição  
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## **Agradecimentos**

Ao professor Jean-Martin Rabot pela indispensável e crucial orientação

Aos meus pais e irmão pelo apoio financeiro e emocional

Aos colegas do Mestrado em Sociologia

Aos amigos próximos pela paciência e ajuda

## **Declaração de Integridade**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## Medicina Popular – um estudo sociológico em Vilar de Perdizes

### Resumo

O objetivo central desta investigação é perceber e divulgar os motivos que levam a que, na sociedade contemporânea, se recorra cada vez mais à medicina popular, bem como a outras medicinas alternativas. O estudo foca na aldeia de Vilar de Perdizes, no concelho de Montalegre, uma vez que é uma aldeia em que ainda se realizam congressos de medicina popular, na qual se recorre a profissionais que fazem uso de técnicas alternativas para a melhoria ou tratamento da saúde, como por exemplo, curandeiros, herbolários, endireitas, entre outros.

Defender-se-á a ideia de que a medicina popular, bem como as medicinas alternativas, não são um contraste à biomedicina mas, uma alternativa quando esta falha ou se torna insuficiente. Na parte teórica, será abordada a história do surgimento da medicina popular, explicar-se-á porque houve uma época em que a mesma deixou de ter importância e, por fim, por que é que se deu um resgate da medicina popular na modernidade. Será abordada também a questão dos riscos provenientes das plantas medicinais e os seus benefícios. E, forçar-se-á ainda, na análise da importância da cultura, das crenças e da religião na explicação do resgate da medicina popular nos dias de hoje. Por fim, será feita uma descrição da história de Vilar de Perdizes.

Foram feitas entrevistas à população de Vilar de Perdizes para testar se concordam ou não com a realização dos congressos de medicina popular. Recorreu-se também à análise de conteúdo dos jornais locais da região de Montalegre “Notícias de Barroso” para, assim, perceber como é que os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes são perspetivados.

**Palavras-chave:** biomedicina, medicinas alternativas, medicina popular.

## Folk Medicine – A sociological study in Vilar de Perdizes

### Abstract

The main goal of this research is to understand and divulge the reasons why in contemporary society resort more and more people to folk medicine as well as other alternative medicines. I focused my study in Vilar de Perdizes village where still holds congress of folk medicine and professionals are recruited to use alternative techniques for health improvement or treatment, for example, healers, herbalists, straighten, among others.

It will be defended the idea that folk medicine, as well as other alternative medicines, are not a contrast to biomedicine but an alternative when this one fails or becomes insufficient. In the theoretical part, will be addressed the history of the emergence of folk medicine, it will be explained why there was a time in which it no longer matters and why there was a rescue of folk medicine in modernity. Will also address the issue of risks from medicinal plants and their benefits and will focus on the importance of culture, beliefs and religion in the explanation of folk medicine rescue these days. Finally, a description of Vilar de Perdizes history.

Were made interviews to the population of Vilar de Perdizes to test whether they agree or not with the holding of folk medicine congresses. Was also resort a content analysis of local newspapers in Montalegre region “Noticias de Barroso” to thereby perceive how congresses of Folk medicine are perspective.

**Keywords:** alternative medicines, biomedicine, folk medicine.

## Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Declaração de Integridade.....	iv
Medicina Popular – um estudo sociológico em Vilar de Perdizes.....	v
Resumo.....	v
Folk Medicine – A sociological study in Vilar de Perdizes.....	vi
Índice De Tabelas.....	x
Siglas E Abreviaturas.....	11
Introdução.....	12
Capítulo I.....	14
Medicina Popular.....	14
1.1.A origem do uso de plantas medicinais na cura e tratamento de doenças.....	15
1.2.Preservar a medicina popular.....	17
1.3.Medicina popular como alternativa à medicina científica.....	18
1.4.As medicinas alternativas.....	19
1.5.Fitoterapia: uma medicina alternativa.....	22
1.6.Desvalorização da medicina popular.....	24
1.7.Riscos das plantas medicinais e fitoterápicos.....	26
1.8.O papel da enfermagem e as terapêuticas naturais.....	28
1.9.Repescagem da medicina popular.....	29
1.10.Evocação de curandeiros e outros profissionais alternativos.....	31
1.11.Medicina popular e cultura popular.....	33
1.12.Medicina popular e tradições antigas em Vilar de Perdizes.....	37
1.13.Medicina popular e crenças populares.....	38
1.14.Importância da religião na modernidade.....	40
Capítulo II.....	44
Problemática, Metodologia, Técnicas Investigativas e Análise das Entrevistas.....	44
2.1. História de Vilar de Perdizes e Contextualização do Estudo.....	44
2.2. Pergunta de partida, objetivos e hipóteses.....	46
2.3. Metodologia aplicada.....	48
2.4. Análise de conteúdo e Interpretação dos resultados.....	53
2.4.1. Conhecimento acerca dos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes.....	54
2.4.2. Participação dos entrevistados nos Congressos de Medicina Popular.....	55
2.4.3. A questão da concordância com a realização dos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes.....	57

2.4.4.As vantagens dos CMP para a região.....	58
2.4.5.Os CMP como fontes de prejuízo.....	59
2.4.6.A questão do uso de plantas medicinais para prevenir ou tratar a saúde .....	60
2.4.7.Motivos para recorrer a plantas medicinais e eficácia das mesmas .....	61
2.4.8.As plantas medicinais e os seus efeitos adversos .....	63
2.4.9.As plantas medicinais e o tratamento das doenças.....	64
2.4.9.1.Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 7).....	64
2.4.9.2.Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 9).....	65
2.4.9.3.Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 12).....	66
2.4.9.4.Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 13).....	67
2.5.A confiança na compra de produtos naturais em farmácias, lojas e/ou supermercados .....	68
2.6.A frequência dos curandeiros e herbolários .....	69
2.7.Histórias acerca de curandeiros ou endireitas ou charlatães.....	70
2.8.O conhecimento de pessoas que recorrem aos curandeiros e herbolários .....	72
Capítulo III .....	77
Análise e Interpretação do jornal “Notícias de Barroso” .....	77
3.1.Título, subtítulo e autor da notícia .....	77
3.2.Localização da notícia, espaço que ocupa, Descrição da imagem que acompanha a notícia .....	78
3.3.As personagens das Notícias .....	79
3.4.Objetivos do Congresso de MP, número de pessoas presentes no CMP, críticas nos jornais .....	81
3.5.Aspectos negativos, aspectos positivos e apresentação de livros no Congresso de MP .....	84
3.6.Objetivos da notícia acerca dos CMP .....	87
3.7.CMP enquanto espaço de encontro e cultura popular, e como promotor da região transmontana.....	89
3.8.CMP cuida da saúde física e mental dos seus pacientes e CMP e o oculto .....	92
3.9.Medicina Popular e Medicina Científica.....	95
3.10.CMP e Mass Media.....	96
3.11.Jornais que falam acerca dos CMP .....	97
3.12.Importância do Padre Fontes nos CMP.....	98
3.13.Medicina Popular como resposta às necessidades sanitárias.....	101
3.14.Críticas à oposição feita aos CMP .....	103
3.15.Atividades decorridas no CMP.....	104
3.16.Conclusões acerca do jornal “Notícias de Barroso” .....	107
Considerações finais.....	109
Referências bibliográficas .....	112

Anexo I .....	117
Apresentação dos entrevistados .....	117
Anexo II .....	121
Tabelas das Entrevistas .....	121
Anexo III .....	150
Tabelas dos Jornais “Notícias de Barroso” .....	150

## Índice De Tabelas

Tabela 1: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 1 .....	117
Tabela 2: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 2 .....	117
Tabela 3: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 3 .....	117
Tabela 4: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 4 .....	117
Tabela 5: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 5 .....	118
Tabela 6: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 6 .....	118
Tabela 7: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 7 .....	118
Tabela 8: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 8 .....	118
Tabela 9: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 9 .....	119
Tabela 10: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 10 .....	119
Tabela 11: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 11 .....	119
Tabela 12: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 12 .....	119
Tabela 13: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 13 .....	120
Tabela 14: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 14 .....	120
Tabela 15: Conhecimento da ocorrência dos Congressos de Medicina Popular em VP .....	121
Tabela 16: Participação nos Congressos de Medicina Popular .....	123
Tabela 17: Concordância com a realização desses CMP .....	125
Tabela 18: Vantagens que os CMP podem trazer para a região .....	127
Tabela 19: O que podem trazer os CMP de prejudicial para a região .....	128
Tabela 20: Uso de plantas medicinais para prevenir ou tratar a saúde .....	129
Tabela 21: Uso de Plantas medicinais e de medicamentos convencionais .....	133
Tabela 22: Os efeitos adversos das plantas medicinais .....	134
Tabela 23: Tipo de doenças tratadas com as plantas medicinais .....	135
Tabela 24: Confiança na eficácia dos produtos naturais comprados em farmácias, lojas e/ou supermercados .....	142

## Siglas E Abreviaturas

**Congº** - Congresso

**CMP** – Congresso de Medicina Popular

**MP** – Medicina Popular

**OMS** – Organização Mundial de Saúde

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PT** – Portugal Telecom

**P.e** – Padre

**Rev.** – Reverendo

**TV** – Televisão

**VP** – Vilar de Perdizes

## Introdução

A Sociologia explorada nesta investigação é a Sociologia do Imaginário, que foca no estudo do social, interessando-se por um vasto leque de atividades humanas. É o imaginário, são as crenças que movem o homem, que o fazem agir sobre o mundo em que vive. As representações sociais contribuem para a conservação da ordem social existente e, é exatamente esse o objetivo dos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes: conservar costumes, saberes, tradições, valores culturais que lhes foram transmitidos por gerações anteriores. Tais congressos não são mais do que uma tentativa da chamada pós-modernidade em recuperar o arcaico. Na presente investigação adota-se uma visão holística, ou seja, aborda-se o homem como um ser coletivo, como pertencente a uma coletividade e não como um indivíduo isolado do mundo social.

Escolhi o tema “Medicina Popular”, visto que parece-me ser diferente, atual e pertinente do ponto de vista sociológico, principalmente nos nossos tempos, marcados pelo desenvolvimento das tecnologias de ponta, tanto a nível comunicacional, como a nível medicinal. Com efeito, é curioso investigar porque é que, nos dias de hoje, onde a tecnologia e a ciência dominam, ainda vigora o uso de plantas medicinais na cura e tratamento de doenças. A crença move montanhas e o poder da fé ultrapassa tudo.

Esta pesquisa, foca as datas do início da utilização de plantas medicinais na cura e tratamento de doenças, os motivos que levam ao interesse pela medicina popular, a medicina popular como alternativa à medicina científica, foca também as medicinas alternativas. Importa perceber em que consiste a Fitoterapia, assim como os motivos que levam a que se desvalorize a medicina popular e risco do uso de plantas medicinais e fitoterápicos. Expõe-se ainda a importância da aprendizagem pelos enfermeiros acerca das terapêuticas naturais, os motivos que levam à repescagem da medicina popular e os que levam a que recorram aos curandeiros e a outros profissionais alternativos. Será que recorrem à medicina popular devido à sua cultura? Por que Vilar de Perdizes quer manter tradições antigas? Será que recorrem à medicina popular devido às suas crenças? Refere-se, finalmente, a importância da religião na explicação de recorrer à medicina popular na modernidade. É feita também alguma descrição da história de Vilar de Perdizes.

Foram realizadas catorze entrevistas, oito delas a residentes da aldeia de Vilar de Perdizes, as restantes entrevistas foram realizadas com a irmã do padre António Lourenço Fontes, o impulsionador dos Congressos de Medicina Popular, a uma formadora da aldeia de Pitões das Júnias, que tem um vasto conhecimento acerca do uso terapêutico de plantas medicinais, assim como uma agricultora da aldeia de Friães que também tem esse conhecimento. Outras entrevistas, foram feitas ao padre António

Joaquim, o atual substituto do padre Fontes, a uma farmacêutica, para que fosse possível perceber a perspetiva científica da questão e a uma professora de Biologia e Geologia, que é irmã de uma das organizadoras do Congresso de Medicina Popular em Vilar de Perdizes.

Foi ainda feita análise de conteúdo a quarenta e seis jornais locais do concelho de Montalegre, de seu nome: “Notícias de Barroso”, que nos dão uma perspetiva geral acerca dos Congressos. Os temas dos jornais vão desde a exposição do programa de cada edição do Congresso a sugestões de melhoria, aos aspetos melhorados ao longo dos anos, apresentação das atividades desenvolvidas durante o evento, dá-se ênfase à importância do Padre Fontes nos Congressos de Medicina Popular e para a região de Barroso e, critica-se a oposição feita aos tais Congressos bem como à falta de diálogo por parte dos médicos. De referir que não foi possível obter informações acerca dos jornais datados de 1990, 1991 e 2018.

## Capítulo I

### Medicina Popular

Importa perceber, antes de mais, em que consiste a Medicina Popular. A Medicina Popular é a utilização pelo povo de substâncias, gestos ou palavras para obter mais saúde para as pessoas. De acordo com Gaspar (2009), a medicina popular “não é apenas uma coleção de plantas medicinais, usadas para prevenir e curar doenças” (Gaspar, 2009), mas há também o lado dos rituais mágicos. Os rituais mágicos são uma tentativa de expulsar tudo o que é estranho e que foi colocado no corpo humano pelo sobrenatural. A medicina popular usa a religião como força mágica da cura. Esta medicina alternativa não é mais do que uma herança dos antepassados e a sua utilização é proveniente de vários cantos do mundo “É uma herança que os índios nos deixaram e uma das mais antigas formas de tratamento de doenças. Os africanos também trouxeram as suas ervas nativas (...) os portugueses disciplinaram o seu uso e investigaram com mais profundidade as propriedades terapêuticas de cada planta...” (Gaspar, 2009).

Segundo Ross (1983), a medicina popular difere da medicina científica devido ao fator cultura. A cultura popular é, segundo este autor, “um sistema de crenças e práticas mais aberto que o das sociedades que chamamos de primitivas que são caracterizadas por um sistema fechado com menos oportunidades de contacto cultural” (Ross, 1993 *apud* Domínguez, 2010, p.65). Assim, e de acordo com Domínguez, a medicina popular “é um conjunto de crenças e práticas médicas que se enraizam num saber local, constituído pela experiência acumulada e sujeito a contactos culturais com outros sistemas” (Domínguez, 2010, p.66).

Já de acordo com Manuel Freitas e Costa (2014) no seu Dicionário de termos médicos, define medicina popular como “Medicina doméstica e realizada através de conceitos e conhecimentos adquiridos e transmitidos pela experiência das populações (Costa, 2014, p. 748). Na sequência destas ideias e segundos António Fontes e João Sanches, a medicina popular abarca os seguintes domínios “a dietética e produtos vegetais, os rituais, manipulações físicas e o religioso (Fontes&Sanches, 1999, p.20).

De um modo sucinto, a medicina popular não é mais do que uma tentativa de prevenir e tratar a saúde através de métodos alternativos àqueles utilizados pela medicina científica.

### 1.1. A origem do uso de plantas medicinais na cura e tratamento de doenças

O uso das plantas com fins terapêuticos, já é praticado há milhares de anos. As plantas, acabaram por dar resposta às necessidades do homem em termos de abrigos, roupas, comida, sabores, fragâncias e medicinas. A planta é medicinal a partir do momento em que exerça alguma função terapêutica (Lopes et al, 2005, *apud* Firmo et al, 2011, p.91) e, as plantas medicinais, são uma património cultural. Estas correspondiam ao único recurso terapêutico a que as civilizações antigas tinham acesso para curar doenças. De acordo com a OMS, entende-se como planta medicinal "...uma espécie vegetal cultivada ou não, utilizada na sua totalidade ou nas suas partes, com propósitos terapêuticos (OMS, 2003 *apud* Baretto, 2011, p.18). O conhecimento acerca das plantas medicinais, é uma herança dos antepassados que vai sendo passada de geração em geração. As plantas medicinais, já foram utilizadas pelos primórdios e continuam a ser atualmente utilizadas por cerca de 80% da população, isto de acordo com a Organização Mundial de Saúde (Firmo et al, 2011, p.90). Assim sendo, cerca de 80% da população confia nos derivados das plantas medicinais, confia no conhecimento popular.

No século XVI, a imprecisão e insuficiência das terapêuticas convencionais levam a que comece a dar-se mais importância à química e à biologia, o que por sua vez leva a que a medicina popular, enquanto prática milenar, seja substituída pelos medicamentos. Com a revolução científica (século XVI) tudo passa a ser comprovado e verificado, a ciência traz consigo exigências como verificar tudo e, evitar erros (Avilla-Pires, 1995). A desvalorização das terapias populares, deu-se no período pós-guerra devido à ascensão das drogas sintéticas "Mesmo com os inúmeros registos da utilização de plantas medicinais por povos de diferentes culturas, no período pós-guerra, o aumento da veiculação da medicação alopática devido ao desenvolvimento dos medicamentos sintéticos fornecem o paradigma de que a tecnologia moderna havia superado o combate contra as enfermidades, culminando na desvalorização do prestígio e da credibilidade das terapias alternativas naturais (DI STASI, 1996, p.87). Na década de 40, do século XX, o uso de plantas medicinais foi desconsiderado devido ao surgimento da indústria química e farmacêutica, postura essa impulsionada pelo desenvolvimento da indústria química e farmacêutica e pelo modelo de educação introduzido nos cursos da saúde, priorizando o enfoque tecnicista (Fitoplama, 2005 *apud* Barreto, 2007, p.9). Houve até perseguições aos que exerciam as práticas não oficiais: "O saber médico hegemónico imperou, perseguindo e proibindo as práticas não oficiais, os charlatães, os sangradores, e tantas outras pessoas do povo, por considerá-las incapazes de exercer a arte de curar, impondo-se o reconhecimento social e valorização do saber médico" (Alvim et al, 2006). Começa, deste

modo, a dar-se maior importância aos medicamentos, desvalorizando o papel das práticas de saúde não convencionais.

Não há um consenso entre muitos dos autores que se debruçam acerca do início da utilização de plantas medicinais e de fitoterápicos na prevenção e cuidado da saúde (Firmo et al, 2011, p.94), contudo, há registos que comprovam o início da utilização de plantas medicinais com finalidades terapêuticas.

França et al (2008) acreditam que esse interesse pelo uso de plantas medicinais e fitoterápicos teve início na China, o que também é defendido por Duarte (2006) citado por Barreto, o qual afirma que os incentivadores da utilização de plantas vegetais foram os chineses, egípcios e hindus (Duarte *apud* Barreto, 2011, p.15). Madaleno (2015), já apresenta uma data diferente para o surgimento das mesmas “O tratado mais antigo escrito a propósito do uso das ervas curativas data do ano de 300 a.C”, e também corrobora esta ideia dizendo que as plantas com fins terapêuticos já eram utilizadas desde o tempo da Bíblia (Madaleno, 2015, p.117). Já Budge (1978) diz que os assírios foram os pioneiros do uso de plantas vegetais (Budge, 1978 *apud* Madaleno, 2015, p.116). O primeiro registo médico, de acordo com Firmo (2011), data de 2100 a.C. Helfand e Cowen (1990), por sua vez, dizem que a utilização de plantas para tratamento de doenças data de 4000 a.C.

Muitos acreditam que o uso caseiro de plantas foi influenciado pelos indígenas, o que não se leva em conta é que os índios têm uma expectativa de vida baixa e escassas condições de higiene. (Avilla-Pires, 1995). Os Europeus, viram-se obrigados a reconhecer a importância das plantas medicinais utilizadas pelos indígenas, enquanto remédios para a saúde em geral, assim, os índios passaram os seus conhecimentos aos europeus, isto porque estes demonstraram interesse em saber quais as práticas utilizadas pelos mesmos (Barreto, 2011, p.19).

Mas por que começou a surgir interesse pela medicina popular?

## 1.2. Preservar a medicina popular

A conservação do conhecimento popular é muito importante visto que corresponde a um aprendizado que se passa de geração em geração. Segundo Moreira *et al.* (2002), a transmissão do conhecimento tradicional e as pesquisas acerca dos princípios terapêuticos das plantas servem também para conservar as diversas espécies de plantas existentes (Moreira et al, 2002 *apud* Alves et al, 2015, p.151). Os recursos terapêuticos baseados na medicina popular são majoritariamente usados pelas comunidades rurais porque estas têm carências económicas e têm experiência no que refere ao cultivo das plantas medicinais. Os Congressos de Medicina Popular, realizados na aldeia de Vilar de Perdizes, por exemplo, não são mais do que uma tentativa de manter viva a sabedoria popular das suas gentes. Sabedoria do latim *sapere* (saborear, saber) tem vindo a sofrer um declínio visto que o Homem domina e manipula o mundo, porém, a sabedoria, apesar de precisar de ser testada cientificamente, como a sociedade contemporânea teima em defender, o saber passado, oralmente, de geração em geração, tem a sua importância e pode ou não ter validade (Santos, 1998, p.81). Deve conservar-se a informação transmitida pelos antepassados mas esta deve ser selecionada conforme a sua veracidade e validade. De acordo com Santos (1998), a sociedade contemporânea é obcecada por explicações cientificamente testadas. Sabedoria popular e ciência devem complementar-se porque muito do conhecimento que temos acerca do Homem advém de pesquisas científicas, mas a experiência de vida de cada indivíduo não deve ser descorada (Santos, 1998, p.84). A sabedoria popular não é mais do que a preservação dos valores universais referentes à comunidade à qual se pertence.

Quero apresentar a medicina popular como uma alternativa à medicina científica e não como uma oposição a esta, isto porque tanto o conhecimento popular como o científico têm a sua validade, estes apenas têm de ser comprovados “Milénar ou moderno, o que importa é o método de se obter e comprovar o conhecimento” (Avilla-Pires, 1995). Daí o crescente interesse governamental em associar ambas as vertentes: a popular e a científica. Assim sendo, as doenças podem ser tratadas quer por drogas sintéticas quer por rituais mágicos. Há, neste sentido, uma “mútua incompreensão entre os defensores dos dois pontos de vista, seja o crente se mostrando reticente face à atitude cética do cientista, seja o cientista revelando a incapacidade de se deixar tocar pela revelação anunciada pelo crente” (Nery, 2009, p. 26).

### 1.3. Medicina popular como alternativa à medicina científica

Há uma clara distinção entre a medicina popular e a medicina científica. A medicina popular define-se como “o conjunto de conhecimentos e crenças criados pelo povo, quer dizer, pelos profanos não profissionais...” (Fontes, 1999, p.20), a medicina científica, por outro lado “é a tentativa de, através de métodos mecânicos ou químicos, repor a função em condições próximas das consideradas normais ou saudáveis” (Bastos&Levy, 1987, p.223). É importante realçar que medicina tradicional não é o mesmo que medicina popular, a medicina tradicional (MT) é um termo amplo usado para se referir a vários sistemas como a medicina tradicional chinesa, medicina ayurvédica e as variadas formas de medicina indígena. (Brasil, 2009 *apud* Matsuchita, 2015, p.87). Há uma clara distinção entre a definição de medicina popular e de medicina científica, mas estas devem ser vistas como complementares e não como opositoras.

Enquanto que a medicina científica tem como objeto a doença e como objetivo a identificação e eliminação dessa doença, a medicina popular foca a sua atenção no doente e na recuperação da saúde do mesmo. O hospital moderno, contrariamente a esta ideia, caracteriza-se por despersonalizar e isolar os seus pacientes (Deslandes, 2004, p.9). Atualmente, o paradigma biomédico começa a perder pacientes para a medicina popular e/ou para as medicinas alternativas, na medida em que há uma efetiva deterioração da relação médico-paciente. Para que o utente consiga a cura pretendida tem de haver uma cooperação quer do médico quer do utente: “...ainda hoje, o poder de persuasão do médico, assim como a confiança e a colaboração do paciente, representam fatores de cura importantes” (Santos, 1998, p.85). Torna-se crucial que surjam alternativas à biomedicina que transforma tudo em mercadorias ou em bens de consumo. Precisa-se, então, de uma ciência mais humana, ecológica e integradora, uma vez que a medicina científica propõe uma prática reducionista (Queiroz, 2000, p.6), para além de que a terapêutica convencional baseia-se apenas na patologia dos órgãos, desvalorizando a parte emocional, isto é, o bem-estar psicológico do paciente (Avilla-Pires, 1995). A biomedicina deve, deste modo, ser ampliada, apresentar alternativas, até porque as medicinas alternativas apresentam a sua eficácia.

Mas afinal o que são as medicinas alternativas?

#### 1.4. As medicinas alternativas

Há, ainda hoje, sistemas alternativos ao método científico, como por exemplo, “a dinamização homeopática, os meridianos chineses, o castigo divino, o equilíbrio dos humores...” (Avilla-Pires, 1995). Os próprios rituais quotidianos feitos com plantas são uma resistência à medicina científica. As medicinas alternativas são “uma garantia de saúde para a comunidade” (Luz, 2005, p.155), e as escolhas das terapêuticas alternativas varia de indivíduo para indivíduo. Estes tipos de medicina são denominadas de alternativas na medida em que assumem uma posição diferenciada da medicina científica. Assim, recorrer a medicinas alternativas possibilita um estilo de vida mais saudável e mais ecológico.

Barbosa, assim como Hill, agrupam as medicinas alternativas em:

-Medicinas físicas: acunpuntura, moxabustão, shiatsu (e outras massagens), do-in, argilomedicina, cristais.

- Hidromedicina: hidromedicina (não especificada), banhos, vaporização e sauna.

- Fitomedicina: fitomedicina (não especificada), ervas medicinais, florais.

- Nutrição: nutrição alternativa (não especificada), terapêutica nutricional ortomolecular.

- Ondas, radiações e vibrações: radiestesia, radiômica.

- Medicinas mentais e espirituais: meditação, relaxamento psicomuscular, cromomedicina, toque terapêutico, visualização, Reich.

- Medicina de exercícios individuais: biodança, vitalização. (Barbosa e Hill, cit por Trovó&Silva,2002).

As medicinas alternativas, também, têm a sua origem em certos movimentos contraculturais, nomeadamente os movimentos do New Age, que surgiram nos Estados Unidos nos anos sessenta-setenta: “O contexto mais amplo do surgimento de propostas alternativas pode ser traçado a partir do movimento contracultural, tendente ao naturismo e influenciado pelas civilizações do Oriente” (Queiroz, 2000, p.8). Esse movimento focava-se em questões como a oposição à sociedade de consumo, denunciando os seus excessos e desperdícios.

Quanto à história do reconhecimento das práticas alternativas, a Organização Mundial de Saúde (OMS), desde 1976, que apoia a sua utilização (Queiroz, 2000, p.7). Na Conferência de Alma-Ata, em 1978, a OMS, recomendou a utilização de recursos das medicinas alternativas e, refere-se aos praticantes dessas medicinas, como importantes para melhorar a saúde populacional: “...a OMS recomendou formalmente a utilização dos recursos da medicina tradicional e popular pelos sistemas nacionais de saúde, reconhecendo, inclusive, os participantes dessa medicina como importantes aliados

na organização e implementação de medidas para aprimorar a saúde da comunidade” (Queiroz, 2000, p.7). Nessa mesma Conferência, Tedros Adhanom Ghebreyesus, o diretor geral da OMS, defendeu a ideia de que a biomedicina é ineficaz e incapaz de garantir a total resolução dos problemas sanitários da Humanidade (Luz, 2005, p.152). A Organização Mundial de Saúde, aceita praticantes de medicinas alternativas em países em desenvolvimento porque estes podem constituir uma solução para a carência de medicamentos. Em 1978, as terapêuticas alternativas continuavam a ser utilizadas por grande parte da população mundial e, no caso dos países em desenvolvimento, há um incremento na integração quer das medicinas oficiais quer das alternativas (Silva & Benko, 1978, p.461). Já em 1989, a ONU, realizou algumas ações no que à utilização de plantas medicinais diz respeito: “Na Resolução WHO 42.43, em 1989, a assembleia de saúde da Organização das Nações Unidas (ONU) convocou os seus países membros para: a) realizar inventários sistemáticos dos padrões pré-clínicos e clínicos do uso das plantas medicinais pelos curandeiros e pela população; b) introduzir medidas reguladoras e de controle dos produtos de plantas medicinais; c) restabelecer um sistema de padrões; d) e ainda identificar as plantas medicinais, os medicamentos delas derivados que tenham um critério de eficácia comprovado que deveria ser incluído nas indicações das plantas medicinais e nas farmacopeias” (Barreto, 2011, p.17).

Atualmente, verifica-se uma efetividade das práticas alternativas a) associando a concepção de saúde integrada ao bem-estar físico, mental, social e espiritual; b) estimulando que cada sujeito assuma a responsabilidade da sua própria saúde-doença, aumentando ações de autonomia; c) propiciando que os profissionais se identifiquem como pares no processo de re-orientação das atitudes, crenças e hábitos dos pacientes; d) valorizando além das noções biomédicas, também, os fatores emocionais, espirituais, sociais, entre outros e) possibilitando um modelo para a prática que privilegia técnicas naturais, medicamentos ou procedimentos harmonizantes e estimulantes do potencial de re-equilíbrio do próprio doente (Tesser&Barros). Luz, expõe os motivos de sucesso social e institucional, bem como os obstáculos que as medicinas alternativas encontram no caminho do seu reconhecimento: a) há um encontro cultural das medicinas tradicionais com as novas representações e concepções descritas, de saúde, adoecimento e cura, e relações homem/natureza, presentes atualmente na sociedade civil, tanto nas camadas sociais superior, média e inferior; b) as medicinas alternativas vêm funcionando como um modelo atraente de relação terapeuta-paciente para um setor dos médicos ocidentais, aqueles comprometidos com a questão da arte de curar; c) há um crescimento progressivo, nos últimos quarenta anos, de concepções e teorias psicossociais do adoecimento no interior da própria medicina contemporânea; d) há uma incorporação crescente pelo saber médico das concepções e explicações médico-sociais na etiologia das doenças no século XX. (Luz, 2005, p.165). Existem diversos motivos para recorrer às medicinas

alternativas, como por exemplo: "...condições de pobreza e a falta de acesso aos medicamentos, associados à fácil obtenção e tradição do uso de plantas com fins medicinais" (Veiga Júnior, Pinto, 2008 *apud* Firmo et al, 2011, p.93). Todos estes fatores levam a que, nestas sociedades, se recorra cada vez mais a medicinas alternativas, seja pela falta de resposta da medicina científica, pela maior atenção dada pelos terapeutas alternativos, pela crença em tradições antigas. E a questão da crença em tradições antigas é muito importante para explicar o resgate da medicina popular na atualidade. Este aspeto será analisado mais adiante.

Um exemplo de uma prática alternativa à saúde é a Fitoterapia, mas afinal em que consiste a fitoterapia?

## 1.5. Fitoterapia: uma medicina alternativa

A Fitoterapia é, fundamentalmente, a prática que se dedica ao tratamento de plantas medicinais. Esta, “baseia-se na ingestão de infusões, decocções e macerações de ervas, cascas, raízes, folhas, flores ou frutos de árvores, arbustos e de herbáceas diversas” (Madaleno, 2015, p.116) e já é legitimada desde a Antiguidade. A Fitoterapia, permite o reequilíbrio entre o homem e a natureza, entre o homem e o ambiente que o envolve, permite restaurar e normalizar o corpo humano. Fitoterápico “é um produto que se origina da planta medicinal ou dos seus derivados, utilizados com finalidade profilática, curativa ou paliativa (Brasil, 2009, *apud* Matsuchita, 2015, p.86). Já há grande número de câmaras municipais a recorrer a fitoterápicos, eles apresentam riscos mas também qualidades e são muito vendidos na atualidade. Mesmo com os avanços científicos, a fitoterapia, continua a focar-se, maioritariamente, na sabedoria popular e a Organização Mundial de Saúde, apoia a sua utilização exatamente por esta ter uma base tradicional. Esta torna-se um meio mais fácil e barato de obter resultados positivos na saúde de cada indivíduo. Vem dar resposta à crise cultural que o ocidente está a viver que com a falta de recursos sanitários e de educação levam a que recorram a terapêuticas pouco custosas e, torna-se também menos lesiva à saúde humana. A Organização Mundial de Saúde (OMS), define medicina herbática ou fitomedicina como “aquela que utiliza preparações herbáticas produzidas pela sujeição dos materiais de origem vegetal à extração, fraccionação, purificação, concentração ou outros processos físicos ou biológicos” (OMS, 2008). A Fitoterapia é prática milenar, que vai de encontro às necessidades modernas e é utilizada em locais de acesso público, como é o caso das feiras livres. As feiras livres vão muito para além de um espaço onde se compra e vende. Nestes espaços desenvolvem-se relações de confiança e trocam-se valores culturais, as feiras livres são ambientes que representam múltiplas relações socioculturais” (Medeiros, 2010 *apud* Carmo et al, 2015).

Em termos de percentagens de países que utilizam tratamentos não convencionais, incluindo a fitoterapia, “foi estimada em 10% na Dinamarca, 33% na Finlândia, 49% na Austrália e 48% nos EUA” (Moreira et al, 2001 *apud* Barreto, 2007, p.58). Esse facto faz com que esta seja retomada como auxílio no tratamento de doenças ao lado da biomedicina. A prática de saúde referida (fitoterapia) tem sido cada vez mais reconhecida por vários países, passando a ser adotada em alguns deles como política pública de saúde (Barreto, 2011, p.17). De acordo com Matsuchita, a fitoterapia deve ser reconhecida e legislada institucionalmente (Matsuchita, 2015, p.88).

Resumindo, a fitoterapia foca a sua atenção nas plantas medicinais bem como nas suas propriedades terapêuticas, desde que estas sejam de origem vegetal. A fitoterapia, pode ser considerada

“uma prática que compõe o sistema terapêutico de diversas áreas médicas de caráter holístico, como por exemplo, a medicina tradicional chinesa, a tradicional indígena, e ainda, a medicina afro-brasileira e afro-americana” (Luz, 2003 *apud* Matsuchita, 2015, p.87). O paradigma holístico surge da crise da ciência, da objetividade, da quantificação, etc. De acordo com este paradigma, “o planeta terra está doente, os seus habitantes efêmeros e o seu habitat poluído e contaminado” (Teixeira, 1996, p.286), contudo, o holismo promoverá novas construções, novas atitudes e irão surgir novos modelos de fazer a ciência. O novo paradigma, tem uma visão sistêmica, ou seja, há uma interdependência entre as partes e adota uma postura transdisciplinar (fenômenos só são compreendidos com a observação do contexto em que ocorrem). Essa postura transdisciplinar é, no fundo, um encontro entre ciência e tradição, entre ciência e sabedoria, mas a transição do paradigma científico para o novo paradigma deve ser feita lenta e cuidadosamente, dada a importância da terapia biomédica na cultura ocidental. Assim, “a transdisciplinaridade reata a ligação entre os ramos da ciência com os caminhos vivos da espiritualidade” (Teixeira,1996,p.287), isto é, a abordagem holística em saúde convoca uma aproximação entre o saber oficial e o saber popular. A saúde, para ser holística, precisa de cumprir certos requisitos e o mais importante é a universalidade “...ser estudada como um grande sistema, como um fenômeno multidimensional, que envolve aspectos físicos, psicológicos, sociais e culturais, todos independentes...” (Teixeira, 1996, p.289). De referir que o marco histórico que levou ao surgimento do holismo foi a declaração de Veneza, em 1986 “que aponta o momento da crise da ciência e indica a necessidade de reconhecermos a urgência de novos estudos e pesquisas, numa perspectiva transdisciplinar em intercâmbio dinâmico entre as ciências exatas, as ciências humanas, a arte e a tradição” (Teixeira, 1996, p.289).

A Fitoterapia, enquanto processo saúde-doença, é tanto usada pela população rural como pela população urbana apesar de que a segunda fá-lo discretamente ou mesmo às escondidas. No meio rural, o uso terapêutico de plantas medicinais e de fitoterápicos é, em muitos países, a única forma de tratamento da doença que as populações têm (Souza & Pasa, 2013,p.143). Recorrer a este tipo de alternativas não é algo que caracterize apenas o tempo presente: “Dados da OMS mostram que, já na década de 70, para dois terços da população mundial, as técnicas alternativas eram ainda a única fonte de assistência à saúde”, resultando a saúde, segundo a OMS, “de um bem-estar físico, mental e social”. (Queiroz, 2000, p.8).

Mas por que há um período na história em que se começa a dar menos importância à medicina popular? Terá que ver com o surgimento da ciência?

## 1.6. Desvalorização da medicina popular

De acordo com a teoria de Hipócrates, os processos de cura não devem ser perspectivados apenas misticamente. Hipócrates, defendeu que a saúde e a doença dependiam de uma relação de equilíbrio entre a mente e o corpo, e pôs em causa a origem natural das coisas. Deixa então de dar-se grande relevância ao sobrenatural e ao divino para passar a colocar-se o homem no centro de todas as coisas, tendência que foi acentuada na Idade Média, período no qual “renasce o interesse pelo mundo material, passando o homem a ser visto como centro do universo, em contraposição ao divino e sobrenatural” (Alvim et al, 2006).

A imprecisão e insuficiência das terapêuticas convencionais levam a que comece a dar-se mais importância à química e à biologia, o que por sua vez leva a que a medicina popular, enquanto prática milenar, seja substituída pelos medicamentos (Barreto, 2007). Com a revolução científica (século XVI) tudo passa a ser comprovado e verificado e a ciência traz consigo exigências como verificar tudo e, evitar erros. Tanto os médicos como os seus pacientes, não conseguem testar o risco das plantas medicinais sem que estas sejam submetidas a um teste. Quando uma teoria não é comprovada acaba por ser substituída por outra, neste caso, o conhecimento popular acaba por ser substituído pelo conhecimento científico. De acordo com Alvim et al (2006), todos os saberes e práticas que não sejam comprovados cientificamente passam a ser descartados “plantas medicinais, começaram a ser desprestigiadas, pois não faziam parte do saber especializado, comprovado pela lógica da ciência, e tudo o que não era objetivado, explicado e demonstrado cientificamente, foi sendo descartado como saber e como prática” (Alvim et al, 2006).

Até ao século XIX, poucos eram os recursos terapêuticos existentes. Até 1930, havia poucos recursos terapêuticos, contudo, a partir dessa data tomou-se conhecimento da existência de drogas sintéticas (Avilla-Pires, 1995). A partir do século XIX, começa a dar-se menos importância à medicina popular uma vez que surgiu a revolução industrial e tecnológica bem como a produção de medicamentos. Com a revolução industrial, dá-se uma mudança brusca na mentalidade acerca da doença, uma vez que o surgimento das máquinas e a produção capitalista exigiam força de trabalho em grandes quantidades e, para isso, os trabalhadores deveriam ser saudáveis (Alvim et al, 2006). Segundo a ciência, o corpo é visto como uma máquina que deve trabalhar com eficiência, com saúde, caso contrário, se a máquina apresentar defeitos, surgirá “a doença, que de acordo com essa conceção, era causada por defeitos de peças da máquina humana...” (Trovó e Silva, 2002). No século XX, aumentou o uso de medicamentos sintéticos nas terapias modernas. Na década de 40, do século XX, o uso de plantas medicinais foi

desconsiderado devido ao surgimento da indústria química e farmacêutica. Começa, deste modo, a dar-se maior importância aos medicamentos, desvalorizando o papel das práticas de saúde não convencionais (França et al, 2008, p.201). A verdade é que as plantas medicinais, assim como os fitoterápicos, apresentam riscos e desvantagens o que também pode ser um dos motivos que leva ao desinteresse pelas medicinas alternativas, como é o caso da medicina popular.

### 1.7. Riscos das plantas medicinais e fitoterápicos

Um dos maiores utilizadores e com maior experiência com o uso de plantas medicinais é o herbolário, este conhece a maioria delas, todavia, há erros na indicação correta desses produtos, dos efeitos adversos e toxicidade dos mesmos. Os herbolários, necessitam de ter um maior conhecimento acerca dos produtos que indicam aos usuários e devem informá-los conscientemente acerca dos mesmos. Eles conservam os produtos que vendem em sacos e pacotes o que pode fazer com que ganhem mofo o que, por sua vez, pode levar a intoxicações (França et al, 2008, p.203).

Quer os herbolários quer outros profissionais que lidem com o uso de plantas terapêuticas devem ter como principal função a de informar corretamente os usuários, sendo que as comunidades, sejam elas rurais ou urbanas, baseiam-se apenas na informação generalizada providenciada oralmente e popularmente ou pelos mídia (França et al, 2008, p.202), falta-lhes, às pessoas, uma base de conhecimento também científico e não apenas popular sobre as plantas medicinais. Também deve ressaltar-se que as medicinas alternativas, apesar de pretenderem ser uma alternativa à medicina científica devem, tal como esta, testar a eficácia e a qualidade dos seus produtos para que os usuários não corram riscos de intoxicação (Avilla-Pires, 1995). Mesmo os procedimentos no tratamento das plantas podem ser mal executados e levam à perda total ou parcial dos princípios ativos das mesmas (França et al, 2008, p.202), todavia, esses procedimentos, quando bem executados, podem ser benéficos. É, assim, necessário o esclarecimento acerca das informações prestadas sobre a ação e uso de plantas medicinais para que não surjam efeitos negativos.

Grande parte das plantas existentes não são testadas, a sua qualidade e segurança não são comprovadas. As plantas são, muitas vezes, comercializadas em feiras livres, farmácias, lojas, supermercados como sendo livres de efeitos tóxicos adversos, o que não corresponde à realidade. (Veiga Jr et al, 2005 *apud* Pereira & Albieiro, 2015). Mesmo Unidades Básicas de Saúde recorrem ao uso de plantas medicinais não testando a sua eficácia: “Unidades Básicas de Saúde fazem uso de plantas medicinais com fins terapêuticos e muitas vezes desconhecem a existência de possível toxicidade e ação terapêutica comprovada, forma correta de cultivo, preparo, indicações e contraindicações, não são prejudiciais à saúde, independente da forma e quantidade utilizada” (Tommazoni, 2004 *apud* Barreto, 2011, p.26). Para que as Unidades Básicas de Saúde possam recorrer, sem problemas, ao uso de fitoterápicos têm de ter conhecimento acerca das suas propriedades terapêuticas.

Cerca de 80% da população mundial faz uso de plantas medicinais, porém, a grande maioria, desconhece os efeitos colaterais que destas podem advir: “Segundo a Organização Mundial de Saúde,

cerca de 80% da população faz uso de plantas medicinais para fins de tratamento, cura e prevenção de doenças, contudo é importante lembrar que tais drogas vegetais não estão isentas de provocarem efeitos colaterais nos seus usuários” (Pereira & Albieiro, 2015). O uso de plantas medicinais deve ser vigiado e orientado, caso contrário, o organismo sofrerá efeitos nocivos. Os usuários acabam por confiar no conhecimento popular transmitido de geração em geração, porém, o que o senso comum defende, nem sempre corresponde ao mais correto, mas a verdade é que o crédito no conhecimento popular é dificilmente contrariado. Para que se evitem riscos desnecessários, os usuários não devem automedicar-se através do uso de plantas medicinais sem o consentimento de um profissional de saúde especializado na área, independentemente do tipo de medicação e das suas formas de apresentação farmacêutica (alopática ou fitoterápica) o seu uso deve ter indicação terapêutica (Silveira et al, 2008 *apud* Brito et al, 2014, p. 15).

Torna-se, neste sentido, importante que os enfermeiros, enquanto profissionais de saúde, tenham um vasto conhecimento acerca da utilização de terapêuticas naturais, uma vez que desempenham, também, o papel de informadores dos utentes.

## 1.8. O papel da enfermagem e as terapêuticas naturais

Os enfermeiros utilizam a terapêutica convencional sem a questionar, desvalorizando o saber popular: “E, na atuação profissional, o que ocorre é que o enfermeiro tende a reproduzir acriticamente esse modelo (científico), desconsiderando, por vezes, outras possibilidades de manifestação do saber sobre a saúde, como as advindas da sabedoria popular” (Alvim et al, 2006). O desinteresse dos enfermeiros pelas terapias naturais ou o facto de estas não lhes serem ensinadas em termos académicos, levam a que a aplicabilidade de plantas medicinais, por exemplo, se torne mais difícil, neste sentido, é necessário que haja uma aprendizagem contínua e informada pelos enfermeiros acerca do uso terapêutico das plantas medicinais. É crucial que estes, enquanto profissionais de saúde, tenham conhecimentos cada vez mais abrangentes acerca de modelos que diferem do modelo biomédico, na medida em que como têm contacto direto com os utentes, o seu dever é informá-los sobre todas as hipóteses que podem escolher. Devem ter conhecimento das práticas naturais porque estas, quando utilizadas corretamente, podem ser eficazes (Silva & Benko, 1988, p.460). De um modo sucinto, nos dias de hoje, há cada vez mais a necessidade de produzir profissionais capazes de perceber as terapêuticas populares.

## 1.9. Repescagem da medicina popular

A ciência, acaba por dar novamente importância ao uso das plantas medicinais uma vez que estas, porque já têm princípios ativos na sua constituição, ajudam a que o desenvolvimento de novos medicamentos se torne mais rápido, e também devido ao “à falta de acesso da população à assistência médica e farmacêutica, à crise económica e a uma tendência dos consumidores em utilizar produtos de origem vegetal” (Simões et al, 1988 *apud* Barreto, 2011, p.26). O cultivo das plantas tem aumentado substancialmente porque as comunidades procuram tratamentos mais saudáveis. As plantas medicinais, são utilizadas para diversos fins “que vão desde saciar a fome e auxiliar como fonte de renda, até cumprirem rituais de cura das mais diversas enfermidades físicas e/ou espirituais” (Carmo et al, 2015). Hoje em dia, tanto os países em desenvolvimento como os países desenvolvidos fazem uso terapêutico das plantas medicinais. Nos países em desenvolvimento as plantas são, maioritariamente, utilizadas nos cuidados primários de saúde, nos países desenvolvidos, por outro lado, a modo de utilizar os produtos biológicos naturais, também vêm impulsionando maior interesse pelas plantas medicinais e pelos seus produtos, daí o facto de que 50% das drogas sintéticas, nos países desenvolvidos, sejam provenientes de plantas. A utilização de plantas terapêuticas renasce porque estas são um bem precioso para assegurar a saúde de cada um. Ainda no século XX, as plantas constituíam uma grande ajuda no alívio e cura de doenças nos países em desenvolvimento (Firmo et al, 2011, p.93). O interesse no conhecimento acerca de plantas aumenta na medida em que a sua finalidade terapêutica pode ser comprovada cientificamente e, deste modo, passaram a ser utilizadas pelas sociedades industrializadas. As plantas medicinais, são novamente procuradas porque são baratas e, por vezes, eficazes e os seus efeitos terapêuticos acabam por ser uma resposta à falta de assistência à saúde a uma população tão numerosa do planeta Terra.

Durante a segunda guerra mundial, a necessidade de se conseguir obter alternativas a algumas drogas sintéticas levou a um resgate da utilização das práticas naturais de saúde: “A segunda guerra mundial, dificultando ao mercado consumidor o acesso aos produtos de certas indústrias farmacêuticas e, a estas, as suas fontes de matérias-primas, estimulou a procura de substitutos para determinadas drogas”, assim, a renovação dessas práticas data da época da segunda guerra mundial (1939-1945) (Avilla-Pires, 1995). Já nos anos 80-90, do século XX começou a resgatar-se o uso das plantas medicinais, daí a importância que estas têm no processo saúde-doença. Nos últimos anos, tem havido uma tentativa de legitimação das práticas de saúde não convencionais: “o uso terapêutico de plantas medicinais no cuidado da saúde, antes situado à margem das instituições de saúde, hoje ultrapassa

essas barreiras tentando legitimar-se nesse meio” e a verdade é que o Ministério da Saúde já tem criado leis relativas às práticas de saúde populares (Carmo et al, 2015).

Berta Nunes, expõe três principais atitudes em relação às práticas médico-populares: 1. Há os que dizem decididamente que tudo é charlatanice e que eles (terapeutas populares) deviam ser proibidos de exercer e mesmo ser punidos”, na opinião de Berta Nunes esta é uma posição normalmente defendida por pessoas pouco conhecedoras do que é a medicina popular e pouco abertas a aceitar o que é diferente. Numa segunda visão, surgem os mais moderados que “reconhecem que a medicina popular tem coisas aproveitáveis, algumas mesmo extraordinárias. Berta Nunes, contrapõe-se a ambas as atitudes assumidas e referidas anteriormente. A terceira posição, que é considerada a mais correta por Berta Nunes, “procura entender o porquê da ida do doente ao curandeiro e o porquê da eficácia dos atos terapêuticos por estes praticados” (Nunes, 1987, p.235). Assim, cada vez mais se verifica a preocupação de encontrar a harmonização do homem com a natureza, daí a revalorização das práticas alternativas de saúde (Silva & Benko, 1988, p.461).

Resta-nos, então, perceber, porque motivo recorrem, hoje em dia, a curandeiros, herbolários, endireitas...a terapeutas populares?

### 1.10. Evocação de curandeiros e outros profissionais alternativos

No caso dos Congressos de Medicina Popular, que decorrem em Vilar de Perdizes, no concelho de Montalegre, por exemplo, há uma clara divisão de opiniões acerca da medicina popular e das medicinas alternativas: “As primeiras foram, como não podia deixar de ser, com os médicos. Estes logo começaram a dizer que as atividades dos curandeiros eram tretas que exploravam a credence popular e que, portanto, o melhor era proibir tais congressos, como se deveriam proibir os adivinhos, bruxos, astrólogos, etc”. (Fontes, 1999, p.147), mas a verdade é que os profissionais alternativos acabaram por sobreviver e resistir a tudo e, ainda hoje, decorrem todos os anos, em Vilar de Perdizes, os Congressos de Medicina Popular.

Mas porque é que as populações rurais recorriam e, continuam a recorrer, a curandeiros? Os doentes escolhem, muitas das vezes, os terapeutas populares (curandeiros, adivinhos, bruxos, falsos médicos, etc.), porque as categorias utilizadas por eles coincidem com as dos doentes já que são buscadas no mesmo fundo de linguagem não-científica” (Bastos&Levy, 1987, p.229). Outro motivo que leva a que os indivíduos recorram ao curandeiro é o facto de este manter relações informais. Muitos dos agentes alternativos surgem porque são necessários e só vão desaparecer quando essa necessidade desaparecer também. O que leva a que as pessoas recorram, preferencialmente, a um curandeiro, é o facto de este dar importância aos aspetos pessoais do seu paciente, contrariamente ao médico, que se baseia na racionalidade. Os visitantes dos Congressos de Medicina Popular veem o curandeiro como um conselheiro e um bom ouvinte. Os curandeiros “prescreviam dietas, remédios caseiros, tratamentos fundamentados na experiência acumulada de gerações, usualmente acompanhados por rituais com recitação de benzeduras” (Moraes, 2015, p.215). De acordo com Carvalho, as principais funções desempenhadas pelos praticantes de medicinas alternativas englobam remédios empíricos, rituais mágicos e socorro religioso (Carvalho, SD, p.31). Batalha (2004), diz que um curandeiro “usa ervas e poções mágicas para curar através do contacto com os antepassados do doente”, mas para o médico oficial isto é charlatanice. Existem também o(a)s bruxo(a)s que “...contrariamente ao que se possa pensar, as bruxas e a bruxaria não são coisas do passado nem de sociedades “atrasadas” ou “primitivas” (Batalha, 2004, p.276).

Os defensores da medicina popular, dizem que a relação do médico científico com o doente não deve ser meramente física, até porque pode haver um desajuste entre o que os médicos pensam transmitir ao doente e o que da parte destes é captado. Para que o doente se sinta corretamente atendido pelo médico, gosta que o profissional de saúde conheça a sua história de vida, aspeto que muitas vezes

é ignorado. O profissional de saúde, tem de começar a dar importância a estes aspetos culturais e sociais para que as suas consultas tenham sucesso, caso contrário, “na vez dele, os agentes da medicina popular tradicional continuarão a captar uma boa parte da procura de cuidados para a cura de males da população (Nunes, 1987, p.233, *apud* Gonçalves, SD, p.166). Todavia, o utente é o principal responsável por participar ativamente no seu processo saúde-doença.

Batalha (2004), refere os profissionais do culto religioso na sua obra “Antropologia – uma perspectiva holística” e defende a ideia de que “em quase todas as sociedades humanas existem profissionais credenciados socialmente na organização e condução do culto religioso” (Batalha, 2004, p.265). Esses profissionais são os responsáveis pelo contacto entre o mundo dos vivos e o mundo sobrenatural, mas para ser um profissional de culto religioso é preciso reunir determinadas condições: “Para se ser especialista religioso é preciso passar por determinadas provações e testes até se demonstrar que se tem necessárias aptidões” (Batalha, 2004, p. 266). Um bruxo “identifica-se pelo seu comportamento socialmente anómalo. Não cumprimentar os outros ao passar, viver sozinho(a) e procurar o isolamento, vender a preços elevados, vaguear à noite, não mostrar pesar pela morte de familiares ou vizinhos, não cuidar bem dos familiares e dos filhos...” (Batalha, 2004, p.277). No continente africano, em países com formação superior, a bruxaria continua a ter um papel importante na explicação das doenças e nas práticas de cura, isto porque “em muitas sociedades, a causa das doenças não é atribuída a germes, bactérias e vírus, como acontece nas sociedades dominadas pela prática médica com origem na Europa, mas sim a ações de bruxaria” (Batalha, 2004, p.269), na sociedade africana, a causa do surgimento das doenças é a feitiçaria ou a falta de proteção por parte dos antepassados. Deste modo, onde não existem hospitais nem médicos para lidar com as doenças, nem outras soluções com resultados comprovados, a bruxaria é uma solução perfeitamente razoável. Em qualquer sociedade, as pessoas não se satisfazem com possibilidades, querem certezas, o desconhecido torna-se incómodo, logo, a bruxaria torna-se uma forma fácil de controlo dos comportamentos que se afastam demasiado das normas sociais.

### 1.11. Medicina popular e cultura popular

A cultura, é uma produção histórica das relações dos grupos sociais uns com os outros. Cada coletividade sente-se tentada a defender a sua especificidade, provando que o seu modelo cultural é original, o mesmo acontece com alguns dos habitantes de Vilar de Perdizes e com os organizadores do Congresso de Medicina Popular, que querem manter vivas tradições antigas. Vilar de Perdizes, tem um cultura específica porque reúne três condições: a) pode identificar-se um certo número de traços culturais comuns aos membros do grupo, suficientemente específicos para permitir diferenciá-los dos outros grupos; b) que este conjunto de traços culturais forme um sistema unificado, de tal forma que cada traço cultural apenas se possa explicar a partir das relações que mantém com os outros elementos da cultura; c) que estes traços culturais se transmitam de geração em geração, sem sofrer modificação sensível. O termo “cultura” provém do verbo latino *colere*, que designa o facto de cultivar a terra. Para a sociologia e para a antropologia o termo “cultura” tem um sentido mais amplo, serve para designar o conjunto das atividades, das crenças e das práticas comuns a uma sociedade ou a um grupo social particular. Na aldeia de Vilar de Perdizes, as suas gentes, querem simplesmente manter vivos os costumes, os hábitos de gerações anteriores que chegaram a comprovar que as plantas medicinais tinham a sua eficácia, num tempo que não era marcado pela medicina científica e pelas tecnologias. Há que cultivar a ideia de preservação, de perceber as raízes da própria nação e também cultivar a ideia de autenticidade, ou seja, viver como viviam os seus antepassados.

Um conjunto de pessoas torna-se um grupo social a partir do momento em que estabelece uma relação de identidade, quando partilham um sentimento de pertença, uma história, uma cultura, uma religião, laços de solidariedade cívica, económica e política. O grupo é visto como uma continuidade no tempo, que se vai mantendo e, os defensores dos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes, pretendem dar essa continuidade aos valores e saberes que lhes foram transmitidos ao longo da vida, o que não quer dizer que os congressos não sofram reconstruções e renovações, até porque muitos defendem que o congresso deve continuar, mas deve sofrer alterações, é um mito pensar que tradições são impenetráveis à mudança. As tradições evoluem com a passagem do tempo, mas também podem ser transformadas e alteradas, são inventadas e reinventadas. A tradição é mantida, é conservada em grupos, em comunidades e coletividades. A mudança, por si só, implica a destruição e o desaparecimento de valores, ideias e comportamentos assim como a emergência de outros novos” (Batalha, 2004, p.303). Foram as transformações ideológicas, sociais, económicas e políticas que levaram a um desajustamento e envelhecimento de muitas instituições assim como de muitos valores,

costumes e habitus caraterísticos de muitas comunidades tradicionais. A cultura, é um meio de integração do homem dentro do conjunto social de que participa.

Tudo isto nos leva ao que se chama de etnocentrismo, ou seja, quando colocamos a cultura com a qual nos identificamos, no centro de todas as coisas, repugnando tudo o que se lhe oponha. Parece que a diversidade de culturas raramente surgiu aos homens tal como é: um fenómeno natural, resultante das relações diretas ou indiretas entre as sociedades, sempre se viu nela uma espécie de escândalo. Reagimos com repulsa face a outras maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas. O etnocentrismo é, neste sentido, “o termo técnico que designa essa visão das coisas segundo a qual o nosso próprio grupo é o centro de todas as coisas, sendo todos os demais grupos medidos e avaliados por referência ao primeiro” (Cuche, 2001, p.47). No etnocentrismo, cada grupo tem os seus próprios costumes e despreza tudo o que seja estrangeiro. O etnocentrismo, é uma representação do outro, é uma análise de outra cultura usando como ponto de comparação a nossa própria cultura.

Geertz, define cultura como um “padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de conceções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as suas atividades em relação à vida” (Geertz *apud* Silva, 1994, p.22), no fundo, e de acordo com Augusto Santos Silva, as diferentes culturas são padrões estruturantes da ação, ou seja, as culturas comandam a ação social, a qual é estudada através da observação da vida quotidiana. Toda a ação social envolve construções simbólicas e, no caso de Vilar de Perdizes, é o simbolismo e o significado que os Congressos de Medicina Popular têm para os visitantes que os leva a manter tradições e culturas que foram transmitidas de geração em geração. Assim sendo, a ação social é “carrilada por padrões simbólicos, modelos socialmente produzidos de representação e conduta quotidiana” (Silva, 1994, p.25). Segundo Bourdieu, a cultura aplica-se a situações particulares “Ela constitui um conjunto de esquemas fundamentais, previamente assimilados, e a partir dos quais se articula, segundo uma arte de invenção análoga à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares diretamente aplicados a situações particulares” (Bourdieu *apud* Silva, 1994, p.26), neste sentido, a cultura não é uma representação de problemas comuns. A análise cultural, consiste em interpretar os processos de transformação de princípios básicos partilhados em diferentes e específicos sentidos e comportamentos. Quando se fala em cultura, não se pode discursar os campos culturais que não são mais do que “redes de instituições e agentes especializados, que se configuram como espaço de relações dotados de certa autonomia face à globalidade do espaço social” (Silva, 1994, p.33), há que preservar as raízes culturais de cada comunidade, raízes “...como na árvore, base comum que se alimenta bem fundo, na espessura histórica dos processos de formação e

desenvolvimento estrutural, e suporte de um tronco de que brotam ramagens diversas, embora, por isso, articuladas” (Silva, 1994, p.468), quer isto dizer, que a cultura possui raízes profundas interligadas entre si que devem ser mantidas para, assim, possibilitar a subsistência da comunidade. Ainda de acordo com Augusto Santos Silva, existem três tipos de cultura: a cultura cultivada, a cultura de massas e de entretenimento e a cultura popular. Interessa-nos aqui focar na cultura popular e na riqueza e complexidade das culturas criadas por sociedades de pequena dimensão que dispõem de muito pobre tecnologia material. Há respostas polares quanto à maneira como se deve analisar a cultura popular, por um lado, para compreender uma cultura popular na sua coerência simbólica, será necessário tratá-la como um universo significativo autónomo, esquecendo tudo o que existe fora dela ou, por outro lado, será necessário partir da dominação social que a constitui como cultura dominada, para interpretar em relação a esse princípio de heteronomia todos os seus movimentos e produções simbólicas? A verdade é que os comportamentos coletivos marcam a vida social, como por exemplo, festividades católicas ou os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes em que a fé faz com que centenas de pessoas se desloquem para melhorar ou tratar a sua saúde. A cultura é, portanto, a inculcação de gestos, símbolos e posturas, é a lógica e prática das representações. Cultura popular, segundo Silva, é “este processo pelo qual um passado presente que funciona tão duradouramente como fonte e razão de ser da ação de hoje, mas cuja presença se defronta com a pluralização das referências dos espaços e dos tempos e por aí se valoriza como presença de algo que é já passado – regressa simbolicamente transmutado em objeto de uma prática demarcada, o ato cultural de recriação e salvaguarda do quê, enquanto objeto, ainda possa servir de razão de ser, recurso matricial para pensar e compreender a interceção de diferentes mundos” (Silva, 1994, p. 303). A cultura popular pode ir desde a) a aprendizagem das técnicas da leitura e da escrita; b) disseminação de noções relativas às ocupações normais do povo (agricultura, pecuária...), c) vulgarização de noções relacionadas com o nível de vida rural; d) exibicionismo folclórico e decorativo, entre outros (Denys, 1999, p.3). Da cultura, fazem parte realidades que já existem, que resultam do património secular das gerações “toda a cultura se define, em termos de consciência de valores. Ser consciente de direitos e deveres, amar a terra em que se nasceu, sentir o orgulho das suas usanças, ter um sentimento de justiça, formar uma noção da autoridade, da sociedade, da família, da responsabilidade do trabalho, sentir o orgulho dos pais e os deveres dos filhos, compreender as exigências da solidariedade humana e praticar a ajuda coletiva, venerar lugares, respeitar costumes, ter determinado critério sobre o que é bem e o que é mal – tudo isto são as pedras fundamentais da cultura popular” (Giddens, 1999, p.53). Só pelo desenvolvimento natural dos elementos culturais já radicados na alma dos povos se poderão conseguir resultados efetivos

e perduráveis. O grande mestre da cultura popular há-de, assim, ser o próprio povo. Nas Ciências Sociais, a tese minimalista deve ser evitada, que é aquela que não reconhece às culturas populares qualquer dinâmica própria, qualquer criatividade. De acordo com esta tese, as culturas populares seriam simples produtos derivados da cultura dominante, única a poder ser reconhecida como legítima, como cultura central e de referência. As culturas populares, de acordo com esta tese, não seriam mais do que culturas marginais, más cópias da cultura legítima. Uma outra tese a evitar pelas Ciências Sociais, é a tese maximalista, em que as culturas populares seriam culturas autênticas, completamente autónomas e que nada deveriam à cultura de elites. Tem de haver um meio termo, as culturas populares nem são por completo independentes, nem por completo autónomas, nem de pura imitação e criação. Qualquer cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos (Cucho, 1999, p.2).

### 1.12. Medicina popular e tradições antigas em Vilar de Perdizes

É de valorizar manter a autenticidade de uma nação, como contos, folclore, trajes, artes...manter as tradições, mas devem adaptar-se essas tradições ao mundo contemporâneo. Tradição é uma palavra latina *tradere* (transmitir ou dar qualquer coisa a guardar a outra pessoa). Tradições correspondiam às leis que regulavam as heranças, quando as propriedades passavam de geração em geração e o herdeiro tinha a obrigação de protegê-las e conservá-las, assim, é importante conservar as tradições bem como os costumes “Há costumes, que se devem conservar, pois fundamentam-se em tradições cheias de poesia e até muitas vezes passadas de cristianismo”, isto é, fundamentadas na fé e na crença (Silva, 1994, p.207). As tradições foram inventadas, nunca houve uma sociedade inteiramente tradicional, elas não são espontâneas e sempre incorporaram poder, ou seja, os reis, os imperadores e os padres inventaram tradições para proveito próprio e para legitimar o seu poder. É errôneo afirmar que para que um fenómeno social seja considerado tradicional tenha de ser velho de séculos. As tradições, são necessárias à sociedade, vão persistir, pois são elas que dão continuidade e forma à vida, todavia, na sociedade atual, poucos dos aspetos físicos permanecem inteiramente naturais, são afetados pela intervenção humana. Na tradição, o passado determina o presente através da partilha de sentimentos e crenças coletivas. São, assim, necessárias operações de preservação, gestão e refundação das tradições. Augusto Santos Silva define a tradição “como controlo das temporalidades, passado vivo, recursos, disposições e quadros de interpretação e ação herdados, quer dizer, resultados de uma aquisição coletiva ao longo de muitas gerações, do conhecimento e domínio secular de um território, uma língua, uma religião, uma organização e ordenação, simbólica e material, das coisas, dos seres e dos lugares (...)” (Silva. 1994, p.468).

### 1.13. Medicina popular e crenças populares

Tanto a cultura como a crença existiram nas sociedades primitivas e, continuam a existir, nas sociedades ocidentais modernas, porque é a crença em alguma coisa que nos move, qualquer ser humano precisa de acreditar para que a sua vida tenha sentido, algo existe a partir do momento em que acreditamos que ele existe e, se os visitantes ou participantes do congresso acreditam que podem sair de lá curados, são livres de fazer as suas próprias escolhas.

O termo “crença” também tem a sua relevância na explicação do facto de algumas das comunidades contemporâneas manterem as tradições, visto que muitos dos visitantes e participantes dos famosos congressos são movidos pela fé, o que por vezes não quer dizer que não acreditem na medicina científica, mas creem que os terapeutas populares podem auxiliá-los. A religião, está habitualmente associada à ideia de fé, que é uma espécie de salto emocional para uma crença. A unidade das sociedades deve-se ao facto de os seus membros aderirem a crenças e a sentimentos comuns. O homem só obtém a liberdade de que goza devido ao facto de ser membro da sociedade, tem de se sujeitar à autoridade moral que a existência da sociedade pressupõe. A crença, é muito importante para explicar o motivo pelo qual as sociedades contemporâneas ainda recorrem à medicina popular para prevenir ou tratar doenças, porque não é o racional que mantém uma ligação social entre os homens, é o quotidiano e a parte de imaginário que este contém: “A relação do Homem ao mundo baseia-se em qualquer coisa de imaterial a que Michel Maffesoli chamou de «imaginário social». Este imaginário permite-nos compreender que aquilo que liga os homens entre si não é um desígnio racional, de tipo contratual ou convencional, mas um conjunto difuso de sentimentos, de paixões. Estes últimos manifestam-se evidentemente nos momentos paroxísticos, à semelhança da revolução francesa (...), mas também nos momentos mais discretos e anódinos da vida quotidiana, sob a forma do preconceito e do bom sentido” (Rabot, 2015, p. 33). A sociedade, precisa do racional, do material mas também tem necessidade de uma potência imaterial, do intangível, do imaginário. A sociedade, tem como função transmitir o seu património cultural, a sua herança cultural que correspondem às crenças religiosas, às regras jurídicas, às máximas morais e aos costumes sociais. As crenças são o nó vital de qualquer sociedade. Dificilmente se consegue conceber a vida humana sem crença, esta é fundamental para a ação humana dado que “é uma espécie de norma que rege as ações e os hábitos de uma pessoa” (Furtado, 2011, p.13). Não existe vida sem fé, e não nos referimos aqui apenas à religião, ter fé em qualquer acontecimento da vida, logo, não existem cétricos absolutos. Não existem cétricos absolutos porque “um cétrico absoluto não é capaz de agir e, como tal, também não será capaz de dialogar ou de

realizar qualquer outra ação que requeira linguagem” (Furtado, 2011, p.23). É de referir a importância da linguagem ou diálogo no encontro de várias crenças “A linguagem é uma das formas de comportamento que permitem um maior e mais fácil acesso às crenças de determinada pessoa” (Furtado, 2011, p.22). Assim, não há crenças sem linguagem tal como não há linguagem sem crenças, se bem que a linguagem também pode criar a dúvida, mas é através da discussão que se consegue chegar a crenças cada vez mais próximas da verdade, porém, a verdade pode ser inesgotável. As crenças, dependem da existência de crenças anteriores para que se formem, logo, as crenças primitivas são aquelas nas quais a maioria das pessoas acredita e não as colocam em dúvida, elas são incutidas nos valores de cada um desde cedo e, assim, permitem a contiguidade de outras. As crenças primitivas, pertencendo ao conjunto das nossas referências, não são completamente isoladas umas das outras, até porque “...uma pessoa que apenas possuísse crenças completamente isoladas umas das outras não seria capaz de agir ou sequer pensar como qualquer outro ser humano (Furtado, 2011, p.28). As crenças primitivas, são as mais próximas de uma ideia de conhecimento que corresponde a uma crença verdadeira. Quanto mais partilhadas forem as crenças mais verdadeiras são e, do ponto de vista de quem acredita, não há crenças falsas “ainda que uma crença seja falsa se ela for partilhada por toda a humanidade, será considerada verdadeira” e essa crença é essencial para que se pertença a um sistema (Furtado, 2011, p.59). Existe a crença e existe o conhecimento, a crença pode ser falsa, mas o conhecimento deve ser sempre verdadeiro e comprovado, este é, no fundo, uma crença verdadeira justificada. As crenças desempenham um papel regulador da vida de cada pessoa, mas nem todas as crenças são iguais em grau e dependem do número de ações reguladas por determinada crença.

A crença, de acordo com Giumbelli (2011), é uma definição moderna do religioso e “permite entender certas características do modo como a modernidade concebe o social” (Giumbelli, 2001, p.328). Latour (1993), diz que o fetiche é produto de uma crença e que os fetichistas “povoam o mundo de entidades inexistentes, conferem às coisas atributos que elas não possuem” (Latour *apud* Giumbelli, 2001, p. 343), o que a crença faz é projetar certos postulados mentais, certas representações sobre a realidade. De acordo com Latour (1993), a crença não é um estado mental, mas um efeito da relação entre povos, a crença está associada a uma prática sistemática, à libertação dos ídolos.

#### 1.14. Importância da religião na modernidade

Não podemos deixar de referir a importância do termo “religião” na explicação de ainda se recorrer, nos dias de hoje, à medicina popular. De acordo com Durkheim, a religião é uma fonte original de todas as ideias morais, filosóficas, científicas e jurídicas, segundo o mesmo autor, a religião é parte integrante da consciência coletiva da sociedade mas, atualmente, essa concepção sofreu alterações. Dá-se um declínio da importância da religião nas sociedades contemporâneas, mas a verdade é que esta não tem que desempenhar a mesma função nas sociedades atuais que desempenhou noutros tempos. A religião, não é apenas um conjunto de crenças, implica também práticas rituais e uma prática institucional bem definida. Émile Durkheim, diz que a religião é “uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas” (Durkheim, 1983, p. 212 *apud* Sena, 2016, p.77).

Há três autores muito importantes na Sociologia que focam a sua análise na religião – Durkheim, Marx e Weber. Durkheim (1858-1917), trata a religião como um fenómeno social e defende que processos sociais mais amplos condicionam o religioso ou podem ser influenciados por ele. De acordo com o autor, a religião, é um sistema social importante, “é um sistema ideal que compõe uma sociedade e não somente um grupo de indivíduos agregados em condições materiais...” (Costa, 2017, p.6), sendo a ideologia influência de uma cosmologia religiosa sobre a compreensão que os indivíduos possuem da realidade. Durkheim, diz que a institucionalidade dos factos religiosos surge para satisfazer a necessidade do organismo social, assim, define-se religião pelos aspetos exteriores: crenças, ritos e práticas. Para Durkheim, a religião é uma coisa eminentemente coletiva, é um sistema social que une indivíduos numa comunidade moral. Devemos colocar-nos no estado de espírito do crente e projetar a força religiosa para fora da consciência de cada um, despersonalizando as crenças, ou seja, para compreendermos o crente não precisamos de aderir à sua crença mas colocarmo-nos no lugar dele. A religião “faz o homem atuar, ela concede-lhe mais força para suportar as dificuldades da vida” (Costa, 2017, p.8). Sumariamente, Durkheim foca a sua análise no papel da religião na coesão social, a ideia de que a sociedade se recria ao se projetar na religião e que a mesma capacita o homem para os desafios existenciais.

Karl Marx (1818-1883), define religião como “ o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo” (Costa, 2017, p.10). De acordo com o autor, só existe o homem real, nas suas condições materiais, no contexto da produção “homem não existe no sentido abstrato, apenas homens reais inseridos num contexto histórico” (Costa, 2017, p.11), sendo o material tudo o que é fruto de trabalho humano. Marx,

diz que a religião “é uma consciência invertida da realidade social, é uma ilusão necessária para uma situação que carece de ilusões” (Costa, 2017, p.12). O autor, divide a realidade social em estrutura: condições materiais de produção da existência e, superestrutura: produções ideais, direito, arte e religião.

Já Weber, estudou prioritariamente os sistemas religiosos seguintes: confuciano e taoísmo, hinduísmo e budismo, judaísmo e cristianismo. Weber, foca a sua análise na religião, através da ação social, aquela em que o indivíduo se refere ao comportamento de outros, por eles se orientando. Nesta tese, a sociedade é fruto de interações que se dão por um conjunto de ações sociais de indivíduos. O autor diz mesmo que a ação orientada por motivos religiosos ou mágicos é uma ação relativamente racional. Este apoia a sociologia compreensiva “ciência social que busca tornar compreensível a ação do indivíduo, não emitindo um juízo de valor, mas interpretando o sentido da ação social” (Costa, 2017, p.15). Resumidamente, o objetivo de Weber é compreender em que medida algumas forças religiosas intervieram na expansão do sistema capitalista do mundo, visto que chegamos, atualmente, a um desencantamento do mundo “processo que começou com as éticas religiosas e evoluiu até chegar a um patamar de negação de toda a explicação mágica, transcendente ou sobrenatural da realidade” (Costa, 2017, p.18).

Juntando as perspectivas dos três autores, Durkheim recorre a uma abordagem funcionalista dos factos sociais, Marx foca no materialismo histórico com atenção à produção e Weber, foca na Sociologia compreensiva da ação social.

Numa outra visão acerca da religião, Batalha, diz que esta é a chave fundamental para compreender os fenómenos sociais. A importância da religião varia de acordo com o estatuto social, sendo que as elites são menos dominadas pela religião do que as massas, até porque a função da religião é “mitigar o sofrimento e a insatisfação dos mais pobres e desfavorecidos económica e socialmente” (Batalha, 2004, p.260). A religião, é um sistema ideológico e uma cosmologia que legitima a ordem social e que dá legitimidade a quem detém o poder. Uma característica importante nos sistemas religiosos é a existência de um mundo sobrenatural, sendo a religião, segundo Antony Wallace “um conjunto de rituais, racionalizados pelo mito, que mobilizam os poderes sobrenaturais com o propósito de promover, ou impedir, que determinados fenómenos que afetam o homem e a natureza aconteçam.” (Wallace *apud* Batalha, 2004, p.260). A religião é, no fim de contas, uma esperança para situações do quotidiano “A religião pode servir também para alimentar nas massas a esperança numa outra vida, situada além da morte, levando-as, assim, a suportar mais facilmente as agruras da existência, muitas vezes marcada por uma exploração gritante e opressiva. (Batalha, 2004, p.260). Assim, quando falamos em religião, não podemos deixar de referir as atividades rituais que influenciam os “espíritos” que vivem

nesse mundo sobrenatural. Esses seres espirituais, de acordo com Batalha, são três: deuses; espíritos de antepassados e espíritos que não têm relação com os humanos. As performances rituais têm como intuito apaziguar a ansiedade causada pela incerteza característica dos acontecimentos da nossa vida que perdemos controlo objetivamente “Os rituais (ou ritos) representam a prática das pessoas em relação ao sobrenatural e ao sagrado. São uma forma de manter a coesão dos grupos sociais em torno de uma determinada cosmologia. Servem também para aliviar a tensão emocional criada por situações de risco como o nascimento, a morte e o casamento. Uma das funções dos rituais é assegurar que as pessoas atravessem esses momentos com o devido enquadramento ideológico e social” (Batalha, 2004, p.273). Os rituais servem, frequentemente, de ensaio para situações futuras e, a ritualização constitui uma forma de consolidação do poder. Esses rituais podem ser mágicos, sendo a magia, numa definição antropológica, “um conjunto de práticas rituais que envolvem a crença de que os poderes sobrenaturais podem ser manipulados tanto para o bem como para o mal” (Batalha, 2004, p.273). Os rituais de magia são utilizados para conseguir a fertilidade dos animais, plantas, e até das pessoas, assim como também para curar doenças. A magia não é apenas característica das sociedades primitivas ou não-industrializadas dado que as sociedades urbanas também recorrem à mesma. De um modo sucinto, religião, magia e bruxaria “(...) fornecem um modelo satisfatório para a compreensão do universo. Fornecem explicações para o inexplicável, atenuando assim as ansiedades causadas pelo desconhecido. Todas elas proporcionam formas eficazes de controlo social, mantendo claro na mente das pessoas o que é certo e errado, forçando-as a seguir o caminho prescrito pelas normas sociais.” (Batalha, 2004, p.279). A religião e a magia servem também para aliviar os humanos da responsabilidade de coisas graves, do que acontece à nossa volta. “O comportamento mágico-religioso ajuda também a manter a solidariedade social através dos rituais coletivos. E, finalmente, funciona como transmissor de ensinamentos e práticas, tendo, portanto, uma importante função educativa.” (Batalha, 2004, p.280). De acordo com Durkheim (1983), “os rituais são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos” (Durkheim, 1983, p.212 *apud* Sena, 2016, p.77).

O discurso religioso tem como intuito “transformar entidades brutas e vazias, de modo a fazer parte do mundo humano, como extensões de nós (Nery, 2009, p.26). Contudo, na sociedade contemporânea, a religião tem vindo a perder a sua importância, e a prova disso é o número ascendente de ateus no mundo “se antes as representações seculares combinadas à religiosidade vigente conseguiram, mal ou bem, fornecer a força moral necessária para a manutenção do sentido do mundo, agora, todavia, o sentido dessa ordem já parece ter desaparecido (Nery, 2009, p.28). O mundo atual, é

um mundo que precisa ser estruturado individualmente, logo, irão surgir novos comportamentos no que não colocam a religião no centro de todas as coisas, há uma objetivação do corpo, da vida e do próprio mundo humano. A crítica que se faz à religião na modernidade tem que ver com a sua fragilidade ontológica “ela tem mais a ver com os sujeitos e as suas representações do que com o mundo objetivo” ( Giumbelli, 2011, p.348). Os coletivos religiosos modernos são “protótipos do contrato social moderno” são, no fundo, uma associação dos crentes que compartilham os mesmos princípios.

## Capítulo II

### Problemática, Metodologia, Técnicas Investigativas e Análise das Entrevistas

#### 2.1. História de Vilar de Perdizes e Contextualização do Estudo

Já que o objetivo central deste trabalho é entrevistar alguma da população de Vilar de Perdizes bem como perceber a sua opinião acerca dos Congressos de Medicina Popular, interessa entender quais as características principais desta nobre aldeia. A autora Carla Alexandra Santos, define a população de Vilar como “gente simples e rude”. A aldeia pertence à região de Barroso. Vilar de Perdizes, tem a sua etimologia na palavra “Vilar” “que tem origem no termo romano villa (pequena), e em relação ao nome “Perdizes”, diz o povo, que se deve à existência relativamente abundante desse tipo de caça (perdizes)” (Santos, 1998, p.15).

Vilar é uma pequena aldeia no concelho de Montalegre que, a partir dos anos 70, sofreu uma regressão populacional devido à emigração, em que a população foi à procura de melhores condições de vida. Assistiu-se, a partir dos anos 70, a uma desertificação do concelho de Montalegre devido a diversos fatores, como o abrandamento do ritmo de crescimento natural no território nacional, os movimentos migratórios, crescentes fluxos emigratórios e as saídas do meio rural para o meio urbano. Essa desertificação também se deve à fraca acessibilidade a bens e serviços. Com o número de saídas da aldeia a aumentar, começam a construir-se cada vez mais alojamentos temporários destinados quer aos que pensam em um dia voltar e/ou que voltam ocasionalmente ou, para visitantes da aldeia e dos Congressos de Medicina Popular “...uma desocupação que caracteriza este município e que resulta em grande parte da construção de alojamentos destinados a serem apenas ocupados temporariamente por toda uma população que obrigada a emigrar, regressa agora sazonalmente” (Santos, 1998, p.15). Aqueles que mais emigraram, encontravam-se na faixa etária entre os 25 e os 40 anos, o que dificulta a fixação da população no concelho de Montalegre, ou seja, a população passa a ser maioritariamente idosa/envelhecida. Neste sentido, entre 1960 e 1981 aumenta o nível de envelhecimento e diminui a taxa de natalidade. Montalegre, em 1991, atinge o valor mais baixo em termos de população.

Quanto ao mercado de trabalho, Montalegre caracteriza-se pelo setor primário devido ao seu carácter marcadamente rural. O setor primário diz respeito a cerca de 90% do trabalho executado pelos aldeões, mas a verdade é que a maioria dos produtos agrícolas são para consumo próprio e não para vender. A aldeia é muito mais abastada de cafés e mercearias do que de farmácias e Centros de Saúde. Vilar, também se caracterizava pelo setor secundário devido à exploração mineira e à construção de barragens ao longo do Cávado. O setor secundário também aumentou devido ao surgimento do

contrabando, que aparece porque os habitantes de Vilar de Perdizes tinham carências económicas. A aldeia faz fronteira com a vizinha Espanha, logo tornava-se mais fácil transportar mercadorias ilegalmente, esses transportes era feitos com burros enquanto animal de carga. Em algumas das edições dos Congressos de Medicina Popular, uma das atividades decorridas durante o evento era percorrer exatamente os mesmos caminhos que percorreram os contrabandistas noutros tempos.

Os aldeões de Vilar de Perdizes, estão habituados a receber estrangeiros, visitantes longínquos. Hoje, os aldeões, estão cansados que os visitem à procura de milagres para as tragédias da vida de cada um, porque Vilar de Perdizes nem sempre tem resposta para todos os males. A aldeia é, maioritariamente, visitada por gente que acredita em curas milagrosas e que acredita no poder de cura das plantas medicinais que são utilizadas por herbolários e outros especialistas “O povo de Vilar de Perdizes é um povo habituado à presença de estranhos, curiosos ou forasteiros, que se deslocam à aldeia em busca de poções mágicas, para cura dos “males do corpo e da alma” (Santos, 1998, p.3). O problema é que a população de Vilar de Perdizes é muitas vezes solicitada a resolver problemas de visitantes devido à má publicidade feita acerca das atividades desenvolvidas na aldeia. É preciso perceber que quem exerce atividades nos Congressos de Medicina Popular é especializado na sua área, contudo, um curandeiro, por exemplo, não pode, jamais, exercer a mesma atividade que um médico.

## 2.2. Pergunta de partida, objetivos e hipóteses

A pergunta de partida é indispensável porque permite constatar exatamente os objetivos do investigador e garante a pertinência dos resultados. As qualidades de uma pergunta de partida são: ser concisa, original, pertinente, clara e suscetível de verificação: “A pergunta não deve ser vaga mas precisa. Uma boa pergunta de partida terá de ser unívoca e tão concisa quanto possível” (Quivy e Campenhoudt, 1995, p.7)

A formulação da pergunta de partida obriga o investigador a uma clarificação, uma especificação das suas intenções. Obriga-o também a afastar-se do seu conhecimento e experiência anteriores: “a rutura com os preconceitos e as noções prévias”. (Quivy e Campenhoudt, 1995, p.6).

**Assim, a minha pergunta de partida central será:**

Qual o motivo que leva a que se recorra cada vez mais à medicina popular, bem como a outras medicinas alternativas, na sociedade contemporânea?

**Sendo a pergunta de partida de elevada importância e como me permite obter os objetivos do presente trabalho, eis as que eu escolhi para complementar a pergunta de partida central:**

1. Será que se recorre a medicinas alternativas na medida em que a relação médico-paciente se torna impessoal?
2. Será que a medicina popular está relacionada com as crenças e com a religião que cada um defende?
3. Será que se recorre à medicina popular devido à cultura de cada um e porque se querem manter vivas tradições antigas?

**Apresento algumas hipóteses de resposta a estas perguntas de partida:**

- Relação do médico com o seu paciente é distante, enquanto que os terapeutas populares desenvolvem uma relação de confiança com quem procura os seus serviços.

- O facto de, hoje em dia, existir muita gente que ainda recorre à medicina popular também tem a ver com as crenças de cada um, ou seja, quando a medicina científica falha ou se torna

insuficiente, as pessoas acabam por recorrer a medicinas alternativas como é o caso da medicina popular.

- Recorrer à medicina popular e manter os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes é uma questão cultural, o povo barrosão quer manter vivas tradições que foram transmitidas pelas gerações anteriores.

### 2.3. Metodologia aplicada

A metodologia “é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência” (Gerhardt e Silveira, 2009, p.12).

O meu objetivo central é tentar perceber porque é que, hoje em dia, aumenta a procura da medicina popular bem como das chamadas medicinas alternativas. Para tal, recorri a várias referências bibliográficas que encontrei via Internet, na Biblioteca geral da Universidade do Minho e na Biblioteca Municipal de Montalegre. Em termos de metodologia, e para fundamentar teoricamente o meu trabalho, procederei a uma análise documental aprofundada de referências bibliográficas (artigos e livros). A pesquisa bibliográfica é como que uma junção de todos os trabalhos científicos feitos acerca de um determinado assunto: “Em linhas gerais a pesquisa bibliográfica é um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes. (Boni e Quaresma, 2005, p.71).

Recorrerei a uma metodologia de caráter qualitativo, visto que procederei a entrevistas e farei uma análise de conteúdo das mesmas bem como dos jornais locais acerca dos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes, de seu nome “Notícias de Barroso”. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com a percepção de um determinado grupo de indivíduos e corresponde a estratégias de investigação que procuram captar a maneira como os atores sociais pensam no mundo em que vivem e como interpretam as suas ações. Mais do que descritiva, a metodologia qualitativa é interpretativa. (Guerra, 2006, p.17). Há que ter em conta a dimensão social, ou seja, a relação entre as expectativas dos atores e os contextos que os rodeiam, os contextos sociais exteriores. A dimensão social não é uma imensidade estatística de sujeitos mas sim uma pequena dimensão que seja socialmente significativa, em que haja diversidade de culturas, de opiniões e de expectativas. A análise qualitativa dá um sentido à atividade coletiva, pretende perceber o que faz com que cada um aja, que comportamentos têm os atores sociais que dão sentido à sua ação num contexto de mudança (Guerra, 2006, p.17). De acordo com Jean-Pierre Deslauriers, citado por Isabel Guerra, a metodologia de caráter qualitativo tem como fim descrever mas, acima de tudo, interpretar determinados fenómenos sociais “...uma variedade de técnicas interpretativas que têm por fim descrever, descodificar, traduzir certos fenómenos sociais que se produzem mais ou menos naturalmente.” (Deslauriers *apud* Guerra, 2006, p.11). As técnicas qualitativas, contrariamente às quantitativas, preocupam-se mais com o significado dos fenómenos sociais e não com o número de vezes que estes se repetem. (Guerra, 2006, p.11). Estas focam a sua análise na vida quotidiana. Acima de tudo, e de acordo com Touraine, a função

da sociologia bem como das metodologias qualitativas é a análise da autoprodução da vida social. (Touraine *apud* Guerra, 2006, p.15). As análises qualitativas, têm como característica a diversidade e “é a diversidade das interpretações da vida que permite a mudança e esta é o centro do olhar sociológico”, é descritiva e baseia-se no método indutivo, ou seja, parte de casos particulares para o geral. Essa diversidade pode ser externa, como por exemplo, representar expectativas de indivíduos de diferentes culturas ou classes e, pode ser interna, como por exemplo, explorar a diversidade num conjunto homogêneo de sujeitos ou situações. A metodologia qualitativa, enquanto metodologia compreensiva, observa e analisa o indivíduo e a sociedade em interação mas também as emoções e as verdades que os acompanham. (Guerra, 2006, p.19). A verdade é que a metodologia qualitativa também tem as suas desvantagens, como por exemplo, pode perder a objetividade nas entrevistas devido à relação demasiado intimista entre entrevistado e entrevistador e, também há um risco de quebrar o compromisso de confiabilidade, mas ao longo da realização das entrevistas tentei ser o mais objetiva e coerente possível. Utilizei algumas das técnicas relativas a esta metodologia que são a observação direta, a entrevista e a análise de conteúdo.

Realizei entrevistas a oito residentes de Vilar de Perdizes, à irmã do famoso padre Fontes que tem uma variedade imensa de plantas medicinais, a uma professora que nasceu em Vilar de Perdizes cuja irmã faz parte da Associação da Defesa do Património de Vilar de Perdizes e que ajuda na organização dos Congressos de Medicina Popular, fiz uma entrevista extensiva ao padre António Joaquim que é o atual substituto do padre António Fontes. Entrevistei também uma formadora que faz infusões de chás e que me falou acerca dos princípios ativos das plantas medicinais e, por último, entrevistei uma farmacêutica, na medida em que acredito que a opinião desta é importante para corroborar as opiniões acerca do uso de plantas medicinais no tratamento da saúde. O objetivo, é tentar perceber se os entrevistados têm ou não conhecimento acerca dos congressos de medicina popular, se concordam ou não com eles, se fazem uso de plantas medicinais e se acham que estas são mais, ou menos, eficazes que os medicamentos convencionais assim como se já recorrem a terapeutas populares e qual a razão que os levou a recorrer. As entrevistas, tiveram uma duração de entre trinta minutos a uma hora, foram gravadas, transcritas e, posteriormente analisadas. Recorri à entrevista porque esta possibilita alcançar uma variedade de impressões, opiniões e perceções que os diversos indivíduos têm relativamente ao estudo em questão.

A entrevista é definida por Haguette (1997) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (Haguette, 1997 cit por Boni e Quaresma, 2000, p.72). O entrevistador, pretende

colher informações sobre o percurso e modos de vida, já o entrevistado é um informador privilegiado pelo fenômeno social que viveu. O entrevistado, vai fornecer ao entrevistador informações acerca da sua percepção da realidade e da sua experiência de vida e quanto menor for a intervenção do entrevistador na conversa, o material recolhido terá maior riqueza e a racionalidade do informador estará intacta e menos influenciada pelas perguntas, até porque a função principal do entrevistador é a de identificar, isolar e comparar temas. (Guerra, 2006, p.29). A entrevista deve ser preparada por etapas: “a) o planeamento da entrevista, deve focar o objetivo a ser alcançado; b) a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; c) a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista, que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; d) as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo das suas confidências e da sua identidade e, por fim, e) a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (Cf., Lakatos, 1996, cit. por Boni e Quaresma, 2005, p.72). As entrevistas, devem ser marcadas com antecedência e o entrevistado deve ser avisado da duração esperada das mesmas, deve sempre explicitar-se o objetivo da investigação e valorizar o papel do entrevistado como fornecedor de informações. Quanto à formulação de questões, “o pesquisador deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrarias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas” (Boni e Quaresma, 2005, p.72). As formas de entrevistas mais utilizadas em Ciências Sociais são: a entrevista estruturada, semi-estruturada, aberta, entrevistas com grupos focais, histórias de vida e também a entrevista projetiva. As entrevistas, são estudos exploratórios e não são mais do que uma conversa de natureza profissional contudo, a sua função não é apenas exploratória mas também analítica e verificativa.

Como já referi, vou recorrer à análise de conteúdo de entrevistas e dos jornais locais, de seu nome “Notícias de Barroso”. A análise de conteúdo “constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos.” (Moares, 1999, p.2). De acordo com Campos, a análise de conteúdo corresponde a um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Campos, 2004, p.612). A análise de conteúdo, é um método muito utilizado na análise de dados qualitativos e será central no meu trabalho.

Quanto à história do surgimento desta técnica, teve a sua origem, em meados de 1915, nos EUA, e tem como precursor Laswell: “Considerado um dos precursores da análise de conteúdo, Laswell, em meados de 1915, utilizou-se da técnica nos Estados Unidos, com o intuito de identificar a postura estratégica dos demais países, procedendo à análise de imprensa e de propaganda.” (Silva e Fossá,

2015,p.2). Assim, a análise de conteúdo, surgiu na primeira metade do século XX. A matéria-prima da análise de conteúdo “pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc.” (Moares, 1999, p.2). Esta metodologia, de acordo com Isabel Guerra, corresponde à “relação entre o sentido subjetivo da ação, o ato objetivo e o contexto social.” (Guerra, 2006, p.31). A técnica de análise de conteúdo é uma técnica recente e tem apresentado um crescimento elevado. É muito utilizada nos dias de hoje e é, sem dúvida, fecunda, quando articulada com outros instrumentos de estudo. Tende a ser qualitativa mas, para que resulte em pleno, há que conciliar a análise qualitativa com a análise quantitativa: “encontrar um ponto de equilíbrio entre o qualitativo e o quantitativo, tanto nos seus objetivos, como nas suas técnicas.” (Janeira, 1971, p.373). A análise de conteúdo é vista como uma metodologia mais do que como um campo de investigação, encontra-se em constante aperfeiçoamento e corresponde a uma análise das comunicações, podendo incidir sobre qualquer tipo de comunicação – oral, escrita, imagética ou textual” (Janeira, 1971, p.371), ou seja, abarca tudo é o que é comunicação social. Assim sendo, a metodologia referida, foca-se em todo o tipo de documentos e textos: “constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos.” (Moares, 1999, p.2). A análise de conteúdo, apresenta consequências positivas e negativas. Como consequência positiva, esta permite apresentar o valor dos dados, já como consequência negativa, a sua exigência quantitativa limita-a. O objetivo da análise de conteúdo é captar as mensagens que a sociedade humana pretende transmitir: “captar na torrente das mensagens saídas de uma sociedade humana – ou de indivíduos – transmitidas ou conservadas pelos mass-media” (Janeira, 1971, p.372). De referir também, que a análise de conteúdo é composta por várias fases: a primeira fase é constituída pela pré-exploração do material onde “seleccionado o corpus a ser analisado procede-se às leituras fluentes de todo o material com o intuito de apreender e organizar de forma não estruturada aspetos importantes para as próximas fases” (Campos, 2004, p.613), a seleção das unidades de análise constitui outra fase da análise de conteúdo (Campos, 2004, p.613). De acordo com Silva e Fossá (2015), a primeira fase da análise de conteúdo, é a preparação do material, que compreende a reunião de todo material para tratar as informações coletadas (gravações, observações, etc), com vistas à preparação formalizada dos textos. (Silva e Fossá, 2015, p.4). A segunda fase, diz respeito à exploração do material que consiste na construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros, a definição de regras de contagem e a classificação e agregação das informações em categorias simbólicas ou temáticas” (Silva e Fossá, 2015, p.4). A terceira fase, refere-se ao tratamento dos

resultados, inferência e interpretação “consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação)” (Silva e Fossá, 2015, p.4).

Para que a análise de conteúdo seja válida é necessário agrupar-se certas exigências:

- a) É necessário que toda e qualquer forma de subjetivismo seja anulada pois, de contrário, os resultados não podem ser considerados fiéis;
- b) Deve ter sempre em linha de conta todos os elementos que poderão servir o fim pretendido, isto é, deve ser exaustiva e sistemática;
- c) Como as ciências sociais procuram, e cada vez mais, apresentar os seus resultados sob forma quantificada, terá de calcular também as frequências, se bem que por vezes a medida possa, em sentido rigoroso, estar ausente. (Janeira, 1971, p.371).

Enumeram-se ainda as fases da análise de conteúdo:

- a) Leitura geral do material coletado;
- b) Codificação para formulação de categorias de análise , utilizando o quadro referencial teórico e as indicações trazidas pela leitura geral;
- c) Recorte do material, em unidades de registo (palavras, frases, parágrafos), comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico;
- d) Estabelecimento de categorias que se diferenciam, tematicamente, nas unidades de registo;
- e) Agrupamento das unidades de registo em categorias comuns;
- f) Agrupamento progressivo das categorias (iniciais – intermédias – finais);
- g) Inferência e interpretação, respaldadas no referencial teórico. (Silva e Fossá, 2015, p.4)

## 2.4. Análise de conteúdo e Interpretação dos resultados

Foram realizadas entrevistas a oito residentes de Vilar de Perdizes, à irmã do famoso padre Fontes que tem uma variedade imensa de plantas medicinais, a uma professora que nasceu em Vilar de Perdizes cuja irmã faz parte da Associação da Defesa do Património de Vilar de Perdizes e que ajuda na organização dos Congressos de Medicina Popular, uma entrevista extensiva ao padre António Joaquim que é o atual substituto do padre António Fontes. Foi ainda feita uma entrevista a uma formadora que faz infusões de chás e que me falou acerca dos princípios ativos das plantas medicinais e, por último, entrevistei uma farmacêutica, pois a opinião desta é importante para corroborar as opiniões acerca do uso de plantas medicinais no tratamento da saúde. O objetivo, é tentar perceber se os entrevistados têm ou não conhecimento acerca dos congressos de medicina popular, se concordam ou não com eles, se fazem uso de plantas medicinais e se acham que estas são mais, ou menos, eficazes que os medicamentos convencionais assim como se já recorrem a terapeutas populares e qual a razão que os levou a recorrer. As entrevistas, tiveram uma duração de entre trinta minutos a uma hora, foram gravadas, transcritas e, posteriormente analisadas. A entrevista possibilita alcançar uma variedade de impressões, opiniões e percepções que os diversos indivíduos têm relativamente ao estudo em questão. As tabelas relativas às entrevistas encontram-se no final desta investigação, em “Anexos”.

#### 2.4.1. Conhecimento acerca dos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes

Como podemos verificar, através da tabela 1, oito dos catorze entrevistados admitem conhecer os Congressos de Medicina Popular, os quais decorrem na aldeia de Vilar de Perdizes. O facto de oito dos entrevistados residirem em Vilar de Perdizes faz com que a maioria tenha esse conhecimento e, com que, normalmente, estejam presentes nos CMP como é o caso dos entrevistados 3, 7 e 11. Apenas uma entrevistada (entrevistada 9), diz não ter conhecimento acerca dos Congressos, referindo que o seu irmão é que tem bastante conhecimento acerca dos mesmos, o irmão da entrevistada é o padre António Lourenço Fontes, impulsionador do surgimento desses congressos de medicina popular. As entrevistadas 12 e 14, não respondem visto que a sua função, na entrevista, é falar acerca das plantas medicinais e dos seus efeitos, e não acerca dos congressos de medicina popular.

#### 2.4.2. Participação dos entrevistados nos Congressos de Medicina Popular

Como podemos observar, através da tabela 2, apesar de a maioria dos entrevistados ter conhecimento acerca dos CMP, apenas dois deles admitem ter participado nos mesmos. A grande maioria (8) diz não ter participado nos CMP, defendendo que apenas assiste aos mesmos mas não participa nas atividades realizadas. A entrevistada 9, diz que já tinha conhecimento acerca das plantas medicinais muito antes de o CMP ter surgido e diz que vende as plantas medicinais ou dá a quem a visita na aldeia de Tourém. Já a entrevistada 10, diz ter sido convidada para participar no Congresso de Medicina Popular no ano de 2018, contudo, não participou porque crítica a falta de organização no evento. O atual padre de Vilar de Perdizes, conhecido como Tó Quim, deu início à sua participação nos CMP em 2014 e, desde então, que participa na sua organização. O padre António Joaquim diz substituir o padre Fontes em muitas atividades, como por exemplo, na missa mas na organização do Congresso de MP não, visto que o padre António Lourenço Fontes, é a figura central do evento “Exceto no congresso, no congresso não. O Congresso é uma organização do padre Fontes e quero que assim seja e acho que depois a Associação do Património de Vilar de Perdizes que é uma associação que ele já fundou há muitos anos, vai tendo vários elementos, como uma associação normal, vai pegando também nisso, umas vezes as direções pegam, outras não pegam tanto, mas pronto a ideia é eu, como sucessor do Padre Fontes e de Vilar de Perdizes, fazer com que o congresso ajude a trazer cá pessoas e mostrar os benefícios daqui. Eu acredito que aquilo tem benefícios e, por isso, a minha maneira de ver, enquanto padre desta freguesia, a qual faz o congresso há trinta e tal anos, há trinta e tal edições, é ajudar de todas as maneiras a que o congresso se continue a realizar, com o Padre Fontes a organizar também e o dia em que o Padre Fontes não esteja, organiza-se também, se ele assim quiser” (entrevista 11). O padre, diz que o Congresso começou da melhor maneira: como Congresso de Medicina Popular mas tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos “Houve, houve. O congresso começa de uma maneira que acho que é a mais indicada, que é um encontro para discutir medicina, a qual está nos medicamentos mas que está também nas ervas e depois, à luz disso, também incluir ali algumas bençãos, algumas coisas relacionadas com a religião. O que é que aconteceu depois? Foi trazer para cá tudo o que era o culto de bruxos e de curandeiros e eu não sou muito dessa ideia. A minha ideia do congresso é que ele seja um congresso de medicina, que tenha lá os exotéricos cá fora a venderem o que entenderem, isso não me importa, mas as palestras, as conferências, que sejam médicos, que sejam pessoas que estudaram e que sabem que, seja a penicilina, seja o chá de camomila está provado que têm princípios ativos que vão fazer bem e isso não é um bruxo que diz qualquer coisa ou que as estrelas

estão não sei quê...” (entrevistado 11). O entrevistado, expõe a sua ideia de como deveria ser o Congresso “Ora! A minha ideia é que sejam coisas provadas e que seja um congresso de medicina porque hoje os médicos já estudam as ervas, sempre as estudaram, mas hoje há médicos que fazem teses de mestrado sobre os benefícios do chá, há trinta anos, quando o congresso começou, isso era uma maluqueira, isso não podia ser, um médico nunca podia falar que o chá era bom, hoje já fala. O que é que nos falta a nós? Falta-nos uma cultura de produção, em Vilar de Perdizes não há produção, há coisas pequenas. A minha ideia é que Vilar de Perdizes pudesse vender chá e ervas aromáticas em todo o país. Com o nome que temos, é só os jovens quererem, os chás estão aí, a natureza dá, a carqueja está aí, tem lógica, a urze está aí, as outras ervas estão por aí e as restantes basta plantá-las, a malta é que não quer...não é não quer, não temos cá jovens capazes e suficientes para avançar com uma coisa dessas porque as crianças e os jovens...onde é que eles estão? Estão em Braga, no Porto e na França”. O padre António Joaquim realça que comida e um estilo de vida saudável é uma grande ajuda no combate a doenças “Claro! E então? Hoje a saúde...por exemplo, a cozinha, eu não percebo muito, mas sei que hoje quando vou a casa deste ou daquele, e são pessoas mais novas que eu, que me convidam para jantar, às vezes já põem lá o bife com as ervas aromáticas ou com não sei quê, no meu tempo é que andávamos cá com isso, eram duas areias de sal e já estava...hoje a malta nova já tem esta coisa, se nós tivéssemos umas latinhas muito bonitas com ervinhas lá dentro, com alecrim, aquilo vendiasse, eu acho que se vendia, ainda por cima têm uma vantagem, têm prazos de validade tão grandes, é levezinho, até no correio se pode mandar, só basta as pessoas gostarem. Se houvesse aqui um terreno...” (entrevistado 11). As entrevistadas 12, 13 e 14 não respondem a esta questão uma vez que o objetivo é responderem apenas a questões acerca do uso das plantas medicinais, dado que duas delas têm um vasto conhecimento acerca do uso das mesmas (entrevistadas 12 e 13).

### 2.4.3. A questão da concordância com a realização dos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes

A tabela 3, mostra-nos que oito dos catorze entrevistados concordam com a realização dos CMP em Vilar de Perdizes porque estes trazem vantagens ao doente e permitem a venda e divulgação de plantas medicinais assim como chás "Se nós estivermos a pensar que um congresso pode ser uma forma para discutir, para apresentar, para divulgar chás, ervas aromáticas ou medicamentos mais ou menos caseiros mas certificados ou mais ou menos aprovados pela UTAD ou por outra universidade, significa que nós vamos dar vantagens a todas as pessoas que estão doentes ou possam vir a estar doentes, logo concordo. Eu acredito que o congresso de medicina popular tem sentido, que se deveria continuar a fazer" (entrevista 11). Os congressos também focam na utilização de plantas na cura de algumas doenças, que, de acordo com a entrevistada 13, em alguns casos podem substituir os medicamentos "Eu acho que sim, para valorizarem mais as plantas porque às vezes pode-se evitar tomar medicamentos, quando ainda estamos numa fase inicial de uma doença podemos melhorar com as plantas, não é ir logo tomar medicamentos, penso eu que primeiro podemos curar-nos com as plantas e depois, se não melhorarmos, recorreremos à medicina" (entrevista 13). Também há casos em que os entrevistados concordam no que diz respeito à continuação do CMP mas defendem que estes têm de sofrer mudanças "Concordo, mas não deveria ser feito como está a ser feito agora..." (entrevista 5). Há ainda quem defenda que o congresso não é feito como era antes "Sim, acho que sim, mas já não é nos moldes que se fazia antigamente" (entrevista 10). A única entrevistada que não concorda com a realização dos CMP é a farmacêutica que apoia a ideia de que só os medicamentos podem prevenir ou tratar a saúde "O mais importante são os produtos estudados e que têm um controlo" (entrevista 14).

#### 2.4.4. As vantagens dos CMP para a região

De um modo geral, e de acordo com a tabela 4, as vantagens podem ter cariz económico "...eu julgo que traz porque as pessoas vêm e ficam alojadas ou consomem ou compram nos restaurantes e cafés e isso tudo faz circular a economia e o negócio..." (entrevista 14) ou podem estar relacionadas com a saúde "...tratamos da saúde, do bem-estar. Ganham todas as pessoas que aqui vierem, mas ao fim e ao cabo vão ganhar todas as pessoas que estão doentes ou pensando um dia estar, sabem que em Vilar de Perdizes se discute a doença num sentido mais alargado que não é ir só à farmácia, não é ir só ao médico..." (entrevista 11). Um dos entrevistados (entrevistado 3) defende que a maior vantagem que os CMP trazem é a animação e convivência entre amigos e desconhecidos "Animação, pessoal, unimo-nos uns com os outros, a convivência". A verdade é que os CMP também trazem visitantes à aldeia "São bons para trazer gente para a terra" (entrevista 8), assim, os Congressos de Medicina Popular são vantajosos porque promovem a aldeia de Vilar de Perdizes "Trazem sempre gente, dão a conhecer a aldeia lá fora, promovem a aldeia" (entrevista 6). As entrevistadas 12 e 13 não responderam a questões acerca dos CMP visto que não têm conhecimento acerca dos mesmos.

#### 2.4.5. Os CMP como fontes de prejuízo

De acordo com a maioria dos entrevistados (7), e segundo a tabela 5, os CMP não trazem nada de prejudicial. Três dos entrevistados defendem que os charlatães enganam as pessoas e não querem que eles voltem aos CMP "É mau porque vêm enganar o pessoal" (entrevistas 4, 9 e 14). Há também três entrevistados que dizem que o congresso deve continuar mas que, presentemente, são mais uma forma de ganhar dinheiro do que um congresso "Torna-se mais um negócio do que um congresso" (entrevista 5 e 6) e o pároco da aldeia de Vilar de Perdizes diz que o CMP devia deixar de seguir modas de bruxos "O Interior vai perder gente nos próximos vinte anos e nós vamos ter que nos agarrar a pequenas coisas que complementem para que possamos ficar cá, nós não, vós, porque eu e o teu pai já estamos resolvidos da vida, eu acho que o que é difícil hoje e mesmo nesta era da Sociologia é como é que nós conseguimos dar esperança a estas poucas pessoas que ficaram, tudo mete medo, tudo é desilusão, tudo é para não dar certo e isso não é verdade, algumas coisas dão certo! E o Congresso há trinta e tal anos teve muitos períodos em que deu certo mas porque seguiu sempre as modas, se não seguisse as modas continuava a dar certo hoje. Se não temos seguido modas de bruxos e assim, hoje estava a dar certo mas também se não seguisse não tínhamos cá a Sexta-feira 13..." (entrevistado 11). As entrevistadas 12 e 13 não respondem devido aos factos expostos em cima.

#### 2.4.6. A questão do uso de plantas medicinais para prevenir ou tratar a saúde

Um facto curioso, e de acordo com a tabela 6, é que seis dos entrevistados admitem não usar plantas medicinais para prevenir ou tratar a saúde, é um facto curioso dado que esses seis entrevistados residem todos em Vilar de Perdizes, ou seja, a própria população da famosa aldeia admite não fazer uso de plantas medicinais, acreditando apenas no uso de medicamentos sintéticos. Há aqueles que dizem que tomam imensos chás mas não tomam outras plantas medicinais ou não têm conhecimento das mesmas "Uso só os chás, os chás uso e gosto, gosto muito de chá, bebo bastante chá e, normalmente, gosto do chá que a minha mãe apanha, ou seja, a carqueja, gosto do chá da carqueja, gosto do chá de cidreira, aqueles que eles (pais do entrevistado) apanham, gosto mais do que aqueles do saco." (entrevista 11). A entrevistada 12, diz fazer uso de diversas plantas medicinais e, dá o exemplo de algumas que podemos ver na tabela 11.3. Já a entrevistada 14, sendo farmacêutica, defende a ideia de que as plantas não têm fins terapêuticos "não, porque prevenir ou tratar a saúde não é com plantas, tudo o que é uma ação preventiva ou um tratamento, é um medicamento, ou seja, para ser medicamento não pode ser um suplemento, os tais suplementos: as plantas, porque um medicamento, quem controla isso é a INFARMED e quem controla os suplementos, cá em Portugal, é a DGAV, Direção-Geral de Alimentação e Veterinária, se não estou em erro, portanto, nunca podemos considerar que eles previnem, que tratam ou que têm alguma finalidade a nível da saúde" (entrevista 14).

#### 2.4.7. Motivos para recorrer a plantas medicinais e eficácia das mesmas

De acordo com cinco dos entrevistados, os medicamentos convencionais são mais eficazes do que as plantas medicinais. Seis entrevistados tomam uma posição intermédia, dizendo que tanto os medicamentos como as plantas são eficazes "Tudo depende, se a gente se habitua mais aos medicamentos do que às ervas medicinais, mas há ervas medicinais que são boas, que tratam mesmo. Uso os dois, medicamentos e plantas medicinais" (entrevista 8) e, cinco entrevistados dizem que as plantas medicinais são mais eficazes como é o caso da entrevistada 10, que defende que as plantas medicinais devem ser utilizadas por quem tem experiência e conhecimento "Eu acho que há pessoas que, realmente, sabem muito sobre plantas medicinais que têm poderes terapêuticos e devem ser aplicadas por alguém que entende quais os benefícios que têm..." e, como é o caso da entrevistada 12 "Eu acho que são as plantas, porque o medicamento...tu tomas o medicamento mas depois vai dar-te cabo de outras partes do organismo. Tu se tomares um antibiótico vai dar-te cabo da bexiga" (entrevista 12).

Dois entrevistados respondem, simplesmente, que não utilizam plantas medicinais. Outros dois, defendem que quem prefere as plantas medicinais basei-se no conhecimento antigo, em que as farmácias ainda não vendiam medicamentos convencionais "Alguns baseiam-se na antiguidade em que não haviam as medicinas que temos agora nas farmácias. Tinham que recorrer ao natural, muitas delas (pessoas idosas) usam as plantas medicinais" (entrevista 4). Dois entrevistados dizem que as pessoas preferem as plantas visto que estas são, de facto, eficazes "Porque acreditam que curam e como usam as plantas medicinais, com certeza que dão-se bem com elas e continuam a vir (a Vilar de Perdizes), encomendam e vêm buscar as plantas, é porque realmente funciona alguma coisa, não é? Porque se não, não vinham ou se vinham uma vez, não vinham mais" (entrevista 8). A entrevistada 7. diz que se recorre às plantas porque é uma tradição utilizá-las na prevenção e cura das doenças "Porque, olhe, já é uma tradição, já a minha mãe me dizia: é chá disto, é chá daquilo..." (entrevista 7). Duas entrevistadas (entrevistada 10 e 14), dizem que as pessoas recorrem às plantas porque os medicamentos apresentam efeitos secundários "Eu acho que o motivo principal deve estar associado aos efeitos secundários dos medicamentos..." (entrevista 10) e porque a medicina convencional, por vezes, não dá resposta ao doente "...e às vezes a medicina convencional não consegue tratar determinada doença" (entrevista 10). Dois entrevistados, dizem que o modo como se encara a doença é que decide se o doente prefere optar pelas plantas medicinais ou pelos medicamentos "A maneira como se encara a doença é espetacular

para curar. Precisamos da farmácia, da família, dos amigos, da cozinha mas a arte de curar está em nós mesmos” (entrevista 11). Os entrevistados 3 e 9 não respondem à questão.

Na tabela 9, podemos constatar que apenas uma pessoa responde “Não sei” a esta questão. Seis dos entrevistados comprovam a eficácia das plantas medicinais “As plantas medicinais já resolveram alguns problemas...” (entrevista 5). Duas entrevistadas, uma professora e outra farmacêutica, admitem que as plantas possam ter a sua eficácia mas que se não forem tomadas na dose certa podem ser perigosas, tóxicas “...um farmacêutico sabe devidamente que dose colocar naquele medicamento enquanto que se eu me submeter diretamente à planta medicinal, se não tiver os conhecimentos suficientes posso ter uma intoxicação ou posso ter um efeito nocivo” (entrevista 10), a entrevistada 14 defende que apesar de as plantas medicinais apresentarem a sua eficácia, a dose tomada por cada pessoa deve ser controlada “lá está, têm alguma eficácia? Têm...Têm algumas propriedades porque eles acabam por ter substâncias que podem ajudar, só que lá está, não estamos é a controlar a dose” (entrevista 14). Os entrevistados 2, 3, 4, 6 e 9 não respondem a esta questão.

#### 2.4.8. As plantas medicinais e os seus efeitos adversos

Dez dos catorze entrevistados defendem que as plantas medicinais têm efeitos adversos, apenas uma pessoa diz que não sabe responder à questão porque nunca fez uso de plantas medicinais e, quatro pessoas não responderam à questão. As plantas medicinais apresentam efeitos adversos porque não são testadas "As plantas não são testadas, o problema é esse, qualquer planta já dá para chá" (entrevista 1). A entrevistada 12, tem conhecimento de algumas plantas que fazem mal "Ai tenho ali umas na minha horta que fazem mal, a minha filha trouxe para ali umas, não sei de onde as trouxe, têm ouriços, quando são muito grandes têm uns ouriços..." (entrevista 12). Quem utiliza plantas medicinais deve saber como usá-las nas doses certas "Eu acho que sim, tem o produto ativo benéfico e se não for utilizada devidamente e nas doses adequadas poderá também ter efeitos adversos que nos trazem malefícios." (entrevista 10), o mesmo é defendido pelo entrevistado 11 "Podem aí haver algumas que fazem mal. Não sei ser muito claro, mas por exemplo a flor de carqueja, se o técnico que estuda a planta e estuda os princípios ativos da planta vai dar conta que aquilo é bom para relaxar, os antigos já sabem isso, garantidamente, e aquilo dá certo, só temos é que dar credibilidade..." (entrevista 11). É preciso ter cuidado no uso de plantas medicinais uma vez que estas tomadas juntamente com medicamentos podem causar graves problemas "Sim, algumas convém nós vermos os efeitos secundários, por exemplo, o hipericão não se pode tomar junto com os medicamentos antidepressivos porque potencia o efeito do antidepressivo, pode alterar o nosso sistema, por isso, ou se toma uma coisa ou se toma outra, não se pode tomar junto..." (entrevista 13). Assim, as plantas medicinais devem ser utilizadas por quem tem um vasto conhecimento acerca das mesmas, a entrevistada 10, defende a ideia de que as pessoas antigas como têm muita experiência certamente que sabem as doses certas a usar de cada planta "Há pessoas que durante muito tempo as utilizam e parece que já sabem a dose certa, até têm alguma eficácia e há montes de doenças associadas às plantas medicinais mas claro, deve ser alguém muito cuidadoso e já muito experiente." (entrevista 10).

## **2.4.9. As plantas medicinais e o tratamento das doenças**

Dois dos entrevistados dizem não saber responder a esta questão (entrevista 1 e 2). Oito entrevistados dão exemplos de plantas medicinais que tratam determinadas doenças. Para as entrevistas 7, 9, 12 e 13 criei tabelas particulares para cada um dos entrevistados, uma vez que são dados bastantes exemplos de plantas medicinais e de doenças que as mesmas tratam ou ajudam a tratar. O entrevistado 5, diz que o chá ajuda nas dores de estômago e azia “Estômago, azia, o chá alivia um bocadinho...” (entrevista 5). A entrevistada 8, refere o reumatismo, a tireóide e as enxaquecas mas não diz quais as plantas medicinais que utiliza. Já a entrevistada 14, diz que as plantas ajudam a tratar a obstipação e que os chás assim como a valeriana têm efeitos calmantes “A obstipação, sei que tratam muito, problemas urinários também, há sempre um chazinho que faz bem para isso, para a indisposição, um chá de cidreira, a camomila, é um bom relaxante, a valeriana que tem os seus efeitos calmantes” (entrevista 14). Quatro dos entrevistados 3,4,6 e 11 não respondem a esta questão.

### **2.4.9.1. Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 7)**

A entrevistada 7, refere algumas plantas medicinais bem como para que estas servem, refere a malvela, o ápio para o estômago, a salva para infeções das pessoas, a cidreira desgasta, refere ainda o chá de carqueja e de tília, o pelicão bravo e manso, dizendo que o bravo é melhor que o manso “dizem que o pelicão bravo é muito melhor que o manso, faz bem às crises de figado”. Já o eucalipto descongistica o nariz “o eucalipto é bom para respirar, para fazer inalações, faz muito bem” (entrevista 7).

#### 2.4.9.2. Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 9)

De acordo com a tabela 11.2, existem diversas plantas que curam certas doenças. A entrevistada 9, expõe várias plantas medicinais como o eucalipto, o loureiro, o alecrim, as marianas e a alfazema que são boas para curar a gripe. Já a flor de morango, o mil-folhas, a menta e a lúcia-lima são bons para usar como chá, assim como a ruda que é boa para chás mas também para a inveja. As urtigas são boas para o reumatismo e, o hipericão-do-gerês, é benéfico para o fígado e intestinos. A betónica é utilizada pela entrevistada como substituta da canela quando faz rabanadas. A entrevistada só explica como se utiliza o alecrim “Fervo, é uma infusão de alecrim. Estás abafada dos bronqueos ou que não podes respirar, ferves um bocado de alecrim numa panela grande, um bocado de eucalipto, qualquer planta que tenha cheiro, ferve-la ali, pões a panela ou um bacio ou o que queiras pôr, pões uma toalha de felpo por cima e apanhas aqueles vapores, alivia-te, alivia os pulmões e a respiração” e como se utilizam as urtigas “...as urtigas apanham-se, lavam-se, com umas luvas se não picas-te, lava-las com as luvas e depois coze-las numa panela à parte sozinhas, a seguir tira-las da água, deixa-las escorrer e tiras-lhe só a folha porque o troxo (caule da planta) fica duro. Tens de ter a calda da sopa feita com cenoura, cebola e batata, o que lhe queiras pôr, ao estar a calda pronta, pões as urtigas numa malguinha, não se quer a folha inteira, com uma tesoura cortas a folha para ficar miudinha, é como fazemos em Mourilhe, no hotel do meu irmão, quando fazemos o caldo de urtigas, que é nas sextas-feira 13 e assim. Temos uma terrinas de pôr as sopas nas mesas, põem-se um bocadinho daquela urtiga já cozida e picada na terrina, mexe-se e depois as pessoas servem-se nos pratos ou nas tigelas, onde queiram comer” (entrevista 9).

### 2.4.9.3. Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 12)

A entrevistada 12, é a que mais informação deu acerca do uso de plantas medicinais e quais as doenças que estas podem tratar, aliás, foi esse conhecimento acerca de plantas medicinais que fez com que a entrevistada 12 fosse uma das escolhidas. Na tabela 1.3 podemos associar cada planta a uma doença e a entrevistada explica-nos como usar o alecrim “Sim, junto com o mel, mas só assim um bocadinho que ele é muito forte...”, a hortelã “...a sopa alentejana, aquela que se faz com um ovo, eu sabia fazer agora é que não me lembro...era um ovo cozido...e a hortelã também é boa para o cozido português...um raminho só, eu trabalhei num restaurante em Lisboa, deitavam-lhe um raminho de hortelã sempre ao cozido, couves e batata e nabo e cenoura, botavam-lhe um raminho que sabia melhor o cozido”, o hipericão “O hipericão temos comprado...cá também há, mas havia lá para o lado dos Pisões, eu agora já não posso andar, não vou lá buscá-lo, bota uma flor amarela e tem umas folhinhas como um dedo, fininhas, eu até te vou mostrar mas a Ana (filha) é que comprou. É bom para a depressão, antivírus, ansiedade, tensão, insónias, reumatismo, dores musculares e articulação, vesícula, fígado, rins, menopausa, constipações, herpes...”, o limonete “este (o limonete) as folhas podem parecer muito estreitinhas mas se a gente deitar três para uma chávena é o suficiente porque, caso contrário, faz o chá muito forte e os chás fortes fazem mal. Estas folhas, têm que ser só três para uma chávena, essas três parece que são muito estreitinhas mas bota-las na água e elas ficam muito largas, como dois dedos”, a camomila diz que não a apanha porque não tem conhecimento de como se usa “Esta aqui (mostra no livro) chamam-lhe a camomila, são flores mas eu não sei se são naturais se não, nunca a apanho...”, diz que a ruda não se pode beber, é só para lavar o corpo com ela “Mas não se pode beber! Mesmo ali avisa no livro, é só para lavagem, se tu tiveres hemorroidas, que estejam com muita infeção...tem que a gente ser lavada com água fria, deixa-la arrefecer depois, a água quente faz mal! Tem que ser mesmo gelada e faz muito bem. Uma vez uma pessoa andava muito mal do intestino, comia aquelas comidas com picante...Tem que ser numa bacia onde nos caiba o rabo, depois estamos lá cinco minutos, passa logo...fazes assim duas ou três vezes, passa tudo!”, diz-nos ainda que os ouriços têm de ser apanhados verdes “Sim, mas é quando estão verdes e quando vêm aquelas bolinhas amarelas, de virem os ouriços no castanheiro, parece um morrão aquilo, dizem que faz bem e as pontas das silvas, não sei se são três ou se são sete, dizem que é bom para a diarreia”, a oliveira serve para beber em chá para a tensão alta “A oliveira também é boa para quando a gente tem a tensão muito alta. Tomas uma chávena ou duas em jejum, sem açúcar, mas não se pode abusar muito, tomas duas vezes por semana, por exemplo, tomas na segunda-feira, estás dois ou três dias sem beber, depois tomas outra e depois páras, tudo

seguido pode descer muito e, para subir a tensão baixa, é um copo de água fria com uma colher boa de açúcar mexido e beber”, por fim, a entrevistada 12 diz que o loureiro é benéfico para os músculo e é um bom tempero “E o loureiro é bom para temperar carnes, dizem que é bom para os músculos, lava-se a gente com aquilo na banheira, ferve um pouco de loureiro, eu já fiz mas não senti nada em relação aos músculos, mas é bom para os comeres” (entrevista 12).

#### **2.4.9.4. Plantas medicinais, o que tratam? (entrevista 13)**

A entrevistada 13, faz algumas infusões de plantas medicinais nos seus tempos livres e diz, na tabela 11.4, que as barbas de milho são benéficas para as infeções urinárias, a camomila é boa para as insónias, é calmante, a carqueja é boa para estados gripais, colesterol, diabetes e tensão alta e a urtiga é vantajosa para a próstata, para a anemia e para a circulação sanguínea.

## 2.5. A confiança na compra de produtos naturais em farmácias, lojas e/ou supermercados

Como podemos verificar através da tabela 12, ninguém disse confiar que os produtos naturais comprados em farmácias, lojas e/ou supermercados são 100% eficazes e seguros. Cinco dos entrevistados adotam uma posição intermédia face a esta questão, dizendo que esses produtos naturais podem ser, por vezes, eficazes e outras vez não. Quatro entrevistados dizem não confiar na eficácia e segurança dos produtos naturais como é o caso da entrevistada 10 "não, se estão à venda em farmácias eu acho que devem ser eficazes, eu acho que sim, no entanto, um produto que diz 100% natural poderá ter algo de errado, não ser 100% eficaz, não é?" (entrevista 10). Três entrevistados admitem não comprar, de todo, produtos naturais, como é o caso do entrevistado 6 "Eu não compro, não sei se são certificados ou não. Compro medicamentos sintéticos e de marcas, naturais não compro nenhum." (entrevista 6), entrevistado 7 "não tenho por hábito comprar, na farmácia, produtos naturais" (entrevista 7) e entrevistada 9 "Não, só uso produtos de casa" (entrevista 9). Os entrevistados 11 e 12 não respondem a esta questão.

## 2.6. A frequência dos curandeiros e herbolários

Nove dos catorze entrevistados admitem nunca ter recorrido a profissionais que trabalhem com plantas medicinais, como por exemplo, curandeiros, herbolários, endireitas, entre outros. A entrevistada 7 e a entrevistada 10, são duas das quais nunca recorreram e não acreditam nestes profissionais que trabalham com plantas medicinais. A entrevistada 10, diz que as pessoas recorrem a estas terapêuticas ou porque a medicina convencional não lhes deu uma resposta ou por uma questão de fé " Na realidade não acredito mesmo e se calhar muita gente que recorre a estas pessoas é porque realmente a medicina convencional não lhes deu resposta ou às vezes por uma questão de fé. O misticismo que envolve estas terapêuticas atrai as pessoas" (entrevista 10). Quatro entrevistados dizem já ter recorrido a estes profissionais e comprovam a sua eficácia. O entrevistado 3, diz que recorre aos mesmos porque acredita e já comprovou que eles podem curar "Já fui a um curandeiro à Vila da Ponte, agora acho que o sobrinho é que ficou com essa profissão (endireita). O Pinto percebia do que fazia, torci o pé, fui lá, ficou logo direito! Recorro a eles porque acredito que podem curar" (entrevista 3). A entrevistada 8, refere que tem uma dor ciática e que a pomada receitada por um curandeiro, a alivia bastante "Já, recorri porque tinha uma dor ciática, isto nunca passa. Fui aqui no congresso a um curandeiro e fiquei satisfeita porque aliviou a dor, a dor vem sempre mas a pomada que ele me deu diminui a dor" (entrevista 8). O entrevistado 11, diz já ter recorrido a um endireita "Recorri a um endireita várias vezes..." (entrevista 11) e, a entrevistada 12, comprova a sua eficácia "A um endireita já, desmanchei os pés, já há muito que não me acontece isto e agora também já não há, era o tio Pinto da Vila da Ponte" (entrevista 12). A entrevistada 9, diz não acreditar em nenhum dos profissionais, principalmente em charlatães e refere que apenas o marido é que já recorreu a um endireita "não, só foi o meu marido ao endireita lá em Vilar, mas eu nunca...", a entrevistada 9 diz que eles enganam as pessoas, que só querem dinheiro "não, não acredito, eles é só para comer dinheiro" (entrevista 9).

## 2.7. Histórias acerca de curandeiros ou endireitas ou charlatães

O entrevistado 3, conta-nos a história de um curandeiro conhecido pelos barrosões, que vivia na aldeia da Vila da Ponte (Montalegre). O referido entrevistado diz que já recorreu aos serviços do mesmo e, outra pessoa presente na entrevista, diz que também já foi a esse profissional da Vila da Ponte porque tinha partido um braço e depois ficou bem "Antigamente na Vila da Ponte havia lá um endireita, a mim arranjou-me este braço duas vezes e ficou bem!" (entrevista 3).

A entrevistada 9, conta uma história que ocorreu na aldeia onde vive a entrevistadora – Friães. Esta é a história de um charlatão que ganhava a vida a enganar as pessoas, dizendo umas rezas "vou-te contar uma história dos charlatães, passada em Friães, na tua aldeia...Então a história de Friães que te vou contar é esta: Havia um homem em Meixedo que ainda era da nossa família e dizia que tinha o diabo com ele, que tinha isto que tinha aquilo e havia um charlatão qualquer que andava pelas aldeias. O meu parente disse-me que tinha de ir lá com ele a esse bruxo para deitar o que tinha fora, lá foi ele. Então, ele e outro amigo do meu pai foram para um tapado entre Friães e os Pisões e o charlatão começou a gritar "Sai daí, deixa fulano...", e isto e aquilo, tornava a dizer, lá estava mais um bocado, a fazer mais umas cruces, a fazer umas rezas e o meu pai e o tal amigo a espreitarem do outro lado, eles riam-se e estavam a ouvir a história. Quando acabou a reza vieram para a taberna. O meu pai chegou à taberna e disse: "bota aí um cortilho a fulano" para pagar um copo ao charlatão e este pergunta: "porque me estás a pagar?" e o meu pai: "olha, é pelo trabalho que fizeste, isto é um ganha-pão como outro qualquer". Eles viram que ele não lhe esteve a fazer nada ao homem, só andou com as rezas dele e eles estavam a espreitar, o charlatão admitiu que era um modo de vida. É essa a história dos charlatães porque uns são falsos e outros são verdadeiros", daí a entrevistada afirmar que não acredita nos charlatães, estes enganam as pessoas e só querem ganhar dinheiro.

O entrevistado 11, padre, acredita na eficácia dos profissionais que usam as plantas medicinais para prevenir e tratar a saúde, este diz que recorria aos mesmos no seminário, mas não sabe se é porque os padres não queriam passar muito tempo nos hospitais ou porque estes realmente acreditam na sua eficácia "recorri a um endireita várias vezes, no seminário nós iam a um endireita ali perto, não sei se era porque os padres não queriam passar muito tempo connosco nos hospitais porque aquilo demorava sempre muito tempo, se era porque acreditavam mesmo mas a verdade é que depois eu também já lá fui por causa de jogar à bola" e o próprio entrevistado já comprovou a eficácia dos osteopatas, defendendo que o tratamento proporcionado por estes é realmente bom "os osteopatas já vieram cá

muitas vezes a Vilar de Perdizes que são quase os endireitas dos tempos modernos, doem-me as costas vou ali ao osteopata, eles fazem a massagem, que não é bem uma massagem, é um tratamento, e a pessoa vem de lá boa ” (entrevista 11).

Por último, a entrevistada 12, conta a sua história pessoal em que diz que tinha falta de calcário no calcanhar e que no hospital lhe disseram que tinha que ser operada “eu é uma miséria, partia quase tudo, agora já há muito que não. Desta perna estive nove meses sem andar, quer dizer, não era da perna, foi o calcário do calcanhar e depois eu tinha que ser operada mas eu não queria...depois, graças a Deus, sarei bem!”, acabou por não andar durante nove meses e fez fisioterapia durante três meses mas esta preferiu recorrer a uma senhora da Moinha, a qual lhe aconselhou a utilizar urtigas na cura do seu calcanhar e explicou-lhe como usá-las: “a mim disse-me que fervesse bastantes urtigas numa panela limpinha, depois meter o pé naquela água morna e meter as urtigas por cima do local onde está partido que vai aquele líquido lá para dentro. A senhora da Moinha chegou a dizer a uma das suas clientes que mesmo que fosse ao médico para continuar com este tratamento “E a senhora da Moinha disse à outra senhora que mesmo que vá ao hospital que continue com o banho das urtigas à noite, porque sara num instante, sai-lhe a infeção por dentro.” (entrevista 12).

## 2.8. O conhecimento de pessoas que recorrem aos curandeiros e herbolários

Através da tabela 12, podemos verificar que seis entrevistados referem alguém que já recorreu a um desses profissionais de saúde (curandeiros, charlatães, herbolários, endireitas...). Os entrevistados 4, 5, 6 e 13 dão uma resposta geral dizendo que conhecem alguém que já recorreu a esses serviços, mas não especificam a pessoa nem porque recorreu. Já o entrevistado 1, diz que o seu irmão já recorreu mas ambos acabaram por comprovar que esses profissionais não são eficazes “O meu irmão tem lá ido. Aliás, ia de princípio quando vinham para aí, mas depois nunca mais foi lá. Diziam que curavam mas as pomadas não curavam nada.” (entrevistado 1). A entrevistada 9, mostra-se revoltada com os charlatães chegando a afirmar que uma prima se suicidou à conta de um charlatão “Conheço, conheço pessoas, uma prima minha matou-se à conta de um charlatão.” (entrevista 9). Há dois entrevistados que afirmam não acreditar nesses profissionais que trabalham com as plantas medicinais, como é o caso do entrevistado 1 “Há pessoas que acreditam em tudo, eu não acredito em nada!” (entrevista 1) e, do entrevistado 2 “Vêm para aqui muitos (curandeiros). Não recorro a curandeiros porque não acredito” (entrevista 2). Tanto a entrevistada 7 como a entrevistada 14, admitem ter conhecimento de que muitas pessoas recorrem a esses profissionais mas estas não acreditam neles. A entrevistada 7, diz que conhece quem recorra a eles mas que não sabe especificar alguém “há pessoas, não é? Não lhe posso dizer especificamente a ou b mas a gente ouve falar as pessoas e há aqueles que acreditam piemente nisso”, esta diz que não a incomoda que as pessoas recorram a curandeiros, desde que acreditem neles, mas afirma que não acredita em nenhum “se as pessoas não prejudicarem ninguém e acreditarem, o poder da mente tem muita força. Mas eu não, não acredito em nada disso, nem em bruxarias, não acredito” (entrevista 7). A entrevistada 14, tem o mesmo ponto de vista dizendo que, infelizmente, há quem acredite em curandeiros “sim, há muitas pessoas que recorrem a curandeiros, isso há, infelizmente há...” e dá um exemplo de um caso em que um curandeiro pôs a saúde e vida de um paciente em risco “...e sei de um caso que o curandeiro mandou-lhe retirar os medicamentos todos e a pessoa foi internada, isto não poder ser assim! Uma pessoa com problemas psicológicos a tomar uma medicação forte e fizeram-lhe uma coisa dessas, mas pronto, cada um faz o que quer”, daí o facto de que a entrevistada 14 não acredita em nada que não seja comprovado pela ciência. Apenas o entrevistado 3, diz acreditar nesses profissionais, afirmando que há anos atrás comprovou a sua eficácia “Por acaso cheguei a levar umas pessoas mas longe daqui. Fui a um que havia na Espanha e outra que havia ali para os lados de Chaves, na serra, não sei se é Moinhas ou coisa parecida, havia para lá uma curandeira, mas já foi há anos, há 30 ou 40 anos”, admite que hoje em dia esses profissionais já nem existem ou pelo menos

com tanta abundância como há 30 ou 40 anos atrás “essa gente (curandeiros) se calhar já nem existe” (entrevista 3). Três dos entrevistados referem que a gente de Vilar de Perdizes recorre a esses profissionais “Há muita gente de Vilar que a eles correm” (entrevista 2). Os entrevistados 8 e 10 dizem o mesmo. A entrevistada 12, diz não saber de ninguém que tenha recorrido porque acredita que têm vergonha de contar “não, não sei, a gente não conversa com as pessoas sobre isso. Nunca falaram, nunca disseram nada, às vezes podem ir mas não contam estas coisas à gente” (entrevista 12). O entrevistado 11 não responde a esta questão.

## 2.9. Conhece pessoas que a eles recorrem (histórias acerca de curandeiros ou endireitas ou charlatães)

A entrevistada 9, começa por dizer que em endireitas acredita porque curaram o braço de uma prima, contudo, defende que em charlatães não acredita, muito menos nas rezas deles “conforme agarrou a garota só lhe deu um jeito ao braço, pronto...deu-lhe aquele jeitinho e ficou. Então, nos endireitas acredito mas nos charlatães não, só sabem dizer “fulano está metido em mim...”, não isso não acredito!” (entrevista 9). A entrevistada 10, conta que quando surgiu o congresso, os participantes eram essencialmente curandeiros, bruxos e cartomantes “Quando surgiu o congresso eu lembro-me que as pessoas que assistiam aos primeiros congressos eram entre curandeiros, bruxos, os cartomantes, havia montes de gente ligada a estas terapêuticas, ao misticismo, ao oculto e havia gente de todo o país que vinha ao congresso para precisamente ser atendido por estas pessoas” (entrevista 10). Muitas pessoas participavam no congresso por uma questão de fé ou de desespero para curar os seus entes queridos “Muitas delas com filhos que não conseguiram ser curados na medicina convencional ou por qualquer motivo, uma questão de fé, eles faziam de tudo para obter uma resposta, era mais uma esperança para ver os filhos ou familiares curados” (entrevista 10). A entrevistada 13, admite não recorrer a profissionais que utilizam plantas medicinais para tratar a saúde “eu pessoalmente nunca fui, para dizer a verdade”, contudo, conta que reconhece a eficácia dos endireitas, dos omeopatas e dos homeopatas “conheci uma pessoa que teve um entorce no pescoço e foi a um endireita e diz que ficou bem. Há outras pessoas que vão aos homeopatas e osteopatas dizem que com as massagens que fazem e com os tratamentos que ficam bem, sentem-se bem” (entrevista 13). A entrevistada 14, mostra-se muito reticente em relação a esses profissionais, dizendo que estes só exercem essa atividade em troca de dinheiro mas que não curam “assim sendo, quem faz também tem que mostrar que sabe aquilo que está a fazer, muitas das vezes até fazem aquilo por dinheiro, infelizmente é um negócio e há pessoas que têm a capacidade de dar a volta a outras, acreditam, muitas vezes, no que a outra pessoa está a dizer sem a conhecer de lado nenhum e não é difícil, principalmente, as pessoas de idade”, dá o exemplo dos vendedores porta-a-porta que têm um grande poder de persuasão, enganando as pessoas mais vulneráveis “é como os vendedores de porta-a-porta, em que as pessoas compram coisas que nem precisam, a maneira como eles abordam as pessoas, fazem-nas crer que precisam daquilo e elas acreditam que sim, que precisam e depois caem na realidade de que não precisavam nada! Dirigem-se às pessoas menos informadas, isoladas, de mais idade, mais carenciadas, que são enganadas...” (entrevista 14).

## 2.10. Conclusões acerca das entrevistas

Após uma análise intensiva das catorze entrevistas, podemos constatar que mais de metade dos entrevistados têm conhecimento da realização dos Congressos de medicina popular em Vilar de Perdizes, contudo, um facto interessante é que apenas dois deles admitem ter participado nesses Congressos. Há, atualmente, um descrédito ou uma desmotivação por parte de alguns dos residentes de Vilar de Perdizes nos Congressos de Medicina Popular, de acordo com o atual padre de Vilar de Perdizes, esse desinteresse deve-se ao facto de, hoje em dia, o Congresso não ser feito nos moldes de antigamente, ou seja, deve ter como base a medicina popular e não uma feira onde se vendem produtos locais, o entrevistado expõe a sua ideia de como deveria ser o Congresso “Ora! A minha ideia é que sejam coisas provadas e que seja um congresso de medicina porque hoje os médicos já estudam as ervas, sempre as estudaram, mas hoje há médicos que fazem teses de mestrado sobre os benefícios do chá, há trinta anos, quando o congresso começou, isso era uma maluqueira, isso não podia ser, um médico nunca podia falar que o chá era bom, hoje já fala. O que é que nos falta a nós? Falta-nos uma cultura de produção, em Vilar de Perdizes não há produção, há coisas pequenas. A minha ideia é que Vilar de Perdizes pudesse vender chá e ervas aromáticas em todo o país. Com o nome que temos, é só os jovens quererem, os chás estão aí, a natureza dá, a carqueja está aí, tem lógica, a urze está aí, as outras ervas estão por aí e as restantes basta plantá-las, a malta é que não quer...não é não quer, não temos cá jovens capazes e suficientes para avançar com uma coisa dessas porque as crianças e os jovens...onde é que eles estão? Estão em Braga, no Porto e na França” (entrevista 11). Apesar deste fator, a maioria dos entrevistados concorda com a realização dos Congressos de Medicina Popular, todavia, alguns dizem que este deve sofrer alterações, a farmacêutica entrevistada não concorda com a sua realização uma vez que para ela só os medicamentos comprovados e testados é que têm eficácia na prevenção e tratamento da saúde. Quanto às vantagens que os CMP podem trazer para a região transmontana, algumas são de cariz económico, isto é, ficam a ganhar os restaurantes, os cafés, há mobilidade financeira, são benéficos para a saúde da população, possibilitam uma maior convivência entre os seus participantes e promovem a aldeia. Metade dos entrevistados (7), dizem que os CMP não trazem nada de prejudicial à região transmontana. Três dos entrevistados opõem-se à presença de charlatães nos Congressos porque estes enganam as pessoas. O atual padre de Vilar de Perdizes defende que o Congresso deve focar-se nas palestras e debates em torno da medicina popular e não em bruxarias.

Relativamente ao uso de plantas medicinais na prevenção ou tratamento da saúde, seis dos entrevistados dizem não fazer uso das mesmas e que só acreditam nos medicamentos sintéticos, tal como é o caso da farmacêutica entrevistada que defende que as plantas medicinais não têm fins terapêuticos. Após a análise das entrevistas, verificamos que cinco entrevistados defendem que os medicamentos são mais eficazes, seis entrevistados adotam uma posição intermédia, dizendo que tanto fazem uso de plantas medicinais como de medicamentos convencionais e quatro entrevistados dizem que as plantas medicinais são mais eficazes. Dez dos catorze entrevistados dizem que as plantas medicinais apresentam efeitos adversos uma vez que não são testadas e deve ter-se cuidado quando se faz uso de plantas medicinais. Mas afinal quais doenças é que as plantas medicinais tratam? O entrevistado 5 diz que o chá ajuda nas dores de estômago e azia “Estômago, azia, o chá alivia um bocadinho...” (entrevista 5). A entrevistada 8, refere o reumatismo, a tireoide e as enxaquecas mas não diz quais as plantas medicinais que utiliza. A entrevistada 10, defende a ideia de que as pessoas antigas, como têm muita experiência, certamente que sabem as doses certas a usar de cada planta: “Há pessoas que durante muito tempo as utilizam e parece que já sabem a dose certa, até têm alguma eficácia e há montes de doenças associadas às plantas medicinais, mas claro, deve ser alguém muito cuidadoso e já muito experiente.” (entrevista 10). Já a entrevistada 14 diz que as plantas ajudam a tratar a obstipação e que os chás assim como a valeriana têm efeitos calmantes: “A obstipação, sei que tratam muito, problemas urinários também, há sempre um chazinho que faz bem para isso, para a indisposição, um chá de cidreira, a camomila, é um bom relaxante, a valeriana que tem os seus efeitos calmantes” (entrevista 14).

Dos catorze entrevistados, nenhum diz confiar a 100% que os produtos naturais vendidos em farmácia ou supermercados são eficazes, cinco deles adotam uma posição intermédia face a esta questão, quatro dizem não confiar e três dizem não comprar qualquer produto natural em farmácias. Nove dos catorze entrevistados dizem nunca ter recorrido a terapeutas populares, quatro dizem ter recorrido e ficaram satisfeitos com o seu atendimento e uma refere um familiar que já recorreu. Seis dos entrevistados contam histórias de pessoas que já recorreram a terapeutas populares.

## Capítulo III

### Análise e Interpretação do jornal “Notícias de Barroso”

Foi ainda feita análise de conteúdo a jornais locais do concelho de Montalegre, de seu nome “Notícias de Barroso” que nos dão uma perspetiva geral acerca dos Congressos. Os temas dos jornais vão desde a exposição do programa de cada edição do Congresso, a sugestões de melhoria, aos aspetos melhorados ao longo dos anos, apresentação das atividades desenvolvidas durante o evento. Dá-se ênfase à importância do Padre Fontes nos Congressos de Medicina Popular e para a região de Barroso e, critica-se a oposição feita aos tais Congressos bem como à falta de diálogo por parte dos médicos. De referir que não foi possível obter informações acerca dos jornais datados de 1990, 1991 e 2018.

#### 3.1. Título, subtítulo e autor da notícia

Na tabela 13, podemos conferir que os jornais “Notícias de Barroso” dão conta de notícias acerca dos Congressos de Medicina Popular desde 1983, ou seja, desde a data de início dos famosos congressos de Vilar de Perdizes. Os jornais correspondentes aos meses de Agosto, Setembro e Outubro fazem referência aos CMP, visto que estes se realizam ou no final do mês de Agosto ou no início do mês de Setembro. A maioria dos títulos das notícias, referem-se ao Congresso de Medicina Popular, outras notícias fazem referência aos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes, os restantes títulos chegam a ser sugestivos e opinativos relativamente aos CMP. Alguns dos subtítulos dizem respeito às datas da realização dos Congressos de Medicina Popular em cada ano.

Quanto à autoria das notícias, podemos constatar que o autor da maioria delas, é o impulsionador dos Congressos de Medicina Popular, o Padre António Fontes, que também foi diretor do “Notícias de Barroso” durante longos anos. Outros autores são: Carvalho de Moura, que substituiu o padre Fontes na direção do jornal, Maria Celeste, Antónia Celeste e Mário que são visitantes regulares do CMP e que escreveram uma carta ao Padre Fontes a agradecer a visita guiada, Elvira Lobo, uma das palestrantes, Dr. Polonah, também palestrante e professor da Universidade de Lisboa, Paula Cristina Silva e Santos Almeida, palestrantes. Barroso da Fonte e Bento da Cruz, que inaugurou a escola secundária Bento da Cruz, de Montalegre, também escreveram algumas das notícias acerca dos CMP.

### 3.2. Localização da notícia, espaço que ocupa, Descrição da imagem que acompanha a notícia

A tabela 14, mostra-nos que as notícias acerca dos Congressos de Medicina Popular têm importância quer para os residentes de Vilar de Perdizes e do concelho de Montalegre, quer para os visitantes do Congresso, que chegam de todos os cantos do país "Vieram dos mais diversos pontos do país, da Espanha e da França..." (Jornal 7). A notícia relativa aos CMP surge onze vezes na página principal, sete vezes tanto na página principal quanto na página secundária e 25 vezes na página secundária. Este fenómeno anual é importante nem que não seja para manter vivas tradições antigas, para usar a medicina popular como complemento da medicina convencional, e até para o convívio. Cada notícia, em alguns casos, é acompanhada por uma imagem, na maioria das vezes, essa imagem corresponde ao programa de cada Congresso de MP ou a fotografias tiradas no dia do próprio Congresso.

### 3.3. As personagens das Notícias

A tabela 15, expõe as personagens principais das notícias acerca dos Congressos de Medicina Popular. Uma das personagens principais é o padre António Lourenço Fontes que é considerado o impulsionador, o promotor, o criador dos Congressos de Medicina Popular. Os curandeiros e terapeutas populares também são protagonistas de muitas das notícias relativas aos Congressos e, são estes, que cativam curiosos a ver as suas habilidades. A função dos curandeiros é: "Dizem-se competentes para curar diversos males físicos e perturbações da mente. Muitos deles conhecem o valor da flora medicinal e outros são capazes de recompor, com uma habilidade espantosa, vários tipos de lesões ósseas provocadas por acidentes. Utilizam outros, nos seus preparados caseiros, para os casos mais insólitos, mesclas de produtos e detritos animais que aos olhos do civilizado soam a mistelas repugnantes. Tanto curam os males do homem, como dos animais caseiros. Cozem ervas, preparam emplastros, aplicam unguentos, fazem defumadouros, rezam, esconjuram, fazem promessas, ajoelham-se perante um crucifixo, adivinham o futuro, descobrem objetos e animais perdidos, denunciam os males de inveja, embruxam e desembruxam conforme a ocasião" (Jornal 9). Os curandeiros, têm um papel importante nas sociedades rurais "Os velhos curandeiros têm um papel importante nas comunidades rurais. Pequenas aldeias, têm nesses homens e mulheres os garantes do funcionamento do centro de saúde, que nunca ali existiu, mas no qual acabam por se transformar as casas desses substitutos do agente oficial ou científico. A crença nos efeitos milagrosos das mezinhas, aplicadas pelo curandeiros, aos quais, por vezes se atribuem poderes que não estão ao alcance do cidadão comum; a fé no efeito de determinadas rezas; a abertura dessa gente à superstição; o que leva a crer em bruxarias, em amuletos, na magia". A OMS define: "Curandeiro tradicional é uma pessoa reconhecida pela coletividade em que vive como competente para prestar trabalhos de saúde, por meio de produtos vegetais, animais e minerais e também por outros métodos básicos sobre fundamento sócio-cultural e religioso e também sobre conhecimentos, comportamentos e crenças ligadas ao bem-estar físico, mental e social. Contudo, o curandeiro da aldeia é uma popular figura em vias de extinção. Não porque a assistência médico-medicamentosa faça a necessária cobertura mas apenas porque a juventude é solicitada por outros interesses e cada vez menos aliciada por práticas ancestrais" (Jornal 23).

O vareador da cultura da Câmara Municipal de Montalegre também esteve presente na saudação dos congressistas e nos CMP assim como outros representantes políticos. Referem-se muitas vezes, nas notícias, os participantes dos Congressos de Medicina Popular que podem ir desde colmadores, pedreiros e carpinteiros a um misto de investigadores, especialistas de medicinas alternativas e doenças

da mente. Assim, e de um modo sucinto, os Congressos reúnem gente de todas as classes sociais, com ou sem habilitações literárias “Reuniu gente diversa: uns com formação académica ligada aos vários graus do saber, a par de outros cujos conhecimentos não foram adquiridos em nenhuma escola mas transmitidos por via oral e acumulados por uma prática de longos anos” (Jornal 7). A ajuda do povo de Vilar de Perdizes bem como dos jovens da Associação da Defesa do Património de Vilar de Perdizes são essenciais no desenvolvimento e continuidade dos Congressos, na atualidade.

### 3.4. Objetivos do Congresso de MP, número de pessoas presentes no CMP, críticas nos jornais

Eis o programa do Congresso de Medicina Popular do ano de 1988: Ligados à antropologia: Raul Iturra (ISCTE) falou sobre "O corpo e saúde na cultura iletrada"; João Pina Cabral (ISCTE), abordou "Os problemas com a noção da crença"; Luís Polanah (U.M) apresentou uma comunicação "Notas sobre o inconsciente na psicoterapia africana"; Manuel Mandianes Castro, Diretor do Departamento de Antropologia do CSIC de Barcelona, participou com uma comunicação "Doença dos velhos emigrantes", Elvira Lobo (Mestranda da U.N de Lisboa), falou sobre "Agentes da medicina popular no concelho de Braga." Ligados à medicina científica: Berta Nunes (Médica de Clínica Geral em A. da Fé) teceu algumas considerações sobre "Medicina Popular em Alfândega da Fé"; Alexandre Canedo e outros, estudantes da F. de Medicina do Porto, apresentaram o resultado de um inquérito, de caráter comparativo, sobre que camadas sociais mais recorrem à herbanária. Ligados às plantas medicinais: Adain e Odde Leconte (de nacionalidade francesa mas radicados na serra do Gerês onde se dedicam ao cultivo de plantas) apresentaram um estudo sobre "Plantas medicinais e alimentação natural"; Anabela Bogalho Reis, de Chaves, falou sobre "Cultura e aproveitamento de plantas medicinais e aromáticas"; Manuel Gens, da Maia, apresentou slides de flores e de plantas medicinais; Manuel Nogueira de Pinhal Novo "Alimentação e reumatismo" e Manuel Moreira "Macrobiótica e Hhiatsu" - tratamento feito através da pressão dos dedos (massagem) (...) o padre Joaquim de Araújo, da Afurada, falou da ação do padre frente ao mundo frente ao mundo do doente no seu modo de curar "Doenças Psíquicas". Ligadas às artes de curar, de caráter popular tradicional, falaram das suas experiências pessoais e técnicas de curar: Maria da Conceição Cabral, de Braga, médium, relatou a forma como descobriu o "dom" para curar; José Benedito Borges, de Mirandela, curandeiro que garante poder curar o cancro com picadas de lacrau; Luísa da Assunção da Aveleda, curandeira que se diz especialista na cura de cancros externos, através de uma fórmula que só ela possui; João Pinto, de Carrazeda, curandeiro que se autodenomina "mecânico do corpo humano" deu-nos conta do forma como "compõe" os ossos".

Eis o programa do CMP de Setembro de 2010: "Para hoje, o programa prevê uma série de palestras. Logo pela manhã, Lurdes Fonseca irá falar sobre "as plantas medicinais e o comunitarismo barrosão" e, meia hora depois, Telma Teixeira abordará o tema "a criança e as mezinhas populares". Durante a manhã, José Dias Batista, falará ainda sobre "o livro de S.Cipriano e Barroso". À noite, a partir das 21h00, o tema em debate será a "Hipnoterapia", numa apresentação de Faustino Santos. A seguir, Patrícia Alvar Moura falará sobre "os chás no metabolismo" e, logo de seguida, Fr.Hermínio Araújo trará a discussão "o poder das ervinhas e o culto a S.Bentinho, religiosidade e afetos". Finalmente a encerrar,

Maria Dourado apresentará uma tese de Mestrado sobre o tema "Procura de imortalidade em Meixide (...) No que toca a palestras, Barroso da Fonte fará uma "retrospetiva histórica dos 24 congressos de medicina popular" e Manuel Novais, falará sobre "o contributo dos 24 Congressos de Medicina Popular na medicina. Ainda durante a manhã, David Simões abordará o tema "itinerário terapêutico rural e urbano". À noite, depois de outra série de palestras - de João Gomes Sanches, "Drogas, mezinhas e lendas: verdades e mentiras sobre as curandeiras", Félix Xastro Vicente "Lendas e magias de S.Cipriano" e António Batista Lopes "Os Judeus no Noroeste".

Eis o programa de Setembro de 2016: "Saudação por parte de David Teixeira (vice-presidente da CMM) aos congressistas e visitantes. Confronto entre a universidade do Porto e a universidade de Coimbra. Exposição dos temas desenvolvidos no Congresso. No 30º aniversário o Congresso apresenta temas como o saber popular e propriedades das plantas, passando pela espiritualidade até às novas ervas medicinais e de alimentação. Congresso dá a conhecer os seus saberes aos habitantes da aldeia mas também a visitantes de norte a sul do país e até internacionalmente. Produtos locais a artesanato em destaque. Congresso está a perder gente. Vontade e dedicação por parte de alguns agentes da organização. Apostar mais no artesanato".

Os objetivos do Congresso de Medicina Popular são "o reconhecimento dos valores populares para um mundo saturado de químicos e fármacos. Legar às gerações mais novos conhecimentos e práticas na área da saúde local e aos novos médicos e paramédicos o saber e cultura popular para melhor diagnóstico e terapias. A recolha e amostra de plantas medicinais locais e do mundo, a sua divulgação mundial, para restabelecer o equilíbrio ecológico, gastronómico e psíquico (jornal 12). No jornal 14, é defendido que " a ideia base do CMP é a busca da saúde para todos, com qualidade, variedade e humanização" e "defender que não há concorrência entre a medicina popular e a medicina científica" (jornal 20). Segundo o jornal 18, os CMP têm como objetivo: "...prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade humana" (jornal 18). O Congresso, também tem como objetivos ouvir e receber os seus visitantes e agir de acordo com as suas expectativas "ouvi-los, recebê-los, manter vivas as expectativas, proporcionar-lhes este encontro, tão controverso, com um povo diferente, com todo o seu envolvente é a meta deste congresso popular (jornal 32). De acordo com o que foi escrito no jornal 46, "foi com o objetivo de mostrar a virtude terapêutica das ervas que nasceu esta reunião pelas mãos do Padre Fontes, a que se associou o mundo do oculto" (jornal 46).

Quanto ao número de pessoas presentes no CMP, em Setembro de 1985, era mais de meia dúzia de médicos presentes. Em Setembro de 1994, a participação foi de centenas de pessoas e de

estudiosos qualificados. Em Outubro de 1995, o número de médicos estava em equilíbrio com o número de curandeiros e a gente era muita "O salão das conferências esteve sempre abarrotado e gente à porta..." (jornal 21). Os participantes do CMP são multifacetados e pertencem a diversas culturas. No ano de 2000, é dito que 50% dos presentes no CMP são amigos e conhecidos que ficam hospedados na aldeia de Vilar de Perdizes "Outros 50% são amigos certos que forçam a abertura destas portas todos os anos, ficam nas mesmas casas, participam na vida da aldeia, e já se sentem cidadãos de Barroso, em Vilar de Perdizes" (jornal 29). Em Setembro de 2003, o Congresso teve tanta adesão que se falou em milhões de portugueses, assim como em Setembro de 2004, que deu-se um boom no número de pessoas a visitar VP (25000). Em 2006, menciona-se que foi muita gente ao Congresso. De acordo com o jornal 31, aumenta a cada ano a presença de curandeiros de ossos e osteopatas. Já em 2013, o Congresso teve menos gente. Em 2016, constatou-se que o Congresso estava a perder gente por manter os mesmos moldes de há muitos anos atrás "Em jeito de balanço será de referir que o Congresso está a perder gente, talvez devido ao facto de pouco ou nada se ter alterado em relação às realizações dos primeiros tempos da sua realização" (jornal 45).

São feitas várias críticas nos jornais no que diz respeito a tudo o que envolve os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes. Em Setembro de 1992, criticam os cientistas por falta de diálogo com os participantes. Em Setembro de 1994, há uma crítica aos opositores do Padre Fontes e dos Congressos de MP. Em Outubro de 1995, "crítica às autoridades que pretendem abafar a voz de pessoas competentes e do povo. Crítica ao SNS que apresenta a classe médica toda poderosa, como única solução imposta" (jornal 20) bem como uma crítica à organização do evento. Em Setembro de 2003, criticou-se o próprio Congresso (jornal 32). Em Setembro de 2014, o mau tempo e o desinteresse dos canais generalistas de televisão em divulgar o CMP incomodam quem quer manter este evento. Em 2016, defendeu-se que devia dar-se maior relevância ao artesanato quando ocorrem os CMP "viu-se vontade e dedicação da parte de alguns agentes da organização e a aposta terá de ser continuada com incidência noutras áreas como, por exemplo, no artesanato" (jornal 45).

### 3.5. Aspetos negativos, aspetos positivos e apresentação de livros no Congresso de MP

Nos diferentes jornais analisados, são apresentados alguns dos aspetos a melhorar nos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes. Em Setembro de 1985, é a falta de médicos nas aldeias que é fator preocupante, outras aldeias só tinham acesso a médicos ocasionalmente, aldeias essas como Ferral, Covelães, Cabril, Tourém, Viade e Pisões. Vários médicos passaram por Vilar de Perdizes mas poucos se fixaram: "Desde 1974 que por aqui passou mais de uma dúzia de médicos. Nenhum se fixou aqui" (jornal 3). Faltam medidas preventivas e uma assistência mais eficaz por parte dos médicos de família, das assistentes sociais... "Então fazem falta medidas de emergência para atalhar em força a estes males do ser humano e não limitar-mo-nos a cruzar os braços, empurrando os problemas para os outros ou para o abismo do desespero de quem não encontra na sociedade o apoio a que tem direito. Cabe este barrete a todos nós. Mas em primeiro aos que se dizem médicos da família, mas dos problemas da saúde nem sempre curam. Cabe aos párocos das famílias, mas nestas encruzilhadas nem sempre se querem meter, cabe à Segurança Social, às assistentes sociais que é como se não existam" (jornal 8). Em Setembro de 1993, dizia-se que os temas desenvolvidos nos CMP "têm algo de proibido, escondido, camuflado, incómodo, inconveniente" (jornal 14). Em Outubro de 1995, são expostos alguns aspetos negativos do nono CMP "Tardiamente divulgado e com um programa provisório e reduzido de palestras, com uma organização deficiente sob a ameaça de repetição menos atraente, com o Pe Fontes sem intervenção regular, e perante uma saturação de alguns Perdicensenses" (jornal 21). Em Outubro de 1997, é exposta uma lista dos aspetos a melhorar no Congresso "1.Falta de espaço para todos os curandeiros exercerem a sua função 2. anunciarem os horários, nos jornais. 3.mais e melhores guias nas visitas guiadas. 4.mais restaurantes a servir 5.menos exploração, 6. mais residenciais, 7. mais tempo para debate 8. melhores e mais placas nas estradas" (jornal 25). Em Setembro de 2003, são expostos os aspetos negativos e suscetíveis de melhoria: "Estradas cheias de curvas desde Póvoa de Lanhoso, sinalização pobre, deficiente e alguma enganosa. Nem Montalegre e muito menos Vilar de Perdizes aparecem sinalizados, a não ser quando já lá chegamos. Então desde Chaves que é uma das vias mais procuradas, é que se não vê sinal de Montalegre por Vilar de Perdizes. E lá vai o cansado visitante dar mais esta volta de 60 km inúteis. Outras falhas são os multibancos inexistentes em V.Perdizes. Por vezes, os de Montalegre esgotam ou encravam. Pior é a rede de telemóveis e telecom. Estamos apenas servidos por redes galegas. O utente ignora que é como estejamos em Espanha e se quiser falar tem de marcar 00351 e depois o número e é se tiver acesso a roming. Rede fixa só dos cafés, onde o barulho impede a audição. Câmara, que este ano não cedeu os autocarros para satisfazer

o gosto de muitos que vinham para visitas guiadas cada ano e que é um dos maiores objetivos chamativos deste congresso. Deve-se oferecer aos congressistas algo de melhor em troca...festas, visitas, bailes e palestras, transformar os tempos mortos em tempos ocupados..." (jornal 32). Em Setembro de 2004, alguns dos participantes do Congresso expõem alguns recados e reclamações " As ruas e estacionamento e trânsito merecem mais atenção e ordenamento; não havendo rede nacional de telemóveis , nem qualquer telefone público, da PT, serviu-se toda a gente da rede espanhola, tem de marcar o 00.351, como acontece aos residentes de VP; A falta de bancos e multibancos prejudicou o movimento comercial em todos os serviços; os restaurantes locais e regionais, com tal avalanche nem sempre serviram com a qualidade merecida e desejada; o serviço de fotocópias avariou o 1º dia sem qualquer assistência; A chuva, embora de pouca dura, assutou os expositores de rua. Os pavilhões da ADRAT, deixavam passar água. (jornal 33). O jornal 35, critica à falta de organização do teatro e de muitas outras atividades, visto que "A Junta de freguesia e o povo de Vilar têm o dever de colocar o Congresso como a primeira de todas as suas prioridades..." e, o jornal 39, diz que o CMP não teve um fim no dia programado "...que no dia de fecho desta edição (quarta-feira) estava previsto arrancar ontem", fazem críticas à falta de organização no Congresso de MP (jornal 39).

Contudo, os Congressos de MP não se caracterizam apenas pelos seus aspetos negativos, estes também apresentam as suas virtudes "Virtuoso para os menores que seduzidos pela curiosidade de conhecer V.Perdizes ou o seu reverendo pastor se deixaram enlevar no amorismo da organização (são horas de fazer as coisas com um pouco mais de profissionalismo) e se embrenharam nas maravilhas deste Barroso desconhecido cada vez mais alvo da procura do turista, interessado na descoberta dos seus valores culturais, sociais e paisagísticos. Virtuoso para os incrédulos e contestatários que ficaram a saber que o Congresso de VP está para durar e qualquer postura de afrontamento tem o efeito da sua promoção. Virtuoso ainda enquanto tábua de salvação dos maldizentes que social e politicamente moribundos dele se servem para emergir da penumbra em que orbitam e de que dificilmente conseguirão sair" (jornal 17). De acordo com o jornal 8, os Congressos recebem cada vez mais solicitações "Mas nem tudo são sombras. Felizmente que o tema e a preocupação aumentam de interesse nacional e mundial. Fala-se em lhe dar mais espaço nas carreiras médicas. São autárquicas, associações culturais, escolas de enfermagem, universidades a quererem a medicina e a sabedoria popular mais alta e divulgada. Não temos mãos a medir para responder às inúmeras solicitações neste campo " (jornal 8). Em Setembro de 1994, são expostos os aspetos positivos do oitavo CMP "1. "...participação de centenas de pessoas interessadas e em que se incluiu a participação ativa e qualificada de congressistas,

nomeadamente curandeiros, estudiosos do aproveitamento natural da flora medicinal, naturólogos, médicos, psicólogos, professores, sacerdotes, etc. 2. Assim, "ficou provado que o interesse pela medicina popular se mantém com uma natural evolução e que a troca de saberes, entre os seus práticos, os médicos, os naturólogos e os demais que têm como objetivo prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade da pessoa humana. 3. "Verificou-se não haver contradição entre a medicina natural e a medicina convencional, as quais devem coabitar... 4. Realização de um curso intensivo de 6 meses, regido pela OPEN INTERNATIONAL UNIVERSITY, para alargamento do conhecimento" (jornal 18). O mesmo acontece com o nono CMP ""(...) perante um auditório de mais de 150 pessoas, que foram aumentando até às 24h de cada dia." e "o salão das conferências esteve sempre abarrotado e gente à porta..." (jornal 20). Em Setembro de 2002, eis os aspetos positivos "as intervenções no CMP decorrem com respeito pelos especialistas e com calma; comunicação social como dinamizadora da região; aumenta a cada ano a presença de curandeiros de ossos e osteopatas; cada vez mais teses de mestrado acerca dos CMP" (jornal 31). Em Setembro de 2003, o Congresso correu bem, principalmente, no que diz respeito ao comércio "Houve a colaboração do turismo ATB do Ecomuseu e da Câmara. A hotelaria, restauração de Chaves, e concelho de Montalegre e Boticas e todo o comércio de Vilar de Perdizes, fizeram 4 dias com balanço positivo, para alguns os únicos do ano" (jornal 32). Em Setembro de 2004, "A Junta e Câmara MM um mês antes deram uma limpeza às ruas e melhoraram os acessos à aldeia; o Restaurante Paço duplicou com serviço de ar livre no pátio do Silveiro; A RESAT foi diligente e eficiente na recolha do lixo, dos ecopontos" (jornal 33).

Em muitos CMP foram apresentados alguns livros, a maior parte deles escritos pelo Padre António Lourenço Fontes. Em Setembro de 2000, às 9 horas, "100 chás para 100 doenças", por António L. Fontes. Em Outubro de 2000 "divulgação do livro do Padre Fontes "Chás dos Congressos de Vilar de Perdizes". Em duas tardes, mais de 600 pessoas levaram o livro. Numa aldeia raiana vender tantos, em tão pouco tempo foi um best seller nacional. E desde que foi anunciado na Praça da Alegria, continua a procura pelo correio, telefone, e pessoalmente. Chovem todos os dias pedidos ao autor e editor Pe Fontes" (jornal 29). Em Setembro de 2011, "no Congresso foi apresentada uma obra de autoria conjunta do Pe António Fontes e de Altino Moreira Cardoso a que se deu o título de "Cancioneiro Ancestral Barrosão". O livro, enquadrado no terceiro volume da "Etnografia Transmontana" só agora conheceu a luz do dia depois de várias décadas de recolha sistemática de textos, agora parte deles musicados por Altino Cardoso..." (jornal 40). Já em 2014, foi apresentado um livro de Deolinda Silva, a nova presidente da Associação do Património de Vilar de Perdizes, livro que se chama "Pegadas que ficam" (jornal 43).

### 3.6. Objetivos da notícia acerca dos CMP

Em Setembro de 1995, as conclusões acerca do CMP foram as seguintes “1. Necessidade de estudar os contextos sociais e culturais em que têm lugar as diferentes práticas de MP sendo que este conceito não designa uma realidade homogénea, mas antes engloba fenómenos muito diversos 2. O saber médico popular é apenas uma das fontes do conhecimento que cada um detém acerca da doença e forma de a curar. Importa aprofundar o modo como os comportamentos, face à doença, se determinam e utilizam em cada situação os conhecimentos médicos que procedem da medicina científica ou de outras formas de saber 3. Necessidade de estudar as representações sociais acerca do corpo, da doença e dos agentes da cura, para melhor compreender os comportamentos e práticas médicas da população 4. Conhecer o papel que desempenham os práticos da MP e os recursos materiais ou simbólicos que utilizam na sua ação curativa bem como a diferenciação de poder que assim se gera 5. Refletir à luz da eficácia de certas práticas da MP, sobre a própria instituição médica, quer na forma como encara a doença, quer na relação que estabelece com o doente 6. Reconhecer como condição indispensável para que se possa aprofundar o conhecimento sobre a doença e sobre o doente a abordar com a máxima abertura todas as manifestações de uma cultura médica não oficial” (jornal 3).

Um dos objetivos do Congresso é defender a ideia de que a medicina popular e a medicina científica não se contrapõem e que podem resultar em conjunto "Considerando que a saúde não é pertença dos profissionais de saúde, mas dos indivíduos e da comunidade, pensamos que é fundamental distinguir entre práticas libertadoras e práticas obscurantistas, quer no âmbito da MP quer no da medicina científica" (jornal 3). Os profissionais de saúde (...) também devem aprender a conviver com os práticos de MP que existam nessa comunidade. Neste contexto, a atitude do profissional de saúde tem sido muitas vezes a de: "eu tenho a verdade, estou disposto a ensinar. Torna-se necessário evoluir para uma nova atitude que pode ser definida como: vamos aprender em conjunto, para em conjunto resolvermos os problemas de saúde desta comunidade" (jornal 3). Os Congressos de MP existem e são eficazes num mundo saturado de fármacos "...foram sem conta as pessoas que escreveram pedindo textos, conclusões, trabalhos, chás, plantas medicinais, direções de pessoas entendidas nas várias doenças de que o mundo se queixa, perante o excesso de fármacos e a ineficácia dos médicos. São milhões as pessoas que dia a dia se sentem deseparadas dos médicos e sem cura" (jornal 8). O Congresso de Vilar de Perdizes pretende defender que a medicina popular quer ser um complemento da medicina científica, contudo, os médicos não aderem às práticas ocultas "um médico não mistura salmos com as grageias que receita, não espalha um incenso purificador para afastar os maus espíritos antes

de aplicar o estetoscópio nas costas do doente ou de o colocar diante da câmara de radioscopia. Tão pouco o médico se dispõe a adivinhar quem terá embruxado o seu paciente, para o não deixar dormir tranquilamente e andar permanentemente a queixar-se de fortes enxaquecas...” (jornal 9). As duas medicinas devem coabitar e não contrapôr-se “verificou-se não haver contradição entre a medicina natural e a medicina convencional, as quais devem coabitar” (jornal 18).

### 3.7. CMP enquanto espaço de encontro e cultura popular, e como promotor da região transmontana

Em primeiro lugar, é importante perceber o que são os famosos Congressos de Medicina Popular. De acordo com os diversos jornais “Notícias de Barroso”, estes podem ser um espaço de encontro, tal como é defendido no jornal 15 “O Congresso de MP de V.Perdizes é um espaço aberto ao encontro. Em Setembro de 1992, diz-se que o CMP é “um encontro de amigos, mais do que um confronto bélico de práticas e teorias...” (jornal 13). Já no jornal 20, defende-se a ideia de que o Congresso é um encontro sério e não apenas uma feira onde se vendem produtos, contudo, em Setembro de 2004, defendeu-se que o Congresso também é uma feira “revelou-se VP como um ponto de encontro de culturas, credos, medicinas, religiões, saberes, uma feira original popular e erudita, um espaço para questionar métodos e crenças, novidades e antiguidades, uma ocasião para conhecer o país real, profundo, oculto, esquecido, marginalizado” (jornal 33). Em Novembro de 1999, vai-se mais longe dizendo que o Congresso é um encontro tão amigável que parece que se está num serão à lareira “... faziam perguntas espontâneas e recebiam as respostas como se estivessem num serão à volta da lareira” (jornal 27). Já em Setembro de 2012, Deolinda Silva, diz que o encontro não se caracteriza pela parte comercial “Para esta filha da terra é importante não esquecer que o congresso é uma coisa e que a feira surgiu pós-congresso. Nesse sentido lembrou que “o congresso não é um espaço comercial, mas sim um local de cultura e partilha de conhecimento” (jornal 41). O CMP é um encontro de culturas, ideologias, saberes, crenças, medos e doenças. É o motor de descoberta destas terras, culturas e gentes (jornal 32). O jornal 34 e 39, dizem que o Congresso é um encontro de exorcistas e de outros especialistas “vendedores de chás medicinais, videntes, exorcistas, especialistas em Tarot, búzios, hipnose, baralho cigano, defumos...São quase 40 os expositores que este ano vão estar presentes no Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes ” (jornal 39). Em Setembro de 2013, relatou-se que o Congresso abarca todas as pessoas de todas as categorias sociais “nesta época de saberes...no ato de inauguração, têm-se encontrado figuras de várias condições sociais em procura das curas alternativas e do oculto que apaixonam os mortais” (Jornal 42). No Congresso de Vilar de Perdizes realizam-se “...debates que giraram em torno de temas polémicos, associados a terapias alternativas, à medicina popular e ao oculto” (jornal 42) e “debatem temas que vão desde o saber popular e propriedades das plantas, passando pela espiritualidade, até às novas ervas medicinais e de alimentação” (jornal 45). O Padre Fontes realça a importância deste evento: no final, o padre Fontes, referiu que “é preciso persistência e motivação para continuar a organizar um evento tão importante para a dinamização da terra”. Na mesma linha, considera que “vale a pena todo o cansaço

e desgaste para a organização deste acontecimento" (jornal 46), evento esse que vai ter "dias muito bem aproveitados, com a descoberta e transmissão da cultura e saberes locais" (jornal 41).

O Congresso de Medicina Popular para além de um encontro de saberes, é uma cultura popular que se transmite de geração em geração "O Congresso de MP de V.Perdizes é um espaço aberto ao estudo e debate de culturas populares" (jornal 16). O objetivo principal, do famoso Congresso, é o de preservar a cultura barrosã (jornal 20). O CMP, é o motor de descoberta destas terras, culturas e gentes (jornal 32), é uma "festa de cultura popular, já acarinhada pelo país e integrada nos acontecimentos previstos no calendário de milhares de Portugueses de todos os cantos do mundo, e de todas as áreas, idades e gostos" (jornal 29). Assim, "Vilar de Perdizes é a terra comunitária, acolhedora que hoje seduz e atrai multidões para este encontro de culturas e saberes." (jornal 14), "no fundo a intenção do congresso, é propor pela via popular uma reflexão, tão alargada quanto possível, de situações problemáticas que têm a ver com as pessoas" (jornal 23). Neste tipo de evento, os profissionais de saúde têm de estar atentos à cultura enraizada em cada pessoa para que, assim, possam ajudar os pacientes com os seus problemas de saúde "Os profissionais de saúde necessitam estar atentos e abertos aos valores e cultura da comunidade onde trabalham incluindo também a sabedoria comum que está na base das respostas que as pessoas dão aos muitos dos seus problemas de saúde" (jornal 3).

Tal como dito no jornal 3, "Barroso precisa de quem tenha esta coragem de deixar os grandes e maiores centros para se fixar nas aldeias" e o Congresso de Medicina Popular é, sem dúvida, um promotor da região barrosã que traz visitantes de todo o país "Os muitos milhões de portugueses, espalhados pelo mundo querem vir a Vilar de Perdizes, e os que sabem e podem vêm festejar cada ano...Não há dúvida que o CMP fez crescer esta linda terra, mas não pode perder a embalagem", ou seja, tem de sofrer alterações quanto à sua organização (jornal 32). As regiões do Norte de Portugal, são as que mais mantêm vivas tradições e costumes "As regiões do Norte de Portugal e Sul da Galiza são as que até aos nossos dias mantiveram vivas tradições, práticas, sabedoria popular, devido ao seu isolamento entre as montanhas e rios e pela distância do poder centralista" (jornal 12). É visível a ajuda que todo o povo português, mas principalmente os transmontanos querem dar aos organizadores do Congresso "O prazer que todo o povo português, sobretudo os transmontanos que tiverem em se verem solidários connosco foi imenso" (jornal 8). No fundo, "o Congresso é a mola real do desenvolvimento de que a região tanto carece" (jornal 17). O famoso evento faz crescer a região e principalmente V. de Perdizes "...em quantidade e qualidade de serviços e acolhimento" (jornal 31). Os objetivos do Congresso são "A dinamização das aldeias barrosãs: a divulgação da cultura e o desenvolvimento rural" (jornal 44).

Por todas estas razões é que o Padre Fontes, o impulsionador do evento, defende que o Congresso deve continuar pois é um dinamizador de Vilar de Perdizes assim como da região transmontana " é preciso persistência e motivação para continuar a organizar um evento tão importante para a dinamização da terra" (jornal 46).

Em alguns dos jornais é defendido que o Congresso deve continuar a ser feito, mas que deve sofrer alterações, deve mudar para que continue a cativar os visitantes "O Congresso de Vilar de Perdizes tem de continuar para bem de todos, da cultura do nosso país, das gentes de Vilar e de todos os barrosões em geral", mas, "...não pode manter o formato de há vinte anos atrás" ( jornal 36). Em Setembro de 2012, o reduzido número de pessoas a assistir às palestras levou o varedor da cultura (Orlando Alves) a afirmar que o Congresso não pode ser feito nos mesmos moldes que há alguns anos atrás. Um menor número de pessoas na assistência levou o varedor da cultura a afirmar que "é preciso fazer algo para que esta sala volte a ser uma sala bem composta no dia de abertura, como sempre foi. Nesse sentido, ao longo de 26 edições as coisas não podem acontecer sempre da mesma forma. Daí surge a necessidade de se abrirem portas a um novo formato e renovado figurino do congresso" (Jornal 41). Assim, é essencial "que o Congresso persista e continue na defesa dos valores culturais e espirituais do povo Barrosão" mas com inovações à mistura.

Resumidamente, o Congresso de Medicina Popular em Vilar de Perdizes, apesar de tantos obstáculos que foi encontrando continua em vigor nos dias de hoje "O Pe Fontes, agradeceu a todos os que contribuíram para o desenvolvimento e fortalecimento de um evento que ainda dá sinais de vigor passado um quarto de século de existência" (jornal 40). De acordo com o jornal 17 "VP está para durar e qualquer postura de afrontamento tem o efeito da sua promoção" (jornal 17).

### 3.8. CMP cuida da saúde física e mental dos seus pacientes e CMP e o oculto

De seguida exponho alguns temas desenvolvidos em alguns dos Congressos de Medicina Popular que comprovam que este evento se dedica à saúde mental e física dos pacientes. Em Setembro de 1988, “o padre Joaquim de Araújo, da Afurada, falou da ação do padre frente ao mundo do doente no seu modo de curar "Doenças Psíquicas" (jornal 7). Tendo o CMP como objetivo "...prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade humana" (jornal 18), eis alguns temas relacionados com a saúde “O consumidor e a saúde; a Medicina Metabólica; Germoplasmas, erva cidreira e seus usos; Sociologia botânica; vivência telúrica do barroso; técnicas de massagem; deixar o tabaco; preocupações individuais de saúde; história da Medicina Popular; a autocura dos animais; atitude filosófica e saber popular; plantas medicinais nas escolas; fecundidade em Barroso; novas doenças e a Medicina Popular” (jornal 22), outros temas relacionados com a saúde são: “Plantas medicinais e seu uso no Barroso; Incompatibilidades alimentares; Perspetivas mediáticas da Medicina Popular; o cancro e alimentação dos 5 sentidos; como curar-se a si mesmo; terapia psico-corporal; shiatsu - uma forma de cuidar a saúde; a coluna, da infância à velhice; factos e parapsicologia; plantas espontâneas e de cultivo, técnicas; conheça as nossas plantas medicinais; comercialização das ervas medicinais; história da Medicina Popular; terapias populares e psicoterapia; a criança e a morte; tradições da Medicina Popular; Medicina Popular no Alto de Trás-os-Montes” (jornal 26), em Setembro de 2000, abordaram-se os seguintes temas: “Antropologia da Medicina Popular, tese de Ana Isabel Barbosa (Piaget); Medicina popular do Ribatejo, José Garruncho Martins (Almeirim); Medicina Popular de Terreno, Michaela Zucca (Itália); Flora medicinal do Alto Douro; Flora no concelho de Chaves; Reiki na saúde; Fuji-Yoga; Prática de Shiatsu; Quinesio-terapia, emoções; a alimentação natural e a beleza; aprender a curar-se; Biologia e Medicina Popular; Medicinas Alternativas; as duas medicinas; incertezas e riscos dos produtos naturais; etnobotânica transmontana; flora transmontana em extinção; Antropologia da Medicina Popular; A S<sup>a</sup> da Saúde, fé e saúde; Medicina Popular do Ribatejo; Medicina Popular de Terrento” (jornal 28), Em Agosto de 2001 foram muitos os temas relacionados com a saúde: “Doenças respiratórias e medicina popular, Orlando Batista; Medicinas Alternativas em Viseu, Leonel G. Ribeiro; Medicinas alternativas, Piaget de Macedo, Mirandela; Medicina Popular e turismo no Alto Minho, Francisco Sampaio; o poder curativo da terra mãe; a alimentação e a saúde psíquica e física; massagem biodinâmica; alimentação, ambiente e cura do cancro hoje; projeto escolar de Medicina Popular no Soajo; a cura do cancro, novas descobertas; a sofrologia, na saúde e sorte; plantas silvestres e a saúde; a água na saúde e alimentação; a cura da humanidade no 3º Milénio; como se evitam males da coluna; óleos essenciais antifúngicos; As plantas

M. no comércio e uso europeu” (jornal 30), os mesmos temas são apresentados no jornal 34: “Doenças psicogenéticas; Hidrolimpa: o organismo humano; aromoterapia; itinerário terapêutico na ilha de Moçambique; saber cuidar dos intestinos: a amêndoa; como recuperar a sua energia, o uso do aloé vera” (jornal 34), tal como no jornal 38: "A cegueira"; saúde comunitária, o tempo das epidemias; Saúde mental; Intervenientes na Medicina Popular; Terapia da mente; Etnopsiquiatria” (jornal 38). O CMP é "...uma força revitalizadora que conduza ao progresso e bem-estar das suas gentes" (jornal 17). Há 30 anos que esta iniciativa continua a envolver os habitantes da aldeia e a conservar os seus saberes, alguns em via de extinção, dando-os a conhecer aos visitantes de norte a sul do país e até internacionalmente (jornal 45), a iniciativa continua a atrair novos curiosos na procura de soluções nas plantas e noutros ingredientes que a terra dá (jornal 46).

O Congresso de Medicina Popular é, muitas vezes, confundido com o Congresso do oculto, do misticismo, do sobrenatural e é tudo isto que leva a que os mais curiosos visitem Vilar de Perdizes que é conhecido como a terra das bruxas. É essa curiosidade pelo desconhecido que desperta o interesse de muitos dos participantes do Congresso. No jornal 7, foram vários os palestrantes que falaram sobre as artes de curar “Ligadas às artes de curar, de caráter popular tradicional, falaram das suas experiências pessoais e técnicas de curar: Maria da Conceição Cabral, de Braga, médium, relatou a forma como descobriu o "dom" para curar; José Benedito Borges, de Mirandela, curandeiro que garante poder curar o cancro com picadas de lacrau; Luísa da Assunção da Aveleda, curandeira que se diz especialista na cura de cancros externos, através de uma fórmula que só ela possui; João Pinto, de Carrazeda, curandeiro que se autodenomina "mecânico do corpo humano" deu-nos conta do forma como "compõe" os ossos” (jornal 7). No jornal 15, são apresentados temas relacionados com o oculto: “Curandeiros, realidade, ficção; curandeiros e curadores; truques e sugestões; curas pelos dons do Eº Santo; magia dos metais, metaloterapia; investigar crenças em Barroso; unguento para ir ao Sabat; consciência como religião; videogramas, curandeiros e crenças; entrevistas com curandeiros” (jornal 15), também o jornal 19 nos apresenta temas relacionados com o oculto “O endireita e o povo; nem feitiçeiro nem santo milagreiro” (jornal 19), assim como o jornal 26 “o que é o espiritismo; o lobisomem; lendas e bruxas no Alto Tâmega, o jornal 28 “mediunidade e suas implicações; bruxas e meigas, México e Galiza; o sobrenatural em Barroso; as mulheres e os demónios”, o jornal 30, “Forças ocultas da natureza e do Homem; Tarot e seus seguidores; As minhas visões e curas; O Sobrenatural em Barroso” (jornal 30) e, o jornal 34, “Xamanismo Mexicano; o exorcismo; encontro de exorcistas, com a presença do Padre Humberto Gama e outros exorcistas, moderada pelo Dr. Mário Freitas” (jornal 34). Assim, “assentam na

nossa cultura ancestral: crenças, magia, superstições, com religião à mistura, onde as fronteiras se interligam e as escolas dos diversos graus, dificilmente conseguem seccionar, classificar, numa prática e ética de valores. Persiste assim teimosamente este fundo maravilhoso, de mistério, de desconhecido e hipotético, de Bem e de Mal, cujas origens e causas se baralham, confundem, e quase sempre atribuem a forças, entidades, alheias e externas ao ser humano que as suporta" (jornal 14). O Congresso elabora "...debates que giraram em torno de temas polémicos, associados a terapias alternativas, à medicina popular e ao oculto" (jornal 32), assim como debates acerca do misticismo "Ao longo de três dias, foram muitos os motivos para visitar um evento que já ultrapassou as três décadas de intensos debates em volta do misticismo e que continua a girar em torno da figura do padre Fontes" (jornal 46).

### 3.9. Medicina Popular e Medicina Científica

A Medicina Popular torna-se importante para quem faz uso da mesma também porque é mais dialogante com os seus pacientes comparativamente aos médicos oficiais. A Medicina Popular “é uma técnica endógena de diálogo e carinho que ainda hoje é lição para os cientistas” (jornal 12). Esta diferencia-se porque dá atenção aos problemas do doente “Os doentes precisam de carinho, de compaixão, de ajuda esclarecida, de compreensão humana na relação com as pessoas, para se verem livre dos seus problemas” (jornal 24). A meta do Congresso, é ouvir os participantes e tentar corresponder às suas expectativas “Ouvi-los, recebê-los, manter vivas as expectativas, proporcionar-lhes este encontro, tão controverso, com um povo diferente, com todo o seu envolvente é a meta deste congresso popular” (jornal 32), neste sentido, “...este encontro é uma escola, uma casa aberta ao diálogo. (Correio do Minho, pp 5-9, cit por Notícias de Barroso)” (jornal 23). Todo o CMP em Vilar de Perdizes, tem como objetivo promover o diálogo, daí ser composto por palestras que abordam os mais diversos assuntos como a medicina popular, a qual “continua a ser um cajado na caminhada do ser humano, quando o médico está a léguas de distância efetiva e afetiva” (jornal 20). A sociedade precisa, de facto, de alguém que se dedique a esclarecer-lhe as suas dúvidas e a resolver os seus problemas "Daí a necessidade e justificação de alguém que na sociedade organizada ocupe este espaço para o diálogo, esclarecimento teórico e prático..." (jornal 14). Na sociedade contemporânea, verifica-se uma falta de tempo por parte dos médicos oficiais e dos cientistas para dialogar com os seus pacientes "Nos hospitais, clínicas, centros de saúde nem sempre há tempo para um diálogo científico" (jornal 14). Ainda no jornal 14, há uma crítica a essa falta de tempo, a essa falta de atenção por parte do médico para com o seu paciente "...ninguém conseguiu dizer a verdade ao doente, através de uns minutos de diálogo duto, paciente, carinhoso" (jornal 14). De acordo com o jornal 24, “A nova medicina moderna é distante, é cara, nada dialogante, pouco respeitadora de outras formas paralelas, mal adaptada à vida e cultura, ignorando todos os valores" (jornal 24). Hoje, a própria imagem da igreja mudou e até esta se tornou menos dialogante com os seus seguidores “Igrejas e dioceses menos dialogantes” (jornal 14), imagem oposta à que uma igreja deve ter “Imagem da igreja deve ser positiva, dialogante, necessária hoje, renovadora, evangelizadora" (jornal 16).

### 3.10. CMP e Mass Media

Os Mass Media têm o papel de informar corretamente os leitores dos jornais acerca dos Congressos de Medicina Popular “Os Mass Media tiveram em VP a maior e mais nobre função esclarecedora da verdade desta cultura e povo ancestral” (jornal 14). Em Setembro de 1988, “B. De Sousa Dias, de Vila Nova De Gaia, jornalista, apresentou uma comunicação bipartida subordinada ao tema “Superstições Portuguesas” (jornal 7). Em Outubro de 1988, disse-se que os canais generalistas de TV divulgaram os Congressos de Vilar de Perdizes “Destacamos a grande imprensa diária e muito semanária e revistas cujos nomes seria longo referir. A Rádio Televisão Portuguesa de Lisboa e Porto com todo o carinho que põem nos valores populares nos vários programas que este tema lhes mereceu, foi incansável ” (jornal 8). Em Setembro de 1992 “...não houve jornal, revista, rádio, TV, que em Portugal e também no mundo não falasse deste acontecimento” (jornal 13) e, em Setembro de 1994, destaca-se o interesse demonstrado pelos mass media em divulgar o evento “toda a imprensa do país foi mais ou menos receptiva a uma análise positiva de tudo o que tem acontecido nos Congressos e outros eventos culturais de Vilar de Perdizes” (jornal 16). Em Outubro de 1996, estiveram presentes jornais, revistas e rádios “Jornal O Povo do Cartaxo, Jornal de Portalegre, Mensageiro de Bragança, revista Nova Gente e outros estiveram presentes. Além da Imprensa, vários rádios estiveram presentes, locais e nacionais: RDP, TSF” e também os canais generalistas de TV “Também a RTP, TVI, SIC deram larga cobertura ao CMP. A RTP fez até emissões pela 1ª vez em direto de V. Perdizes, tendo para tal de colocar parabólicas na aldeia, no Larouco e Leiranco” (jornal 23). Em Setembro de 2003, os media tiveram um papel dinamizador da região transmontana “A comunicação social TV nos vários canais divulgou e fez um papel dinamizador da região, permitindo ao que não têm vagar, ou têm vergonha de por cá serem vistos e conotados ajuizarem confusos o que vem a ser isto que tanta gente atrai” (jornal 31). Em Setembro de 2004, estiveram presentes alguns canais generalistas de TV e alguns jornais “A TVI foi a que mais mostrou ao país em diretos e noticiários, a SIC não apareceu, a RTP fez os primeiros noticiários, o Correio da Manhã, O Público e JN, O Diário de Coimbra, o Arrais, a Voz do TOM, deram alguma reportagem, além dos jornais regionais distritais” (Jornal 33).

Em Outubro de 1995, lamentou a ausência de alguma imprensa “Alguma imprensa ausente” (jornal 21). Em Setembro de 2014, foi notável o desinteresse por parte dos canais generalistas de TV, o que não acontecia há anos atrás “E lamenta-se o desinteresse dos canais generalistas de televisão , em contraste com o destaque mediático de outros tempos” (jornal 43).

### 3.11. Jornais que falam acerca dos CMP

Os jornais 13 e 23 são os que expõem os jornais nacionais e regionais que falaram acerca dos Congressos de Medicina Popular. São os jornais e os mass media que permitem uma divulgação mais alargada do evento. Em Setembro de 1992, os jornais que se debruçaram sobre os Congressos foram: Voz do Nordeste, O Público, Inter. Norte em V.Real, O emigrante, A Voz de T.os Montes, Repórter do Marão, A capital, Jornal de Notícias, Diário do Minho, Minho, Notícias de Chaves, Jornal do Norte, Correio do Minho, Diário de Notícias, Semanário, Correio da Manhã, Jornal do Norte, Mensageiro de Bragança, O Jornal de Vieira, O Mensageiro (Leiria), Notícias de Felgueiras, Janeiro, O Comércio do Porto e o Correio do Planalto. Em Outubro de 1996, o Correio do Minho, o Repórter do Marão, La region, Tal e qual, o Ideal de Granada, e el País, A Voz do Chaves, o Diário de Notícias, o Jornal de Notícias, o Comércio do Porto, o Jornal o povo do Cartaxo, o Jornal de Portalegre e o Mensageiro de Bragança também se dedicaram a escrever acerca do CMP em Vilar de Perdizes.

### 3.12. Importância do Padre Fontes nos CMP

Em Setembro de 1986, António Correia expõe as características positivas e únicas do Padre António Fontes que se dedicou ao projeto do Congresso de Medicina Popular "Efetivamente, e pela terceira vez, sob a batuta do pároco da freguesia subiram àquela região do Barroso...Atraídos também pelo fascínio de um homem que concebeu, realizou e dinamizou o congresso, com o seu magnetismo e humildade: o Padre António Fontes. Dele apenas tinha ouvido falar, mas depois de o ter visto e ouvido ficou-me na retina o perfil autóctone de um "puro sangue" barrosão apesar da mistura da sabedoria popular e inocência, convívio fácil e chão, cultura "naif" e erudição; um missionário desterrado para a orgia humana do seu paraíso terreal; rústico e beneplácito como o deus Larouco, robusto de feições mas com a "fragilidade" e lucidez suficiente para conceber e acalantar tão ambicioso projeto" (jornal 5). O Padre António Lourenço Fontes é o criador, o dinamizador e o organizador de tão nobre evento e, por isso, durante muitos anos foi homenageado. Em Setembro de 1996, António Correia homenageia o padre "Cumpre-nos finalmente homenagear toda a dinâmica e iniciativa do padre António Fontes por este cantinho do céu que por um pouco nos proporcionou, a quem pedimos também que não páre na luta em proveito da vida e proveito dos deuses nessa região" (jornal 5). Em Setembro de 2011, foram entregues, ao padre Fontes, as bodas de prata do Congresso de MP em Vilar de Perdizes "...foi entregue ao padre fontes uma medalha comemorativa da edição deste ano, a 25<sup>a</sup>, ou seja, as bodas de prata do Congresso (jornal 40). No mesmo ano foi feita uma homenagem ao padre no Ecomuseu de Barroso "Cartazes, notícias de jornais, testemunhos e muitas fotografias, de tudo um pouco foi visto nesta "singela homenagem", elaborada pelo Ecomuseu de Barroso" (jornal 40). No ano de 2013, ofereceram um busto ao Padre António como gratidão pela sua dedicação à aldeia de Vilar de Perdizes "Vilar de Perdizes oferece busto ao Pe Fontes - trata-se de mais um testemunho de gratidão ao Padre António Fontes que teve o mérito de tirar, ano após ano, a aldeia do anonimato" (jornal 42), assim, "... o Padre Fontes transformou Vilar de Perdizes na capital da medicina popular" (jornal 43). O padre António Fontes "é antropólogo; tem como função escutar e dar a palavra às formais ancestrais e presentes de sabedoria e de loucura e aos investigadores" (jornal 13), as funções desempenhadas pelo padre são, acima de tudo, necessárias "a sua atividade enquanto padre é positiva, dialogante, necessária hoje, renovadora, evangelizadora, é interventor do desenvolvimento da região, é solucionador das carências e ações inovadoras de VP, ajuda dentro e fora da Igreja" (jornal 16), o Padre Fontes é referência cultural do Barroso. Este é uma das principais atrações dos Congressos de Medicina Popular "Padre Fontes, "pai" desta iniciativa partilhou que foram dias intensos e muito animados, com um discurso emotivo, padre

Fontes acompanhou o artista espanhol e esconjurou a bebida pela qual todos esperavam" (jornal 41). Em Setembro de 2017, "Ao longo de três dias, foram muitos os motivos para visitar um evento que (...) continua a girar em torno da figura do padre Fontes" (jornal 46). O padre Fontes, participa em todos os CMP tal como podemos ver em alguns dos jornais "Notícias de Barroso". Em Setembro de 1983, houve uma "apresentação da discussão acerca da Medicina Popular mediada pelo pe Fontes, o Diretor do NB que à noite do dia 24 falou de Medicina Popular durante 2 horas, na Agropec a convite da organização" (jornal 1). Em Setembro de 1986, "no intervalo das sessões-debate o largo da escola transformava-se num autêntico terreiro das bruxas...em torno do Padre António", só isto mostra a importância do padre para trazer visitantes a Vilar de Perdizes. Em Setembro de 2000, o padre apresenta um dos seus livros "ÀS 9 horas, "100 chás para 100 doenças", António L.Fontes" (jornal 28), depois desta apresentação "chovem todos os dias pedidos ao autor e editor Pe Fontes" (jornal 29). Em Setembro de 2011, o incentivador do Congresso apresentou um cancionero "O Pe Fontes que vinha procedendo à recolha de material desde muitos anos a esta parte disse que "como vejo que estou a perder capacidades decidi terminar. É uma grande coletânea de textos e canções que fui recolhendo pelas várias onde passei mais tempo: Cambezes, onde nasci, Tourém, Pitões, Paredes do Rio, Gralhas, Vilar de Perdizes e tantas outras" (jornal 40). Em Setembro de 2005, foi o padre Fontes que apresentou e concluiu os temas do CMP "Apresentação dos temas a abordar no XIX Congresso de Medicina Popular pelo Rev.Padre António Fontes, Pároco de Vilar de Perdizes; Conclusões: João Domingos Gomes Sanches e Rev.Padre António Lourenço Fontes e amigos do Congresso de MP" (jornal 34).

Faltam, então, os agradecimentos àquele que torna possíveis estes congressos, que tanta fama têm em todo o país, o jornal 6, de Setembro de 1986, é totalmente dedicado ao padre António Lourenço Fontes, diz respeito a uma carta de agradecimento de visitantes do Congresso "Agradecimento por acolher tão bem "sentimo-nos muito felizes por termos vivido contigo uns dias das nossas férias (...) Por termos saboreado o fraternal e simples, todo feito de verdade, acolhimento que nos proporcionastes na casa paroquial", agradecimento por promover Vilar de Perdizes: "Por termos conhecido mais de perto e ao vivo o teu Povo que tu tão bem compreendes e por isso promoves", agradecimento por alimentar os visitantes não os conhecendo de lado nenhum "Apesar de ser a primeira vez que nos víamos, olhos nos olhos, logo nos pusestes a partilhar do pão, e do melão e do presunto (...) Comemos do queijo que compraste naquela mercearia, junto da igreja local...", agradecimento por dar a conhecer aos visitantes um povo distanciado de stress, de confusão, de consumismo que caracteriza a sociedade atual: "Contigo, aprendemos a conviver naturalmente com a vida, tal como ela é aí vivida, sem pressa, sem relógio, sem ansiedade, na plenitude do gozo por cada coisa e por cada instante. E testemunhamos-te hoje, que isso

foi muito positivo e saudável para nós, residentes todo o ano numa sociedade que nos devora (...) A sociedade de consumo que nos mata lentamente tem que saber subir até junto do seu Povo para reaprender a vida feita de simplicidade, de fraternidade, de acolhimento, de todo o tempo para as pessoas, a realidade mais importante da criação" (jornal 6). Em Novembro de 1999, Paula Cristina Silva agradece ao Pe Fontes "Como boa Portuguesa, sempre virada para o mundo, o meu obrigado ao padre Fontes!..." (jornal 27).

Mas nem tudo são elogios feitos ao Padre Fontes, em alguns jornais surgem críticas ao mesmo, em Setembro de 1994, dizia-se que havia quem não aceite a sua atividade enquanto padre "outros moldes de igreja, menos interventora na vida humana, cultural e social, que discordam e não aceitam, nem entendem bem esta forma de ser padre; discordância do casal Albuquerque de Braga, e alguns sequazes e políticos" (jornal 16). Ainda em Setembro de 1994, defendeu-se que a atividade do padre incomoda muita gente, principalmente os mais ingratos "atividade do Pe.Fontes custa aos inaptos ingratos" (jornal 17). Em Outubro de 1995, disseram que a presença do padre no Congresso nem se notou "P.e Fontes sem intervenção regular" (jornal 21). Por último, em Outubro de 1996, chegaram mesmo a dizer que o padre Fontes esteve clandestino no Congresso (jornal 23).

### 3.13. Medicina Popular como resposta às necessidades sanitárias

Já que o foco do presente trabalho são os Congressos de Medicina Popular, interessa saber se foi feita referência à medicina popular ao longo das muitas edições do jornal “Notícias de Barroso. Em Setembro de 1988, “Elvira Lobo (Mestranda da U.N de Lisboa), falou sobre "Agentes da medicina popular no concelho de Braga. Berta Nunes (Médica de Clínica Geral em A. da Fé) teceu algumas considerações sobre "Medicina Popular em Alfândega da Fé" (jornal 7). O objetivo é tentar perceber se o tema da medicina popular é, de facto, desenvolvido nas palestras dos Congressos. Em Setembro de 1993, são apresentados temas relacionados com a Medicina Popular: “O não científico da ciência; a fama e o proveito; Medicina alternativa, que futuro; Ervas e produtos naturais na medicina; caminho para curar; Dar à luz no Alto Douro; O linho na Med.Popular; Manipulação da coluna; manoterapia; a cura do cancro da mama e eczemas; questionar estruturas da medicina popular; como curar a coluna; cura pelas mãos; humor na Medicina Popular; a Medicina Popular sim ou não; o verdadeiro sentido da natureza; plantas que curam; visita e recolha de plantas medicinais” (jornal 15). Em Setembro de 1995, também são expostos temas relacionados com a medicina popular: “medicina Folk; derrame cerebral, sua causa e cura; coluna vertebral, tratamentos; luxação congénita da anca; demonstração da técnica massagista; medo, angústia e sofrimento; Sociologia e Medicina Popular Barrosã; varizes, novo produto; terapia de cristais; medicina holística e sabedoria popular; cancro e reumatismo pela cartilagem do tubarão; os ovos na medicina popular; vários estudantes expõem resumos de trabalhos de investigação sobre Medicina Popular” (jornal 19), assim como em Setembro de 1996: “O consumidor e a saúde; a Medicina Metabólica; Germoplasmas, erva cidreira e seus usos; Sociologia botânica; vivência telúrica do Barrosão; técnicas de massagem; deixar o tabaco; preocupações individuais de saúde; história da Medicina Popular; a autocura dos animais; atitude filosófica e saber popular; plantas medicinais nas escolas; fecundidade em Barroso; novas doenças e a Medicina Popular” (jornal 22). De destacar também “as publicações inspiradas no Congresso de Medicina Popular, por João Sanches, "Projeto Medicina Popular", Turismo e medicina popular no Alto Minho” (jornal 34), assim como os “intervenientes na Medicina Popular; prevenção rodoviária e medicina popular pelos motards de Nossa Senhora da Pena de Vila Real” (jornal 38).

De acordo com o jornal 9, medicina popular, é uma atividade exercida por pessoas do povo sem qualificações "Acho oportuno pegar na expressão "medicina popular" com que publicamente hoje se tem concordado designar toda a atividade pretensamente médico-curativa exercida por pessoas do povo sem qualquer qualificação oficialmente aprovada" (jornal 9). No jornal 9, certo é o que não se designa por

medicina popular "Seja esse mundo o da magia, seja o da santidade ou do diabolismo, usem-se rezas e fórmulas verbais com ritualidades obscuras, invoque-se este ou aquele santo, recitem-se ou não benzeduras e respostas de S.Cipriano, ou recorra-se ao olímpo Kardecista para explicar os acontecimentos e resolver os problemas dos pacientes, o certo é não serem estas atividades aquilo que realmente queremos designar por medicina popular" (jornal 9). Segundo o jornal 24, a medicina popular, "é produto das necessidades sanitárias das populações e das carências médicas da região. Continua a ser a única resposta em muitos meios rurais" (jornal 24). Interessa referir que a medicina popular é, ainda hoje, bastante utilizada, enquanto meio para prevenir ou tratar a saúde " Ficou provado que o interesse pela medicina popular se mantém com uma natural evolução e que a troca de saberes, entre os seus práticos, os médicos, os naturólogos e os demais veio enriquecer o caráter científico, que por força das circunstâncias históricas, filosóficas e éticas se impõe ao empírico..." (jornal 18). A mesma ideia é defendida no jornal 31 "é notória a afirmação da fitoterapia que revelou a etnobotânica barrosã, a farmacopeia e a dietética; aumenta cada ano a procura e a presença de curandeiros de ossos, osteopatas; emerge uma atenção ao estado de saúde popular comunitária, etnodemografia, dinâmica populacional e saúde pública" (jornal 31).

### 3.14. Críticas à oposição feita aos CMP

Em alguns dos jornais “Notícias de Barroso”, são expostas críticas à oposição feita aos CMP ou à falta de auxílio prestado nos mesmos "Outras entidades já nem se lhe pede porque é tempo perdido" (jornal 8). Em Setembro de 1987, dizem que quem se opõe aos CMP “denigrem o que não conhecem, distorcem a verdade, porque é incómoda” (jornal 14). Crítica a autoridades que pretendem abafar a voz do povo e de todos os que organizam os Congressos “...autoritarismo e prepotência de certas autoridades, que pretendem abafar não só a voz de pessoas competentes, mas até do povo” (jornal 20). Em Setembro de 1993, essa gente opositora tem dor de cotovelo, pobreza de espírito...nesse ano houve um paraquedista que criticou o padre Fontes (jornal 17). Há até quem tente distorcer informações dadas ao Bispo de Vila Real "Ficou documentado que acima da polémica que antecedeu este Cong<sup>o</sup> e a que não foram estranhas intervenções de pessoas que tentaram desinformar o Sr.Bispo de Vila Real..." (jornal 18). Há ainda quem queira mudar o local onde se realiza o Congresso, ou seja, passar a ser realizado na vila de Montalegre, mas a verdade é que o evento tem a sua origem em Vilar de Perdizes "Quando se diz que a Câmara Municipal quer desviar o Congresso para Montalegre, apesar de não ter ouvido o presidente da autarquia como era meu desejo, penso que não pode ser verdade. O Congresso só é Congresso enquanto se realizar em Vilar de Perdizes" (Carvalho de Moura) (jornal 36). Em Setembro de 1986, defendeu-se porque é que os Congressos se denominam de Medicina Popular e que este estará sempre relacionado com sonhos e fantasias "Entendeu-se que ali não haveria cabimento para o fantástico ou charlatancice, como se o fantástico e o miraculoso pudessem não escapar algumas vezes às malhas da impostura. Mas os que assim pensaram devem desenganar-se porque não há medicina popular, em 99 por cento dos casos, que não se socorra do sonho, da magia, do acaso e do milagre. Eu não pretendo sugerir que se substitua a referida expressão por outra. Se ela se consagrou como tal, com os 4 Congressos de Vilar de Perdizes, e mesmo assim parece não ter sido capaz de cativar a classe médica, que mais se poderá fazer?" (jornal 9). No mesmo jornal critica-se a oposição dos médicos à medicina popular "A relutância da ordem dos médicos em se debruçar sobre este fenómeno social (um fenómeno histórico e cultural, com raízes de natureza médico-religiosa), é a carouça de um prestígio de uma classe de pessoas preconceituosamente desqualificadas. Para trocar experiências com esse género de pessoas, à partida sem outra credencial que não a da sua condição anónima e vulgar, é preciso coragem e correr riscos. É evidente que hão-de surgir exceções na classe média e elas hão-de revelar-se justamente nos médicos de província que exercem clínica em vilas e freguesias nos concelhos do Norte do país" (jornal 9).

### 3.15. Atividades decorridas no CMP

As atividades decorridas no CMP, a maioria das vezes, estão ligadas a visitas guiadas à região de Barroso, como no caso do jornal 6, em que o Padre Fontes serviu de guia a três visitantes "Contigo, atravessámos a fronteira até ao Povo mais próximo de Vilar de Perdizes" (jornal 6). Em Outubro de 1988, também houve passeio "A Câmara de Montalegre com a merenda e passeio a Pitões e o passeio a Meixide, Soutelinho, prestou-nos valiosa ajuda" (jornal 8), assim como em Setembro de 1993, "13h piquenique e encerramento em Paredes do Rio e visita ao Parque Nacional do Gerês" (jornal 15). Em Setembro de 1995 houve mais uma vez, uma visita guiada à região (jornal 19). Em Outubro de 1996, as atividades do Congresso incluem "também várias visitas guiadas a diversas povoações e cidades daquela região: Montalegre, Pitões, Chaves, Boticas, Carvalhelhos, Atilhó, Mizarela, Gerês, Barroso, Barragens" (jornal 23). Em Setembro de 1998, a visita guiada é feita ao Gerês e ao Larouco. Em Setembro de 2000, durante todos os dias do Congresso de Medicina Popular, foram organizadas visitas guiadas ao Barroso, Alto Tâmega e Galiza, em Outubro do mesmo ano foram os jovens de Vilar de Perdizes que guiaram os visitantes "as visitas guiadas foram variadas e concorridas. Jovens licenciadas de Vilar acompanharam e guiaram todos os dias grupos novos, no local, pela história e arqueologia" (jornal 29). Em Agosto de 2001, as visitas guiadas à região foram das 14 às 19h, sexta e sábado, já em Setembro de 2005, a visita foi, mais uma vez, ao Larouco e ao Gerês. Em Setembro de 2010, foi diferente: "No sábado, o programa do Congresso arranca com uma caminhada que seguirá as passadas dos contrabandistas." (jornal 39).

O teatro também é uma das atividades que mais caracteriza os Congressos de Vilar de Perdizes. Em Setembro de 1993, realizou-se o teatro "a queima das bruxas" (jornal 15). Em Setembro de 1995, a animação foi por conta do teatro de Maria Parda (jornal 19). Em Outubro de 1995, a peça era de Gil Vicente "A noite suave, prolongou-se até às 2 da manhã, no pátio do Silveiro, onde a Filandorra de Vila Real nos deliciou com o Pranto de Maria Parda de Gil Vicente" (jornal 21), assim como em Setembro de 1998 teatro "Auto da Índia" - teatro ao ar livre (Gil Vicente) (jornal 26). Em Setembro de 2004, assistiu-se ao teatro Filandorra com o pranto de Maria Parda, o mesmo teatro atuou em Setembro de 2005. Em Setembro de 2010, a companhia de teatro Filandorra promete um espetáculo com "bruxas à solta" (jornal 39). Para além do teatro, também o folclore marcou muitos dos encontros de Medicina Popular, em Setembro de 1993, é apresentado o Folclore de Vilar de Perdizes pelo grupo etnográfico (jornal 15). Em Setembro de 1998, a animação foi por conta do rancho etnográfico de Vilar de Perdizes assim como em Setembro de 2000 e Agosto de 2001. Em Setembro de 2004, a animação paralela esteve por conta

do Folclore de S.Estevão. Em Setembro de 2012, a edição ficou marcada pelo regresso do grupo Folclórico da Venda Nova.

Grupos musicais e piqueniques também fazem parte das atividades decorridas nos Congressos. Em Setembro de 1993, houve música espiritual negro, por Susan (jornal 15). Em Setembro de 1995, a Tuna da Universidade do Minho animou o dia, ainda nesse ano, houve piquenique em Penedones com cantadores ao desafio, o mesmo é dito no jornal de Outubro do mesmo ano "O Domingo foi o dia de encerramento, leitura de conclusões a que se seguiu um piquenique nas margens da praia fluvial de Penedones, com mais de 100 pessoas, animadas por cantadores ao desafio que fez animar e cantar com eles as cantadeiras da Galiza e Portugal" (jornal 21). Em Setembro de 1998, houve música clássica, por Essamble Maurice Bourgue (jornal 26). Em Setembro de 2000, o Conjunto Mar de Pedra (Vila Real) e os Gaiteiros de Pitões animaram o dia, às 14, piquenique e animação pelo mesmo conjunto (jornal 28). Em Agosto de 2001, o Grupo Musical Casa do professor (Vilar Real) tomou conta da animação do evento, houve também às 13h piquenique para inscitos, palestrantes e jornalistas (jornal 30). A visitas às barracas do Congresso também fazem parte das atividades decorridas ao longo do mesmo "Após percorrer a exposição de chás, xaropes, bolos de castanha, mel, pão de centeio e de beber água da fonte, surge um tetaro para todas as idades..." (jornal 27). Em Setembro de 2006, "João Sanches dissertou José Medeiros sobre as energias, forças ocultas que os humanos transportam dentro de si. Cá fora, a gente, aos montes, passeava-se pelas barracas a ver, a apreciar um ou outro gesto de propaganda, a comprar também " (jornal 35).

A famosa queimada do Padre Fontes não pode faltar em nenhum Congresso. Em Setembro de 1993, no sábado às 24h, queimada das bruxas. Em Setembro de 2004, a noite terminou com a queimada das bruxas gabada à noite pelo folclore de V. de Perdizes (jornal 33). Em Setembro de 2005, não pôde faltar a queimada Barrosã, assim como em Setembro de 2010 "À meia noite a tradicional queimada" (jornal 39). Em Setembro de 2012, ao invés de ser o padre Fontes a realizar a famosa queimada foi um ator contratado, de seu nome Queiman e que já é bastante conhecido por quem visita Vilar de Perdizes quer nos Congressos de Vilar de Perdizes quer nas famosas sexta-feira 13 na vila de Montalegre "Esta ocasião foi do agrado de todo o público que esperava, ansioso, pelo momento da queimada. Essa foi protagonizada pelo já conhecido bruxo Queiman, ator que tem abrilhantado as últimas edições da Sexta 13" (jornal 41). Já em Setembro de 2017 a queimada feita pelo padre António Fontes foi um dos pontos altos da noite "Como já é tradição, a queimada esconjurada pelo padre Fontes, foi um dos pontos altos" (jornal 46).

Os curandeiros, endireitas e outros terapeutas de medicina popular estão, habitualmente, presentes nas atividades dos Congressos. Em Setembro de 1995, houve contacto livre com participantes e curandeiros (jornal 19). No mesmo ano, os curandeiros presentes foram convidados a exporem em tempos livres os seus métodos e saberes com apresentação de testemunhos de curas. Em Outubro de 1995, o número de médicos era o mesmo que o número de curandeiros, o que é positivo para os Congressos visto que é sinal que a classe médica está a aceitar cada vez mais práticas alternativas "Neste e noutros congressos os médicos estavam em equilíbrio com o número de curandeiros e vão-se sentindo e respeitando os limites de cada um" (jornal 20). Em Setembro de 1998, houve mesa redonda com ervanários e curandeiros (jornal 26).

De referir também temas desenvolvidos em alguns dos Congressos de Medicina Popular. Em Setembro de 1983, houve discussão acerca da Medicina Popular e integração de jovens em projetos futuros (jornal 1). Em Setembro de 1986, " ali, e em perfeita harmonia polifónica se afloraram assuntos tão díspares como: espinhela caída, corpo aberto, cura pelas ervas, rezas contra o coxo, exorcismos e possessos, cura do cancro com "licréus", cura pela imposição das mãos, macrobiótica, rituais para carbúnculos e "sapinhos" (jornal 5). Em Setembro de 2017, "o evento, dedicado à medicina popular, voltou a oferecer palestras, conferências, feira de artesanato, produtos naturais, sessões terapêuticas e animação de rua (jornal 46). Em alguns congressos, houve ainda exposições: plantas medicinais na escola, livros temáticos, exposição de Pintura Tibetana por Pimpim de Azevedo, venda de artesanato, etc (jornal 19), bem como atividades paralelas, como por exemplo, em Setembro de 1998, "feira de ervas e chás - largo do Pinheiro; feira de livros de saúde; feira de artesanato; escola oficina aberta para inscitos no mini curso; iniciação aos chás no centro paroquial; exposição de plantas medicinais no centro paroquial; demonstrações de curandeiros e consultas livres no centro paroquial; exposição de pintura e escultura na escola primária" (jornal 26).

Por fim, e com a falta de condições de saúde por parte do pároco de Vilar de Perdizes, António Lourenço Fontes, em Setembro de 2014, declarou Deolinda Silva como presidente da Direção da Associação da Defesa do Património de Vilar de Perdizes (jornal 43) e, em Setembro de 2015, o padre Fontes decide colocar o Padre Tó Quim na frente da organização do evento juntamente com a Associação "Pe António Fontes declarou que a partir da 30ª edição será o padre António Joaquim Dias a liderar a Organização juntamente com a Associação de Defesa do Património de Vilar de Perdizes" (jornal 44).

### 3.16. Conclusões acerca do jornal “Notícias de Barroso”

A maioria dos títulos das notícias referem-se ao Congresso de Medicina Popular, outras notícias fazem referência aos Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes, os restantes títulos chegam a ser sugestivos e opinativos relativamente aos CMP. Alguns dos subtítulos dizem respeito às datas da realização dos Congressos de Medicina Popular em cada ano. No que diz respeito à autoria das notícias, a maioria destas foi escrita pelo divulgador dos famosos Congressos de Medicina Popular, o padre António Lourenço Fontes. A notícia relativa aos CMP surge onze vezes na página principal, sete vezes tanto na página principal quanto na página secundária e 25 vezes na página secundária. As personagens principais das notícias é o padre Fontes, o vareador da cultura da Câmara Municipal de Montalegre, os terapeutas populares e os participantes dos Congressos que são das mais variadas classes sociais. Segundo o jornal 18, os CMP têm como objetivo: “prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade humana” (jornal 18). Quanto ao número de pessoas presentes nos CMP, de 1983 a 2012 o número foi sempre avastado, já a partir de 2013 esse número foi diminuindo visto que o Congresso já não é feito como nos primeiros anos. São feitas várias críticas nos jornais no que diz respeito a tudo o que envolve os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes. Em Setembro de 1992, criticam os cientistas por falta de diálogo com os participantes. Em Setembro de 1994, há uma crítica aos opositores do Padre Fontes e dos Congressos de MP. Em Outubro de 1995, “Crítica às autoridades que pretendem abafar a voz de pessoas competentes e do povo. Crítica ao SNS que apresenta a classe médica toda poderosa, como única solução imposta” (jornal 20) bem como uma crítica à organização do evento. Em Setembro de 2003, criticou-se o próprio Congresso (jornal 32). Em Setembro de 2014, o mau tempo e o desinteresse dos canais generalistas de televisão em divulgar o CMP incomodam quem quer manter este evento. Em 2016, defendeu-se que devia dar-se maior relevância ao artesanato quando ocorrem os CMP "viu-se vontade e dedicação da parte de alguns agentes da organização e a aposta terá de ser continuada com incidência noutras áreas como, por exemplo, no artesanato" (jornal 45). São expostos aspetos a melhorar no Congresso, em Outubro de 1997, é divulgada uma lista dos aspetos a melhorar no Congresso “1.Falta de espaço para todos os curandeiros exercerem a sua função 2. anunciarem os horários, nos jornais. 3.mais e melhores guias nas visitas guiadas. 4.mais restaurantes a servir 5.menos exploração, 6. mais residenciais, 7. mais tempo para debate 8. melhores e mais placas nas estradas” (jornal 25), contudo, o Congresso de Medicina Popular em Vilar de Perdizes também apresenta aspetos positivos, como por exemplo, em Setembro de 2002, eis os aspetos positivos: “as intervenções no CMP decorrem com respeito pelos especialistas e com

calma; comunicação social como dinamizadora da região; aumenta a cada ano a presença de curandeiros de ossos e osteopatas; cada vez mais teses de mestrado acerca dos CMP” (jornal 31). Em muitos dos congressos houve apresentação de livros, a maior parte deles escritos pelo Padre António Lourenço Fontes. Um dos objetivos das notícias que falam sobre os Congressos é defender que a medicina popular não se contrapõe à medicina científica, apenas pretende ser uma alternativa à mesma, quando esta falha ou se torna insuficiente e que a medicina popular pode ser eficaz num mundo saturado de fármacos.

É importante perceber em que consiste o Congresso de Medicina Popular, o Congresso é um espaço de encontro, é um promotor da cultura popular e da região transmontana, este deve ser mantido, contudo, deve sofrer alterações, cuida da saúde física e mental das pessoas, mas gira muito em torno do oculto e do misticismo. Os Congressos têm sucesso também porque os terapeutas popular dão uma importância ao diálogo com os seus pacientes que a medicina convencional não dá, ou seja, o médico tem aquele tempo curto estipulado para falar com cada um dos seus pacientes não dando relevância aos aspetos pessoais e culturais de cada um. O Congresso, se é de medicina popular, deve focar-se no tratamento e prevenção da saúde de cada um. Os mass media, assim como o padre Fontes, são cruciais na divulgação e promoção dos famosos Congressos de Medicina Popular e são feitas críticas àqueles que se opõem aos Congressos, nos jornais “Notícias de Barroso”. Em todas as edições do Congresso decorrem atividades variadas que vão desde piqueniques a visitas guiadas à região a cantares ao desafio.

## Considerações finais

De um modo geral, podemos concluir que a medicina popular assim como o uso terapêutico de plantas medicinais estão em voga nos dias de hoje. Este facto deve-se, essencialmente, à distância por parte da medicina científica para com o seu paciente e porque é cada vez mais importante manter os valores e as crenças dos antepassados que são transmitidos de geração em geração. As crenças e a religião constituem fatores muito importantes que explicam o facto de os Congressos de Medicina Popular persistirem, ainda, na sociedade contemporânea.

Quanto à data do surgimento da utilização de plantas medicinais com fins terapêuticos, não há um consenso em relação a essa data. O interesse pela medicina popular surge, principalmente, devido à importância que o conhecimento advindo dos antepassados tem para as pessoas. Pretende-se, através desta investigação, defender que a medicina popular não quer tirar o lugar à medicina científica ou opor-se a esta, mas sim ser uma alternativa quando a mesma falha ou se torna insuficiente na resposta ao doente. Tanto os países desenvolvidos como os países em desenvolvimento fazem uso de plantas medicinais seja por uma questão de fé, seja por quererem manter vivas tradições antigas, seja pela falta de resposta por parte da medicina científica. Neste sentido, as medicinas alternativas não são mais do que as medicinas que têm como intuito diferenciar-se da medicina científica, apresentando outras maneiras de tratar e prevenir a saúde. A fitoterapia é um exemplo de uma alternativa, que não é mais do que a prática que se dedica ao tratamento de plantas medicinais. É certo que, no século XVIII, houve uma desvalorização do conhecimento popular para dar lugar ao conhecimento científico, principalmente devido ao surgimento da Revolução Industrial. Essa desvalorização também se deveu ao facto de as plantas medicinais apresentarem efeitos adversos e tóxicos que podem ser prejudiciais à saúde, daí ser importante que os enfermeiros assim como todos os profissionais de saúde se informem e informem os utentes sobre os riscos quer dos medicamentos sintéticos, quer das plantas medicinais. Apesar dessa desvalorização, mais tarde, houve uma repescagem da medicina popular, isto porque as plantas medicinais ajudam na elaboração dos medicamentos sintéticos e estas, quando bem utilizadas, podem ser benéficas para a saúde. De um modo geral, recorre-se a terapeutas populares como herbolários, curandeiros e endireitas, pois estes mantêm uma relação estreita e próxima com os seus pacientes, o que muitas vezes não acontece com o médico oficial.

A cultura popular é importante na explicação dos Congressos de Medicina Popular ainda permanecerem nos dias de hoje, pois o facto de as comunidades se unirem para manter a sua cultura,

os seus valores e os conhecimentos transmitidos de geração em geração é que permite que ano após ano se realizem os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes. No fundo, manter as tradições é manter a autenticidade, a pureza de uma nação. De referir a importância da crença e da fé, que movem multidões. A crença permite perceber como é que a modernidade concebe o social, ou seja, através da crença podemos entender quais as motivações, os valores culturais, quais as características de uma comunidade. A religião, não é apenas um conjunto de crenças, implica também práticas rituais e uma prática institucional bem definida, assim, para que seja um ato religioso tem de haver ações que se repetem continuamente e é essa continuidade e repetitividade que dão estabilidade e confiança a quem acredita.

Realizar as entrevistas foi proveitoso na medida em que possibilitou perceber se os entrevistados têm conhecimento dos Congressos de Medicina Popular, se participam nos mesmos, se concordam com a sua realização, se pensam que estes podem trazer vantagens para a região transmontana, ou pelo contrário, podem ser prejudiciais. Em relação às plantas medicinais foi interessante perceber se e quem faz uso das mesmas, se estas têm eficácia ou não, se os medicamentos sintéticos são, ou não, mais eficazes que as plantas medicinais e porquê. Foi também objetivo perceber se os entrevistados têm noção dos efeitos adversos das plantas medicinais com fins terapêuticos. Em termos de conhecimento popular foi curioso saber quais as plantas medicinais que tratam determinadas doenças. Como um dos objetivos desta investigação é defender que a medicina popular é uma alternativa à medicina científica, os entrevistados foram questionados se já tinham comprado produtos naturais em farmácias e se confiam que estes são 100% eficazes e seguros e, por fim, perceber por que é que alguns dos entrevistados recorreram e ainda recorrem, atualmente, a terapeutas populares (herbolários, curandeiros, endireitas...), alguns expõem histórias acerca dos mesmos. Relativamente às entrevistas, constatou-se que a maioria dos entrevistados tem conhecimento acerca dos CMP em Vilar de Perdizes mas não participa neles. Muitos defendem que os Congressos podem trazer vantagens para a região, principalmente vantagens económicas e relacionadas com a saúde. Pois, os CMP promovem a aldeia, mas também podem trazer charlatães que vêm enganar as pessoas. A grande maioria dos entrevistados diz usar mais medicamentos do que plantas medicinais e defendem que os últimos são mais eficazes. Constatou-se que as pessoas têm noção de que as plantas medicinais têm efeitos adversos mas, ainda assim, não se previnem quando fazem uso destas. É curioso saber que os barrosões, principalmente as pessoas idosas, têm um vasto conhecimento de plantas que podem curar uma determinada doença, há sempre uma cura para um mal. A maioria dos entrevistados não confia em produtos naturais

comprados nas farmácias e/ou supermercados e muitos deles já recorreram a terapeutas populares porque já comprovaram a sua eficácia e porque estes mantêm uma relação de maior proximidade com o paciente.

Relativamente ao jornais “Notícias de Barroso”, foi interessante ver o percurso dos Congressos de Medicina Popular desde 1983 até aos dias de hoje. Todos os anos se realizam os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes ou no fim do mês de Agosto ou no início do mês de Setembro, muitas vezes, nos jornais, vem exposto o programa de cada edição, cujos temas vão desde a medicina popular ao misticismo e ao oculto. O autor de grande número das notícias acerca do Congresso é o padre António Fontes, o criador do evento e que foi homenageado ao longo das trinta e duas edições do Congresso. Segundo o jornal 18, os CMP têm como objetivo: "...prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade humana" (jornal 18). Nos jornais “Notícias de Barroso” são apresentados aspetos a melhorar e aspetos positivos dos Congressos, e há quase sempre apresentação de livros no evento. Os CMP são um espaço de encontro, promovem a cultura popular assim como a saúde física e mental dos seus visitantes, estão muito cercados pelo tema do oculto, devem continuar mas sofrer algumas mudanças. Ao longo dos Congressos decorrem diversas atividades que vão desde a venda de produtos nas barracas do recinto de Vilar de Perdizes, a passeios, cantares ao desafio e visitas guiadas à região.

Chega-se à conclusão que, para os entrevistados, a medicina popular bem como a utilização de plantas medicinais com finalidades terapêuticas podem trazer benefícios à saúde, se utilizadas corretamente. A medicina popular não é opositora da medicina científica, mas sim uma alternativa à mesma. Os Congressos de Medicina Popular em Vilar de Perdizes pretendem ser exatamente isso: uma discussão entre palestrantes que defendem a medicina popular e outros palestrantes que se posicionam na defesa da medicina científica, limitando-se a trocar opiniões diferentes que podem encontrar caminhos paralelos.

## Referências bibliográficas

ALVES, Jaira et al (2015), Conhecimento popular sobre plantas medicinais e o cuidado da saúde primária: um estudo de caso da comunidade rural de Mendes, São José de MIPIBU/RN, *Revista Cultural e Científica do UNIFACEX* Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, v.13, n.1, pp-136-156.

<https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/633/pdf>

ALVIM, Neide et al (2006), O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais da sua aplicabilidade com extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira, *Revista Latino-am*, Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem, v.14, n°3, pp. 1-9.

[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/pt\\_v14n3a03.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/pt_v14n3a03.pdf)

ANTUNES, João (2003), A profissão de médico, *Análise Social*, V.28, n°166, pp.77-99.

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218737656G8cFZ6yg8DI18UH9.pdf>

AVILLA-PIRES, Fernando (1995), Teoria e práticas das práticas alternativas, *Rev. Saúde Pública*, Brasil, São Paulo, v.29, n°2, sem paginação.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101995000200012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101995000200012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

BATALHA, Luís (2004), *Antropologia – uma perspectiva holística*, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, pp.259-280.

BARRETO, Benilson (2011), Fitoterapia na Atenção Primária à Saúde – a visão dos profissionais envolvidos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, pp.1-94.

<http://www.ufjf.br/pgsaudecoletiva/files/2011/03/DISSERTA%C3%87%C3%830-BENILSON-versao-final.pdf>

BARRETO, Benilson et al (2007), Uso de Fitoterápicos em Medicina Popular, *Interagir: pensando a extensão*. Rio de Janeiro, n°11, pp. 57-62.

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/view/6716/15631>

BASTOS, Cristiana & LEVY, Teresa (1987), Aspirinas, Palavras e Cruzes: Práticas Médicas Vistas Pela Antropologia, *Revista Crítica de Ciências Sociais* Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Faculdade de Ciências de Lisboa, n°23, pp. 221-232.

BONI, Valdete & QUARESMA, Jurema (2005), Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais, *Revista Eletrônica dos Pós-Graduados em Sociologia Política da UFSC*, V.2, n°1, pp.68-80.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/%2018027/16976>

BRITO, Andréa et al (2014), Fitoterapia: uma alternativa terapêutica para o cuidado em enfermagem, *Revista Macapá*, Brasil, Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte, v.4, n°4, pp. 15-20.

<https://periodicos.unifap.br/index.php/biota/article/view/958/v4n4p15-20.pdf>

CAMPOS, Claudinei (2004), Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília V.57, nº5, pp. 611-614.

<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>

CARMO, Taiane et al (2015), Plantas medicinais e ritualísticas comercializadas na feira de 25 de Setembro, Belé, Pará, *Enciclopédia Biosfera*, Brasil, Universidade do Estado do Pará, Gôiania, v.11, nº21, pp.34-40.

<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2015b/saude/plantas%20medicinais.pdf>

CARVALHO, Dina (2002), Cuidar e prevenir. Os saberes familiares, tradicionais e medicinais acerca da saúde e da doença. *Actas dos atliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, pp. 30-42.

COSTA, Waldney (2017), Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber, *Sacrilegens - Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião*, Juiz de Fora, v.14, nº2, pp. 3-24.

<http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2018/03/14-2-2.pdf>

COSTA, Manuel (2014), *Dicionário de termos médicos*, Porto, Porto Editora.

CUCHE, Denys (1999), *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa, Fim de Século, pp. 103-108.

DESLANDES, Suely (2004), Análise do discurso oficial sobre a humanização do atendimento hospitalar, *Ciência e Saúde Coletiva*, vol.9, nº1, pp. 7-14.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232004000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

DI STASI, Luís (1996), *Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinário*, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista.

DOMINGUEZ, Maria (2010), *Recurso à Medicina Popular*, Asociación Profesional Extremeña de Antropología, Universidade de Bragança, nº1, pp.61-78.

FAKIM, Gurib (2006), *Medicinal plants: traditions of yesterday and drugs of tomorrow, Molecular Aspects of Medicine*. Mauritius, University of Mauritius, Reduit, Faculty of Science.

FIRMO, Wellison et al (2011), Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais, *Caderno de Pesquisa*, São Luís, v.18, nº especial.

[http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%2010\(9\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%2010(9).pdf)

FURTADO, Maria (2011), Uma Discussão Acerca do Conceito de Crença, Tese de Mestrado em Teoria da Literatura, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

FONTES, António & SANCHES, João (1992), *Medicina Popular – Ensaio de Antropologia Médica*, Lisboa, Âncora Editora.

FRANÇA, Inácia et al (2008), Medicina Popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais, *Revista Brasileira de Enfermagem*, Campina Grande, Universidade Estadual de Paraíba, v.61, nº12, pp. 201-207.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672008000200009#end](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000200009#end)

GASPAR, Lúcia (2009), Medicina popular, *Pesquisa Escolar Online*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco.

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=732](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=732)

GERHARDT, Tatiana & SILVEIRA, Denise (2009), *Métodos de Pesquisa*, Porto Alegre, Editora UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

GIDDENS, Anthony (2000), *O mundo na era da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença.

GIUMBELLI, Emerson (2011), A Noção de Crença e suas Implicações para a Modernidade: Um Diálogo Imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad, *Horizontes Antropológicos*, , Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n°35, pp. 327-356.

<http://www.scielo.br/pdf/ha/v17n35/v17n35a11.pdf>

GLÓRIA, Mirley (2012), Plantas medicinais, fitoterápicos e saúde pública: um diagnóstico situacional entre profissionais da área da saúde Anápolis, Góias, *Revista do Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente*, Centro Universitário de Anápolis- UniEvangélica, v.1, n°2, pp.76-92

<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/405/404>

GONÇALVES, Amadeu (2004), *A doença mental e a cura: um olhar antropológico*, Viseu, Escola superior de enfermagem de Viseu, Journal of Education, Technologies and Health, n°30, pp.159-171.

GONÇALVES, Amadeu (2006), A doença mental: Determinação individual ou construção social, Viseu, Instituto Superior Politécnico de Viseu, Escola Superior de Saúde, Millenium, Journal of Education, Technologies and Health, n°32, pp. 163-168.

GUERRA, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*, Estoril, Príncipia Editora (1ª edição), pp.1-96.

HESPANHA, Maria (1987), O corpo, a doença e o médico – representações e práticas sociais numa aldeia, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n°23, pp.195-209.

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/37904/1/O%20Corpo%20a%20Doen%c3%a7a%20e%20Oo%20M%c3%a9dico.pdf>

JANEIRA, Ana (1971), A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais: natureza e aplicações, Lisboa, Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, v.9, pp. 370-399.

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224260109P6yXY4bm6Vt51JF8.pdf>

LIMA, Raquel (2016), *Fitoterapia Popular no contexto socioambiental Ribeirinho: contribuições da etnobotânica para a enfermagem transcultural*, São Paulo, Universidade de São Paulo.

LUZ, Madel (2005), Cultura contemporânea e medicinas alternativas: Novos paradigmas em saúde no fim do século XX, *PHYSYS : Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n°15, pp. 145-176.

<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a08.pdf>

MADALENO, Isabel (2015), Plantas medicinais consumidas em Cochim, no século XVI e na atualidade, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 1, p. 109-142.

<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v10n1/1981-8122-bgoeldi-10-1-109.pdf>

MATSUCHITA, Hugo & MATSUCHITA, Ana (2015), A contextualização da Fitoterapia na Saúde Pública, *Uniciências Brasil*, PR, Universidade Estadual de Londrina, , v.19, n.1, pp.86-92.

<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/uniciencias/article/view/3160/2915>

MORAES, Márcia (2015), Médicos, medicina popular e inquisição: a repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo, *Cadernos de Saúde Pública*, Lisboa, Editora FioCruz/Imprensa de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, V.31, nº1, pp. 215-216.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2015000100215](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000100215)

NERY, Paulo (2009), Fé, Crença, Auto-Ajuda: A Tradição Antropológica Revisitada, *Interações – Cultura e Comunidade*, v.4, n.5, pp.25-30.

NUNES, Berta (1987), Sobre As Medicinas e As Artes de Curar, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº23, pp. 233-242.

NUNES, Berta (2001), *O corpo em contexto*, Centro de Saúde de Alfândega da Fé, pp. 187-191.

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4134/1/Berta%20Nunes.pdf>

MORAES, Roque (1999), Análise de Conteúdo, *Revista Educação*, Porto Alegre, v.22, n.37, pp. 7-32.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf)

PAUSE, Priscila Nardes (2009), *Les médecines complémentaires: de l'ordre de la raison vers la logique du sensible*. Tese de doutoramento em “Sciences Sociales”, Paris, Université Paris Descartes, U.E.R. de Sciences Sociales, Sorbonne.

PEREIRA, Aline & ALBIEIRO, Godoi (2015), A valorização da utilização de plantas medicinais na atenção básica: oficinas de aprendizagem, *Arquivos do Mudi*, Brasil, Universidade Estadual de Maringá, Curso de Farmácia, v.19, nº 2-3, pp.23-42.

PEREIRA, Luís (1993), Medicinas Paralelas e Prática Social, *Sociologia – Problemas E Práticas*, Nº14, pp. 159-175.

<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/904/1/10.pdf>

QUEIROZ, Marcos (2000), O Itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sócias de profissionais da saúde, *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Campinas, V.16, nº2, pp.363-375.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2000000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2000000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van (2008), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

[http://storage.campus.ua.sapo.pt/files/e624188558c948193a521a760565ae09/manuallInvestigacaoCS\\_kivy.pdf](http://storage.campus.ua.sapo.pt/files/e624188558c948193a521a760565ae09/manuallInvestigacaoCS_kivy.pdf)

RABOT, Jean-Martin (2015), L'imaginaire et la reliance dans la sociologie de Durkheim, *Sociétés*, n° 127, pp. 25-40.

SENA, José (2016), A religião nas concepções dos clássicos Marx e Durkheim, Felicidade Ilusória ou Transfiguração da Sociedade?, *Diversidade Religiosa*, João Pessoa, V.6, n°1, pp.64-86. SILVA, Maria & BENKO, Maria (1998), O uso das terapias alternativas por enfermeiros docentes, *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.51, n°3, pp.457-468.

<http://www.scielo.br/pdf/reben/v51n3/v51n3a10.pdf>

SILVA, Augusto Santos (1994), *Tempos Cruzados – Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, Porto, Edições Afrontamento.

SILVA, Andressa & FOSSÁ, Maria (2015), Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos, *Qualit@s Revista Eletrônica*, Vol.17, n°1, pp.2-14.

<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>

SOUSA, Baltazar (1956), Formas e Critérios da Cultura Popular, Campanha Nacional de Educação de Adultos, Lisboa, Campanha Nacional de Educação de Adultos.

SOUZA, Mariane & PASA, Maria (2013), Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em uma área rural na região de Rondonópolis, Mato Grosso, *Revista Biodiversidade*, Rondonópolis, Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil, v12, n°1, pp.138-145.

<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/1256/1002>

TEIXEIRA, Elizabeth (1996) Reflexões sobre o paradigma holístico e saúde, *Revista Escola Enfermagem*, Universidade de São Paulo, v.30, n°2, pp. 286-90.

<http://www.scielo.br/pdf/reusp/v30n2/v30n2a08.pdf>

TESSER, Charles & BARROS, Nelson (2008), Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde, *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, , V. 42, n° 5, sem paginação.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102008000500018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000500018)

TROVÓ, Mónica & SILVA, Maria (2002), Terapias Alternativas/Complementares – Visão do Graduando de Enfermagem, *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo*, São Paulo, V.36, n°1.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342002000100012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342002000100012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

## Anexos

### Anexo I

#### Apresentação dos entrevistados

##### Entrevista 1

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
1	Masculino	54	Reformado	Nenhuma	Vilar de Perdizes

*Tabela 1: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada*

##### Entrevista 2

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
2	Masculino	72	Reformado (comerciante)	4ª classe	Vilar de Perdizes

*Tabela 2: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 2*

##### Entrevista 3

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
3	Masculino	69	Construtor civil	4ª classe	Vilar de Perdizes

*Tabela 3: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 3*

##### Entrevista 4

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
4	Feminino	37	Empregada de balcão	9º ano	Vilar de Perdizes

*Tabela 4: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 4*

### Entrevista 5

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
5	Masculino	52	Comerciante	9ºano	Vilar de Perdizes

*Tabela 5: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 5*

### Entrevista 6

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
6	Masculino	60	Agricultor, Presidente da Junta de Freguesia de VP.	9ºano	Vilar de Perdizes

*Tabela 6: Variáveis sócio-demográficas da entrevistada 6*

### Entrevista 7

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
7	Feminino	71	Reformada, Funcionária Pública	12ºano, curso incompleto de preparadora de análises	Vilar de Perdizes

*Tabela 7: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 7*

### Entrevista 8

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
8	Feminino	66	Doméstica	4ª classe	Vilar de Perdizes

*Tabela 8: Variáveis socio-demográficas da entrevistada*

### Entrevista 9

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
9	Feminino	83	Reformada	4ª classe	Tourém

*Tabela 9: Variáveis socio-demográficas da entrevistada*

### Entrevista 10

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
10	Feminino	50	Professora de Biologia e Geologia	Licenciatura e Mestrado em Geologia	Montalegre, natural de Vilar de Perdizes

*Tabela 10: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 10*

### Entrevista 11

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
11	Masculino	39	Padre	Licenciatura em Teologia	Peirezes

*Tabela 11: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 11*

### Entrevista 12

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
12	Feminino	76	Reformada	4ª classe	Friães

*Tabela 12: Variáveis socio-demográficas da entrevistada*

### Entrevista 13

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Outras atividades	Habilitações Literárias	Local de Residência
13	Feminino	43	Formadora de Geografia	Apicultura, plantas medicinais, compotas, mel	Licenciada em Geografia	Pitões das Júnias

*Tabela 13: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 13*

### Entrevista 14

Entrevista	Sexo	Idade	Profissão	Habilitações Literárias	Local de Residência
14	Feminino	42	Farmacêutica	Licenciada em Ciências Farmacêuticas	Friães

*Tabela 14: Variáveis socio-demográficas da entrevistada 14*

## Anexo II

### Tabelas das Entrevistas

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
Conhecimento da ocorrência dos Congressos de Medicina Popular em VP	- meio pelo qual o entrevistado teve conhecimento do Congresso de Medicina Popular  - jornal - amigo - familiar - televisão - residência no local	<b>E3:</b> "Sim quando aparecem por aqui" <b>E7:</b> "Tenho, normalmente estou aqui quando se realizam" <b>E9:</b> "É, os congressos, conhecimento muito não tenho, mas sei que o meu irmão (Padre Fontes) já está dentro disso há muitos anos" <b>E11:</b> "Há muito tempo sim, até porque sou daqui de perto, não é?" <b>E13:</b> "Só fui ver uma vez ou duas"

*Tabela 15: Conhecimento da ocorrência dos Congressos de Medicina Popular em VP*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
Participação nos Congressos	<p>- Participação ocasional</p> <p>- Participação ativa</p>	<p><b>E4:</b> "Não, só vou de visita"</p> <p><b>E8:</b> "Nunca participei"</p> <p><b>E9:</b> "Já, já. Já fui lá por duas ou três vezes"</p> <p><b>Entrevistadora:</b> "Mas foi fazer o quê?"</p> <p><b>E9:</b> "Fui ver as palestras e ver o ambiente do congresso"</p> <p><b>Entrevistadora:</b> "Não vai ao congresso comprar nada? Plantas, por exemplo?"</p> <p><b>E9:</b> "Não, eu já as tinha antes de começar o congresso. Antes de começar o congresso já eu tinha plantas, por isso não comprava".</p> <p><b>Entrevistadora:</b> "Mas vende as plantas a alguém?"</p> <p><b>E9:</b> "Quando vem aqui alguém que me pede, ou dou-as ou vendo-as. Tenho aí de muitas plantas. Tenho para aí umas dez qualidades de plantas e chás.</p> <p><b>E10:</b> "Não, por acaso este ano até me pediram para fazer parte de um painel, mas optei por não fazer"</p> <p><b>Entrevistadora:</b> "Porque não participou no painel?"</p> <p><b>E10:</b> "Pronto, é muito em cima da hora quando pedem, parece que não há aquele cuidado como eu acho que deveria haver, na preparação ou no cuidado a ter quando se elabora um painel, que é estruturar bem o painel e saber bem o que se vai fazer lá, não é só três dias antes dizerem-te: "Olha queres participar e fazer isto?" Optei por não participar."</p> <p><b>E11:</b> "Já, já participei. Participei em 2014, o meu primeiro, fiz uma conferência e depois tenho</p>

		participado na organização dos outros todos, ao longo dos anos vou participando, mais na organização..."
--	--	--

*Tabela 16: Participação nos Congressos de Medicina Popular*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
<p>Concordância com a realização desses CMP</p>	<p>- justificações para a concordância</p> <p>- justificações para a discordância</p>	<p><b>E1:</b> "Eu concordo, mais isto já é mais fraco do que era antes. Não há tanta gente."</p> <p><b>E4:</b> "Não sei, é bom e é mau."</p> <p><b>E5:</b> "Concordo, mas não deveria ser feito como está a ser feito agora..."</p> <p><b>E6:</b> "Sim, até ao momento sim..."</p> <p><b>E8:</b> "Concordo e acho que deveriam continuar e vir mais gente."</p> <p><b>E10:</b> "Sim, acho que sim, mas já não é nos moldes que se fazia antigamente"</p> <p><b>E11:</b> "Eu acredito que o congresso de medicina popular tem sentido, que se deveria continuar a fazer. Se nós estivermos a pensar que um congresso pode ser uma forma para discutir, para apresentar, para divulgar chás, ervas aromáticas ou medicamentos mais ou menos caseiros mas certificados ou mais ou menos aprovados pela UTAD ou por outra universidade, significa que nós vamos dar vantagens a todas as pessoas que estão doentes ou possam vir a estar doentes, logo concordo. Eu acredito que o congresso de medicina popular tem sentido, que se deveria continuar a fazer"</p> <p><b>E12:</b> Não responde</p> <p><b>E13:</b> "Eu acho que sim, para valorizarem mais as plantas porque às vezes pode-se evitar tomar medicamentos, quando ainda estamos numa fase inicial de uma doença podemos melhorar com as plantas, não é ir logo tomar medicamentos, penso eu que primeiro</p>

		<p>podemos curar-nos com as plantas e depois, se não melhorarmos, recorreremos à medicina”</p> <p><b>E14:</b> "O mais importante são os produtos estudados e que têm um controlo"</p>
--	--	---

*Tabela 17: Concordância com a realização desses CMP*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
<p>Vantagens que os CMP podem trazer para a região</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vantagens económicas</li> <li>- Vantagens para a saúde</li> <li>- Animação e convivência</li> <li>- Promove a aldeia</li> </ul>	<p><b>- Vantagens económicas</b>  <b>E1:</b> “Dinheiro para os comércios, para tudo em termos económicos”  <b>E2:</b> “Dinheiro para os comércios, para tudo em termos económicos”  <b>E11:</b> “Possibilidade de meia dúzia de pessoas poderem viver ou ter ali uma ajuda para os trabalhos que já têm”  <b>E14:</b> “Ai isso traz muita gente, não haja dúvida! Essa parte do turismo...eu julgo que traz porque as pessoas vêm e ficam alojadas ou consomem ou compram nos restaurantes ou nos cafés e isso tudo faz circular a economia e o negócio e, traz nome para a região. Acho que toda a gente em Portugal conhece os congressos de Vilar que foram muito divulgados pelo padre...”</p> <p><b>- Vantagens para a saúde</b>  <b>E11:</b> Tratamos da saúde, do bem-estar. Ganha Vilar de Perdizes, ganha Montalegre</p> <p><b>- Animação e convivência</b>  <b>E3:</b> “Animação, pessoal, unimo-nos uns com os outros, convivência”</p> <p><b>- Promove a aldeia</b>  <b>E4:</b> “Traz pessoal à aldeia”  <b>E5:</b> “Promove a aldeia”  <b>E6:</b> “Trazem sempre gente, dão a conhecer a aldeia lá fora, promovem a aldeia”  <b>E7:</b> “Dá prestígio à terra”  <b>E8:</b> “São bons para trazer gente para a terra”  <b>E9:</b> “Trazem muitas porque as pessoas em vez de usarem os medicamentos usam a medicina popular”</p>

		<p><b>E10:</b> "...o congresso simplesmente, parece-me a mim, que funciona mais como querer dar a conhecer os produtos locais...dá um bocado a conhecer a aldeia a nível nacional..."</p>
--	--	---

*Tabela 18: Vantagens que os CMP podem trazer para a região*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
O que podem trazer os CMP de prejudicial	- Charlatanismo  - negócio	- Charlatanismo <b>E4:</b> "É mau porque vêm enganar o pessoal" <b>E9:</b> "De prejudicial trazem os tais charlatães que vêm comer o dinheiro, vêm enganar as pessoas, de resto não traz nada contra a natureza, traz coisas naturais e coisas verdadeiras mas também traz coisas falsas. E traz gente à terra. Antes era uma enchente, agora já vem pouca gente." <b>E11:</b> Interior perdeu gente. Congresso já deu certo, agora não dá porque seguiu modas de bruxos..." <b>E14:</b> "É assim, atrás destas coisas tem de haver muito charlatão...mais uma vez, quem está na parte de ciência, vai ver que há muita coisa de espiritualidade e depois tudo se envolve à volta disso, não é?" - negócio <b>E5:</b> "Torna-se mais um negócio do que um congresso" <b>E6:</b> "Torna-se mais um negócio do que um congresso"

*Tabela 19: O que podem trazer os CMP de prejudicial para a região*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
Uso de plantas medicinais para prevenir ou tratar a saúde	<p>- explicações para o uso das plantas</p> <p>- explicações para o não uso das plantas</p>	<p>- explicações para o uso das plantas</p> <p><b>E11:</b> "Uso só os chás, os chás uso e gosto, gosto muito de chá, bebo bastante chá e, normalmente, gosto do chá que a minha mãe apanha..."</p> <p><b>E13:</b> "Sim, todos os dias. Chás utilizo as infusões, por exemplo, se me dói a cabeça utilizo uma, se tenho problemas de estômago ...geralmente para cada tipo de doença utilizo uma planta"</p> <p>- explicações para o não uso das plantas</p> <p><b>E9:</b> "Pois, eu não uso medicamentos, o meu marido usa mas eu não uso."</p> <p><b>E14:</b> "Não, porque prevenir ou tratar a saúde não é com plantas, tudo o que é uma ação preventiva ou um tratamento, é um medicamento..."</p>

*Tabela 20: Uso de plantas medicinais para prevenir ou tratar a saúde*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
<p><b>Uso de Plantas medicinais e de medicamentos convencionais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- eficiência das plantas medicinais</li> <li>- posição intermédia</li> <li>- eficiência dos medicamentos convencionais</li> <li>- motivos para recorrer às plantas medicinais</li> <li>- eficácia das plantas medicinais</li> </ul>	<p><b>- eficiência das plantas medicinais</b></p> <p><b>E7:</b> "A medicina convencional é mista, ela vai buscar coisas aos produtos naturais"</p> <p><b>E10:</b> "Eu acho que há pessoas que, realmente, sabem muito sobre plantas medicinais que têm poderes terapêuticos e devem ser aplicadas por alguém que entende quais os benefícios que têm..."</p> <p><b>E11:</b> "Claro, é isso mesmo, faz sempre, isso não há hipótese. Algum órgão tem que sofrer"</p> <p><b>E12:</b> "Eu acho que são as plantas, porque o medicamento...tu tomas o medicamento mas depois vai dar-te cabo de outras partes do organismo."</p> <p><b>E13:</b> "Penso que algumas podem fazer o mesmo efeito, outras se calhar não fazem logo o efeito que nós pretendemos"</p> <p><b>- motivos para recorrer às plantas medicinais</b></p> <p><b>E4:</b> "Alguns baseiam-se na antiguidade em que não haviam as medicinas que temos agora nas farmácias."</p> <p><b>E5:</b> "Porque se dão bem com as plantas medicinais e com os chás, que já resolveram alguns problemas."</p> <p><b>E6:</b> "Isso tem a ver com a mentalidade. O povo...é complicado, cada um tem a sua mente. É mentalidade antiga."</p> <p><b>E7:</b> "Porque, olhe, já é uma tradição, já a minha mãe me dizia: é chá disto, é chá daquilo..."</p> <p><b>E8:</b> "Porque acreditam que curam e como usam as plantas</p>

		<p>medicinais, com certeza que dão-se bem com elas e continuam a vir (a Vilar de Perdizes), encomendam e vêm buscar as plantas...”</p> <p><b>E10:</b> "Eu acho que o motivo principal deve estar associado aos efeitos secundários dos medicamentos...”</p> <p><b>E11:</b> “A maneira como se encara a doença é espetacular para curar. Precisamos da farmácia, da família, dos amigos, da cozinha mas a arte de curar está em nós mesmos.”</p> <p><b>E12:</b> Não responde</p> <p><b>E13:</b> "Porque penso que as plantas medicinais não têm tantos efeitos secundários, porque os medicamentos podem fazer bem àquela doença que estão direcionados mas podem prejudicar-nos noutros aspetos."</p> <p><b>E14:</b> "É assim, antigamente, obviamente não havia medicamentos nem havia as farmácias que há hoje, há quantos anos a farmácia também vendia mezinhas, no início...”</p> <p><b>-eficácia das plantas medicinais</b></p> <p><b>E5:</b> "As plantas medicinais já resolveram alguns problemas...”</p> <p><b>E7:</b> "Acho que sim, uso muitos chás e já usava antes de o congresso existir"</p> <p><b>E8:</b> “...e a verdade é que com os medicamentos não me passou e com a erva passou-me.”</p> <p><b>E10:</b> “...um farmacêutico sabe devidamente que dose colocar naquele medicamento enquanto que se eu me</p>
--	--	---

		<p>submeter diretamente à planta medicinal, se não tiver os conhecimentos suficientes posso ter uma intoxicação ou posso ter um efeito nocivo.”</p> <p><b>E11:</b> “...se nós ligarmos UTAD, se ligarmos a academia, se ligarmos quem sabe àqueles que durante muitos anos foram transmitindo conhecimentos...”</p> <p><b>E12:</b> “Todas fazem bem...”</p> <p><b>E13:</b> “Penso que sim e eu já comprovei isso, utilizo plantas para determinados problemas de saúde que tenho e sinto-me bem com elas.”</p> <p><b>E14:</b> “Lá está, têm alguma eficácia? Têm...Têm algumas propriedades porque eles acabam por ter substâncias que podem ajudar, só que lá está, não estamos é a controlar a dose”</p> <p><b>- posição intermédia</b></p> <p><b>E8:</b> "Tudo depende, se a gente se habitua mais aos medicamentos do que às ervas medicinais, mas há ervas medicinais que são boas, que tratam mesmo. Uso os dois, medicamentos e plantas medicinais"</p> <p><b>E9:</b> "Depende, se for uma infeção, uma planta não vai curar essa infeção, agora se tens uma ferida, se tens um corte, tens uma planta daquelas que tenho na janela (aloe vera), passas-lhe a aloe vera...”</p> <p><b>- eficiência dos medicamentos convencionais</b></p> <p><b>E1:</b>"Há quem diga que as plantas são melhores que os medicamentos, eu não sei, mas os medicamentos eu tomo, agora desses chás nunca tomei"</p>
--	--	--

		<p><b>E2:</b> "Eu não tomo isso (plantas medicinais), tomo a medicação que me recita o médico"</p> <p><b>E3:</b> "Eu como nunca usei plantas medicinais, acho mais eficazes os medicamentos."</p> <p><b>E4:</b> "Não é a questão, há os que fazem efeito, outros não, mas não tenho costume usar as plantas medicinais."</p> <p><b>E5:</b> "Acho que as plantas medicinais são menos eficazes."</p> <p><b>E6:</b> "Acho que os medicamentos convencionais são mais eficazes."</p> <p><b>E14:</b> "É assim, voltamos ao mesmo...para mim plantas medicinais...uma planta não se pode associar a um produto que tenha uma finalidade de tratamento ou de cura ou de prevenção ou profilaxia, não pode!"</p>
--	--	---

*Tabela 21: Uso de Plantas medicinais e de medicamentos convencionais*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
Os efeitos adversos das plantas medicinais	- justificações para afirmar que as plantas medicinais têm efeitos adversos	<p><b>E1:</b> "As plantas não são testadas, o problema é esse, qualquer planta já dá para chá"</p> <p><b>E4:</b> "têm alguma eficácia mas claro que têm efeitos adversos"</p> <p><b>E8:</b> "Acho que devem ser colhidas por quem percebe."</p> <p><b>E10:</b> "Eu acho que sim, tem o produto ativo benéfico e se não for utilizada devidamente e nas doses adequadas poderá também ter efeitos adversos"</p> <p><b>E11:</b> "Podem aí haver algumas que fazem mal. Não sei ser muito claro, mas por exemplo a flor de carqueja, se o técnico que estuda a planta e estuda os princípios ativos da planta vai dar conta que aquilo é bom para relaxar, os antigos já sabem isso, garantidamente, e aquilo dá certo, só temos é que dar credibilidade..."</p> <p><b>E12:</b> "Ai tenho ali umas na minha horta que fazem mal, a minha filha trouxe para ali umas, não sei de onde as trouxe, têm ouriços, quando são muito grandes têm uns ouriços..."</p> <p><b>E13:</b> "Sim, algumas convém nós vermos os efeitos secundários, por exemplo, o hipericão não se pode tomar junto com os medicamentos antidepressivos porque potencia o efeito do antidepressivo, pode alterar o nosso sistema, por isso, ou se toma uma coisa ou se toma outra, não se pode tomar junto..."</p> <p><b>E14:</b> "Claro que tem, obviamente. O ópio é um produto natural e é uma planta, tudo tem o seu perigo."</p>

*Tabela 22: Os efeitos adversos das plantas medicinais*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
Tipo de doenças tratadas com as plantas medicinais	<p>- Categorização das doenças e das plantas</p> <p>Categorização das doenças e das plantas, com as respetivas unidades de registo seguem nos quadros 9.1 a 9.4</p>	<p>- Categorização das doenças e das plantas</p> <p><b>E5:</b> “Estômago, azia, o chá alivia um bocadinho...”</p> <p><b>E8:</b> Reumatismo, tireóide, enxaquecas</p> <p><b>E10:</b> “Há pessoas que durante muito tempo as utilizam e parece que já sabem a dose certa, até têm alguma eficácia e há montes de doenças associadas às plantas medicinais mas claro deve ser alguém muito cuidadoso e já muito experiente.”</p> <p><b>E14:</b> “A obstipação, sei que tratam muito, problemas urinários também, há sempre um chazinho que faz bem para a indisposição, um chá de cidreira, a camomila, é um bom relaxante, a valeriana que tem os seus efeitos calmantes”</p>

*Tabela 23: Tipo de doenças tratadas com as plantas medicinais*

Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 7)	
Plantas Mediciniais	O que tratam/para que servem?
Malvela	
Ápio	Estômago
Salva	Infeções
Cidreira	Desgasta
Chá de carqueja	
Chá de tília	
Pelicão bravo e manso	Fígado
Eucalipto	Respiração

*Tabela 23.1: Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 7)*

Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 9)		
Plantas Mediciniais	O que tratam/para que servem?	Tratamentos
Eucalipto	Gripe	
Loureiro	Gripe	
Alecrim	Gripe, abafada dos brônquios ou não pode respirar	“Fervo, é uma infusão de alecrim. Estás abafada dos brônquios ou que não podes respirar, ferves um bocado de alecrim numa panela grande, um bocado de eucalipto, qualquer planta que tenha cheiro, ferve-la ali, pões a panela ou um bacio ou o que queiras pôr, pões uma toalha de felpo por cima e apanhas aqueles vapores, alivia-te, alivia os pulmões e a respiração.”
Urtiga	Reumatismo	“...as urtigas apanham-se, lavam-se, com umas luvas se não picas-te, lava-las com as luvas e depois coze-las numa panela à parte sozinhas, a seguir tira-las da água, deixa-las escorrer e tiras-lhe só a folha porque o troço (caule da planta) fica duro. Tens de ter a calda da sopa feita com cenoura, cebola e batata, o que lhe queiras pôr, ao estar a calda pronta, pões as urtigas numa malguinha, não se quer a folha inteira, com uma tesoura cortas a folha para ficar miudinha, é como fazemos em Mourilhe, no hotel do meu irmão, quando fazemos o caldo de urtigas, que é nas sextas-feira 13 e assim. Temos uma terrina de pôr as sopas nas mesas, põem-se um bocadinho daquela urtiga já cozida e picada na terrina, mexe-se e depois as pessoas servem-se nos pratos ou nas tigelas, onde queiram comer”.
Oliveira		
Mariana	Gripe	
Alfazema	Gripe	

Hipericão-do-Gerês	Fígado e intestinos	
Flor de morango	Chás	
Funcho ou erva-doce		
Mil-folhas	Chás	
Urtiga-londrina ou Névoda-dos-Gatos		
Menta	Chás	
Betónica	Rabanadas	
Vivaz	Arranjos de flores	
Figueira-do-diabo		
Lúcia-lima	Chás	
Louro		
Tomilho	Gripe	
Ruda	Chás e inveja	

*Tabela 23.2: Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 9)*

Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 12)		
Plantas Mediciniais	O que tratam/para que servem?	Tratamentos
Néveda ou Branca	Intestinos	
Salga	Sangue, acalma, dormir melhor, arrancar um dente	
Alecrim	Infeções, constipações, tensão, depressão, intestinos, faz mal aos diabetes	“Sim, junto com o mel, mas só assim um bocadinho que ele é muito forte...”
Cidreira	Acalma, para o coração, não deixa dormir	
Hortelã	Para os nervos, acalma, para a sopa alentejana	“...a sopa alentejana, aquela que se faz com um ovo, eu sabia fazer agora é que não me lembro...era um ovo cozido...e a hortelã também é boa para o cozido português...um raminho só, eu trabalhei num restaurante em Lisboa, deitavam-lhe um raminho de hortelã sempre ao cozido, couves e batata e nabo e cenoura, botavam-lhe um raminho que sabia melhor o cozido.”
Hipericão	Estômago e rins	“O hipericão temos comprado...cá também há, mas havia lá para o lado dos Pisões, eu agora já não posso andar, não vou lá buscá-lo, bota uma flor amarela e tem umas folhinhas como um dedo, fininhas, eu até te vou mostrar mas a Ana ( <i>filha</i> ) é que comprou.” depressão, antivírus, ansiedade, tensão, insónias, reumatismo, dores musculares e articulação, vesícula, fígado, rins, menopausa, constipações, herpes...”
Limonete	Digestão, expetoração, congestão, brônquios	Este (o limonete) as folhas podem parecer muito estreitinhas mas se a gente deitar três para uma chávena é o suficiente porque, caso contrário, faz o chá muito forte

		e os chás fortes fazem mal. Estas folhas, têm que ser só três para uma chávena, essas três parece que são muito estreitinhas mas bota-las na água e elas ficam muito largas, como dois dedos.”
Camomila	Acalma	“Eu durmo muito bem com ele...é bom para tudo, eu quando o tomo durmo tão bem! Esta aqui ( <i>mostra no livro</i> ) chamam-lhe a camomila, são flores mas eu não sei se são naturais se não, nunca a apanho...”
Erva Sete-Costelas	Hemorróidas	
Marianas	inflamações nos olhos, úlceras gátricas, problemas digestivos, calos, verrugas,	
Buxo	Cabelo	
Azedas	Para comer, para saladas, sopas, para matar a sede	
Barbas de milho	Para a via da urina , rins e inflamações da bexiga	
Malva	abscessos, afetas, bocas, bronquite, hemorróidas, olhos, tosse, infeções, barriga, intestinos, bexiga, nervos, asma, bronquite, tosse crónica, ouvidos, nariz, garganta, sinozite, constipações, estômago, gastrite, acidez	
Ruda	Quando comida faz mal ao intestino grosso, hemorróidas	“Mas não se pode beber! Mesmo ali avisa no livro, é só para lavagem, se tu tiveres hemorroidas, que estejam com muita infeção...tem que a gente ser lavada com água fria, deixa-la arrefecer depois, a água quente faz mal! Tem que ser mesmo gelada e faz muito bem. Uma vez uma pessoa andava muito mal do intestino, comia aquelas comidas com picante...pensei que ela iria morrer mas diz

		que a médica espanhola lhe disse para não a beber, olha, passou-lhe tudo! “Tem que ser numa bacia onde nos caiba o rabo, depois estamos lá cinco minutos, passa logo...fazes assim duas ou três vezes, passa tudo!”
Ouriços	Diarreia	Sim, mas é quando estão verdes e quando vêm aquelas bolinhas amarelas, de virem os ouriços no castanheiro, parece um morrão aquilo, dizem que faz bem e as pontas das silvas, não sei se são três ou se são sete, dizem que é bom para a diarreia
Oliveira	Tensão alta	“A oliveira também é boa para quando a gente tem a tensão muito alta. Tomas uma chávena ou duas em jejum, sem açúcar, mas não se pode abusar muito, tomas duas vezes por semana, por exemplo, tomas na segunda-feira, estás dois ou três dias sem beber, depois tomas outra e depois páras, tudo seguido pode descer muito e, para subir a tensão baixa, é um copo de água fria com uma colher boa de açúcar mexido e beber.”
Loureiro	Músculos	“E o loureiro é bom para temperar carnes, dizem que é bom para os músculos, lava-se a gente com aquilo na banheira, ferve um pouco de loureiro, eu já fiz mas não senti nada em relação aos músculos, mas é bom para os comeres.”
Figueiras-do-Diabo ou Xuta-Diabo		
Sete-Costelas		
Alho	Constipação, faz mal à vesícula	
Cebola	Sangue	

Flor de giesta branca	Diabetes, gota, reumatismo, hemorróidas, retenção da urina, colesterol, coração em ritmo acelerado	
Flor de carqueja	Constipação, faz dormir bem	
Saca-Peidos	abscessos, asma, bronquite, cólicas, frieiras, hemorroidas, rouquidão, sono, tosse, epilepsia	
Pojo		
Salsa	Sangue	
Tomilho	Para cozinhar	
Urze	Gota	
Silva	Diarreia	
Aloe Vera	Picada de mosca ou mosquito. Aloe Vera com gema de ovo = pele mais bonita	
Arnica=Mercúrio	Borbulhas	
Casca de noz verde= betadine	Feridas	
Folha noqueira	Desinchar	

*Tabela 23.3: Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 12)*

<b>Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 13)</b>	
<b>Plantas medicinais</b>	<b>O que tratam/para que servem?</b>
Barbas de milho	Infeções urinárias
Camomila	Calmanete, insónias
Carqueja	Estados gripais, colesterol, diabetes, tensão alta
Urtiga	Próstata, anemia, circulação sanguínea

*Tabela 23.4: Plantas medicinais, o que tratam, quais os tratamentos (entrevista 13)*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
Confiança na eficácia dos produtos naturais comprados em farmácias, lojas e/ou supermercados	<p>- razões por confiar</p> <p>- razões por desconfiar</p>	<p><b>E2:</b> "Há os que podem fazer bem e há os que não fazem bem a 100%"</p> <p><b>E3:</b> "Há os que sim, outros não, 100% não porque há medicamentos que não fazem logo bem, não é? Há outros que é logo."</p> <p><b>E4:</b> "Às vezes são eficazes, outras vezes não."</p> <p><b>E6:</b> "Eu não compro, não sei se são certificados ou não. Compro medicamentos sintéticos e de marcas, naturais não compro nenhum."</p> <p><b>E7:</b> "Não tenho por hábito comprar, na farmácia, produtos naturais."</p> <p><b>E8:</b> "Já comprei produtos naturais nas farmácias, agora se são 100% eficazes não sei."</p> <p><b>E9:</b> "Não, só uso produtos de casa."</p> <p><b>E10:</b> "Não, se estão à venda em farmácias eu acho que devem ser eficazes, eu acho que sim, no entanto, um produto que diz 100% natural poderá ter algo de errado, não ser 100% eficaz, não é?"</p> <p><b>E14:</b> "É assim, os que vão para a farmácia, acho que a DGAV controla-os, também, muitas das vezes, veem-se retirados do mercado, agora em termos de eficácia depende daquilo para que a pessoa comprou o produto, há pessoas que para elas é impensável recorrer a uma planta, a um curandeiro..."</p>

*Tabela 24: Confiança na eficácia dos produtos naturais comprados em farmácias, lojas e/ou supermercados*

<p>Recurso à assistência de profissionais que trabalham com plantas medicinais, como é o caso de curandeiros, herbolários...</p>	<p>- razões por recorrer a estes profissionais</p> <p>- razões por não recorrer a estes profissionais</p> <p>Esta parte vai especificada no quadro a seguir que relata experiências com os curandeiros por parte de alguns entrevistados.</p>	<p><b>- razões por recorrer a estes profissionais</b></p> <p><b>E3:</b> "Já fui a um curandeiro à Vila da Ponte, agora acho que o sobrinho é que ficou com essa profissão (endireita). O Pinto percebia do que fazia, torci o pé, fui lá, ficou logo direito! Recorro a eles porque acredito que podem curar"</p> <p><b>E8:</b> "Já, recorri porque tinha uma dor ciática, isto nunca passa. Fui aqui no congresso a um curandeiro e fiquei satisfeita porque aliviou a dor, a dor vem sempre mas a pomada que ele me deu diminui a dor"</p> <p><b>E12:</b> "A um endireita já, desmanchei os pés, já há muito que não me acontece isto e agora também já não há, era o tio Pinto da Vila da Ponte."</p> <p><b>- razões por não recorrer a estes profissionais</b></p> <p><b>E7:</b> "Não, não, não, nem acredito, sou muito cética em relação a isso, não acredito em nada disso."</p> <p><b>E9:</b> "Não, só foi o meu marido ao endireita lá em Vilar, mas eu nunca. Não, não acredito, eles é só para comer dinheiro."</p> <p><b>E10:</b> "Não, nunca. Na realidade não acredito mesmo e se calhar muita gente que recorre a estas pessoas é porque realmente a medicina convencional não lhes deu resposta ou às vezes por uma questão de fé. O misticismo que envolve estas terapêuticas atrai as pessoas."</p>
--	---	---

*Tabela 25: Recurso à assistência de profissionais que trabalham com plantas medicinais*

Histórias acerca de curandeiros ou endireitas ou charlatães			
Entrevista 3 (o que fez curandeiro?)	Entrevista 9 (o que fez o charlatão?)	Entrevista 11 (o que fez o curandeiro?)	Entrevista 12 (o que fez o endireita?)
<p><b>Entrevistado:</b> "Já fui a um curandeiro à Vila da Ponte." <b>Outra pessoa:</b> "Antigamente na Vila da Ponte havia lá um endireita, a mim arranhou-me este braço duas vezes e ficou bem!"</p>	<p>"Vou-te contar uma história dos charlatães, passada em Friães, na tua aldeia...Então a história de Friães que te vou contar é esta: Havia um homem em Meixedo que ainda era da nossa família e dizia que tinha o diabo com ele, que tinha isto que tinha aquilo e havia um charlatão qualquer que andava pelas aldeias. O meu parente disse-me que tinha de ir lá com ele a esse bruxo para deitar o que tinha fora, lá foi ele. Então, ele e outro amigo do meu pai foram para um tapado entre Friães e os Pisões e o charlatão começou a gritar "Sai daí, deixa fulano...", e isto e aquilo, tornava a dizer, lá estava mais um bocado, a fazer mais umas cruces, a fazer umas rezas e o meu pai e o tal amigo a espreitarem do outro lado, eles riam-se e estavam a ouvir a história. Quando acabou a reza vieram para a taberna. O meu pai chegou à taberna e disse: "bota aí um cortilho a fulano" para pagar um copo ao charlatão e este pergunta: "porque me estás a pagar?" e o meu pai: "olha, é pelo</p>	<p>"Recorri a um endireita várias vezes, no seminário nós iamos a um endireita ali perto, não sei se era porque os padres não queriam passar muito tempo connosco nos hospitais porque aquilo demorava sempre muito tempo, se era porque acreditavam mesmo mas a verdade é que depois eu também já lá fui por causa de jogar à bola. Os osteopatas já vieram cá muitas vezes a Vilar de Perdizes que são quase os endireitas dos tempos modernos, doem-me as minhas costas vou ali ao osteopata, eles fazem a massagem, que não é bem uma massagem, é um tratamento e a pessoa vem de lá boa."</p>	<p>"Eu é uma miséria, partia quase tudo, agora já há muito que não. Desta perna estive nove meses sem andar, quer dizer, não era da perna, foi o calcário do calcanhar e depois eu tinha que ser operada mas eu não queria...depois, graças a Deus, sarei bem! Tive de ir para a fisioterapia para Chaves durante três meses, eu deixei de andar aquele tempo todo e depois não sabia andar, caía em todo o sítio. Uma pessoa uma vez disse-me, olha que há uma mulher na Moinha que é muito boa, que dá coisas de chás para a infeção quando se partem as pernas ou para os pés e até estava lá muita gente. Ela lá me esteve a consultar e disse-me para não me deixar ser operada porque depois podia ficar com o calcanhar mais curto e manca (...) a mim disse-me que fervesse bastantes urtigas numa panela,</p>

	<p>trabalho que fizeste, isto é um ganha-pão como outro qualquer”. Eles viram que ele não lhe esteve a fazer nada ao homem, só andou com as rezas dele e eles estavam a espreitar, o charlatão admitiu que era um modo de vida. É essa a história dos charlatães porque uns são falsos e outros são verdadeiros.”</p>		<p>depois meter o pé naquela água morna e meter as urtigas por cima do local onde está partido que vai aquele líquido lá para dentro. E a senhora da Moinha disse à outra senhora que mesmo que vá ao hospital que continue com o banho das urtigas à noite, porque sara num instante, sai-lhe a infeção por dentro.”</p>
--	---	--	---

*Tabela 25.1: Histórias acerca de curandeiros ou endireitas ou charlatães*

CATEGORIAS TEMÁTICAS	SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS	UNIDADES DE REGISTO
<p><b>Conhecimento de pessoas que a eles recorrem</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Refere alguém que já recorreu a esses profissionais de saúde</li>   <li>- Não acredita nesses profissionais de saúde</li>   <li>- Acredita nesses profissionais de saúde</li>   <li>- Gente de Vilar de Perdizes recorre a esses profissionais de saúde</li>   <li>- Não conhece ninguém que tenha recorrido</li>   <li>Esta parte vai especificada no quadro a seguir que relata experiências com os curandeiros por parte de alguns entrevistados.</li> </ul>	<p><b>E1:</b> “O meu irmão tem lá ido. Aliás, ia de princípio quando vinham para aí, mas depois nunca mais foi lá. Diziam que curavam mas as pomadas não curavam nada. Há pessoas que acreditam em tudo, eu não acredito em nada!”</p> <p><b>E2:</b> “Vêm para aqui muitos (curandeiros). Não recorro a curandeiros porque não acredito.</p> <p><b>E3:</b> “Por acaso cheguei a levar umas pessoas mas longe daqui. Fui a um que havia na Espanha e outra que havia ali para os lados de Chaves, na serra, não sei se é Moinhas ou coisa parecida, havia para lá uma curandeira, mas já foi há anos, há 30 ou 40 anos, essa gente (curandeiro) se calhar já nem existe.”</p> <p><b>E4:</b> (Mencionou um cliente que já recorreu a um curandeiro).</p> <p><b>E5:</b> “Conheço pessoas que recorreram a curandeiros.”</p> <p><b>E6:</b> “Há muita gente que recorre a essa gente (curandeiros, herbolários, endireitas...).” “De Vilar de Perdizes não, vêm de fora. Vêm cá a Vilar de Perdizes procurar essa gente.”</p> <p><b>E7:</b> “Há pessoas, não é? Não lhe posso dizer especificamente a ou b mas a gente ouve falar as pessoas e há aqueles que acreditam piemente nisso. Se as pessoas não prejudicarem ninguém e acreditarem, o poder da mente tem muita força. Mas eu não, não acredito em nada disso, nem em bruxarias, não acredito.”</p>

		<p><b>E8:</b> “Sim, conheço algumas pessoas, principalmente endireitas, quando há algum problema...”</p> <p><b>E9:</b> “Conheço, conheço pessoas, uma prima minha matou-se à conta de um charlatão.”</p> <p><b>E10:</b> “Sim, montes de pessoas lá na aldeia e principalmente quando o congresso foi fundado.”</p> <p><b>E12:</b> “Não, não sei, a gente não conversa com as pessoas sobre isso. Nunca falaram, nunca disseram nada, às vezes podem ir mas não contam estas coisas à gente.”</p> <p><b>E13:</b> “Sim, conheço algumas pessoas, principalmente endireitas, quando há algum problema...”</p> <p><b>E14:</b> “Sim, há muitas pessoas que recorrem a curandeiros, isso há, infelizmente há, e sei de um caso que o curandeiro mandou-lhe retirar os medicamentos todos e a pessoa foi internada, isto não poder ser assim! Uma pessoa com problemas psicológicos a tomar uma medicação forte e fizeram-lhe uma coisa dessas, mas pronto, cada um faz o que quer.”</p>
--	--	---

*Tabela 26: Conhecimento de pessoas que recorrem a profissionais que trabalham com plantas medicinais*

Conhece pessoas que a eles recorrem (histórias acerca de curandeiros ou endireitas ou charlatães)			
Entrevista 9 (Falta de eficácia por parte dos charlatães)	Entrevista 10 (Recorrem a estes profissionais de saúde porque a medicina convencional não deu resposta)	Entrevista 13 (Eficácia dos profissionais de saúde)	Entrevista 14 (Falta de eficácia por parte dos charlatães)
<p>“Conheço, conheço pessoas, uma prima minha matou-se à conta de um charlatão.” “A garota gritava dia e noite, dia e noite e vinha um da segurança social de Vila Real aqui a minha casa, isto há 40 e tal anos, e ele diz que conhecia lá um homem que percebia disso, então agarrei, meti-me na camioneta e fui até Vila Real com a prima lá ao endireita e conforme lhe viu a liga no braço diz: “quem foi que lhe pôs a liga no braço?” e a minha prima respondeu “Foi o doutor ontem.” E diz o endireita: “ele não é doutor, ele é burro! Dê cá a menina!” Conforme agarrou a garota só lhe deu um jeito ao braço, pronto...deu-lhe aquele jeitinho e ficou. Então, nos endireitas acredito mas nos charlatães não, só sabem dizer “fulano está metido em mim...”, não isso não acredito!”</p>	<p>"Quando surgiu o congresso eu lembro-me que as pessoas que assistiam aos primeiros congressos eram entre curandeiros, bruxos, os cartomantes, havia montes de gente ligada a estas terapêuticas, ao misticismo, ao oculto e havia gente de todo o país que vinha ao congresso para precisamente ser atendido por estas pessoas. Muitas delas com filhos que não conseguiram ser curados na medicina convencional ou por qualquer motivo, uma questão de fé, eles faziam de tudo para obter uma resposta, era mais uma esperança para ver os filhos ou familiares curados."</p>	<p>“Conheci uma pessoa que teve um entorce no pescoço e foi a um endireita e diz que ficou bem. Há outras pessoas que vão aos homeopatas e osteopatas dizem que com as massagens que fazem e com os tratamentos que ficam bem, sentem-se bem. Eu pessoalmente nunca fui, para dizer a verdade.”</p>	<p>Assim sendo, quem faz também tem que mostrar que sabe aquilo que está a fazer, muitas das vezes até fazem aquilo por dinheiro, infelizmente é um negócio e há pessoas que têm a capacidade de dar a volta a outras, acreditam, muitas vezes, no que a outra pessoa está a dizer sem a conhecer de lado nenhum e não é difícil, principalmente, as pessoas de idade. É como os vendedores de porta-a-porta, em que as pessoas compram coisas que nem precisam, a maneira como eles abordam as pessoas, fazem-nas crer que precisam daquilo e elas acreditam que sim, que precisam e depois caem na realidade de que não precisavam nada! Dirigem-se às pessoas menos informadas, isoladas, de mais</p>

			idade, mais carentiadas, que são enganadas...”
--	--	--	--

*Tabela 26.1: Histórias acerca de pessoas que recorrem a curandeiros ou endireitas ou charlatões*

Anexo III

Tabelas dos Jornais “Notícias de Barroso”

	Título da Notícia	Subtítulo da Notícia	Autor da Notícia
	<b>Congresso de Medicina Popular em Vilar de Perdizes</b>	<b>Subtítulo com data do CMP</b>	
Jornal 1 set/83	Último Congresso de Medicina Popular teve nota máxima		António Lourenço Fontes
Jornal 2 mai/84	Conclusões do Encontro Luso-Galaico de Arquitetura Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 3 set/85	Médico fixa-se em Vilar de Perdizes		António Lourenço Fontes
Jornal 4 set/86	Conclusões do III Congresso de Medicina Popular	4-7/Set./86 Vilar de Perdizes	António Lourenço Fontes
Jornal 5 set/86	Vilar de Perdizes	Um Padre entre as Bruxas num Templo ao Deus Larouco	António Lourenço Fontes
Jornal 6 set/87	A Fraternidade Grão de Trigo em Vilar de Perdizes		Maria Cesleste, Antónia Celeste, Mário
Jornal 7 set/88	IV Congresso de Medicina Popular em Vilar de Perdizes/Montalegre		Elvira Lobo
Jornal 8 out/88	Ecos da Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 9 out/89	Donde vem o poder de curar	Mundo mágico e científico	Dr.L. Palanah
Jornal 12 set/92	Congresso de Medicina Popular Vilar de Perdizes Montalegre		António Lourenço Fontes
Jornal 13 set/92	Medicina Popular deu que falar	Alguns títulos e recados da imprensa	António Lourenço Fontes
Jornal 14 set/93	Medicina Popular em Vilar de Perdizes		António Lourenço Fontes
Jornal 15 set/93	Vilar de Perdizes	7º Congresso de Medicina Popular 93	António Lourenço Fontes
Jornal 16 set/94	Trás-os-Montes e Galiza descobrem-se desde Vilar de Perdizes		António Lourenço Fontes
Jornal 17 set/94	O Congresso de todas as virtudes		António Lourenço Fontes

Jornal 18 set/94	Algumas conclusões do 8º Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 19 set/95	9º Congresso de Medicina Popular	Vilar de Perdizes 31/8 a 3/9/95	António Lourenço Fontes
Jornal 20 out/95	Conclusões do 9º Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 21 out/95	Como foi o 9º Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 22 set/96	Temas do 10º Congresso de Medicina Popular	Vilar de Perdizes/ 5 a 8 de Setembro de 1996	António Lourenço Fontes
Jornal 23 out/96	Alguns títulos da Imprensa sobre o 10º Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 24 set/97	O que são os Congressos de Medicina Popular?		António Lourenço Fontes
Jornal 25 out/97	Sugestões ao Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 26 set/98	12º Congresso de Medicina Popular	Vilar de Perdizes 3 a 6 de Setembro de 1998	António Lourenço Fontes
Jornal 27 nov/99	Vilar de Perdizes	Uma visão sobre o 13º Congresso de Medicina Popular	Paula Cristina Silva
Jornal 28 set/00	XIV Congresso de Medicina Popular	Programa de 31-08 a 3-09-2000	António Lourenço Fontes
Jornal 29 out/00	Rescaldo do XIV Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 30 ago/01	XV Congresso de Medicina Popular	Vilar de Perdizes 30 de Agosto a 2 de Setembro 2001	António Lourenço Fontes
Jornal 31 set/02	Conclusões do XVI Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 32 set/03	Ecoss da medicina popular Vilar de Perdizes oferece busto ao Pe Fontes	Críticas ao Congresso de MP	Santos Almeida
Jornal 33 set/04	Mais um Congresso de sucesso		António Lourenço Fontes
Jornal 34 set/05	Programa do XIX Congresso de Medicina Popular	1 a 4 de Setembro de 2015	António Lourenço Fontes
Jornal 35 set/06	Vilar de Perdizes		António Lourenço Fontes
Jornal 36 set/07	O XXI Congresso de Medicina Popular		Carvalho de Moura

Jornal 37 ago/08	XXII Congresso e Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 38 ago/09	XXIII Congresso de Medicina Popular		António Lourenço Fontes
Jornal 39 set/10	Vilar de Perdizes	Congresso de Medicina Popular	António Lourenço Fontes
Jornal 40 set/11	XXV Congresso de Medicina Popular	Medalha das Bodas de Prata; Cancioneiro Ancestral Barrosão; Exposição sobre as edições do Congresso	António Lourenço Fontes
Jornal 41 set/12	XXVI Congresso de Medicina Popular	Realizado em Vilar de Perdizes	Bento da Cruz
Jornal 42 set/13	Vilar de Perdizes oferece busto ao Pe Fontes		António Lourenço Fontes
Jornal 43 set/14	O 28º congresso de bruxas, na <universidade de Verão> em Vilar de Perdizes		Barroso da Fonte
Jornal 44 set/15	Último Congresso de Medicina Popular teve nota máxima		Barroso da Fonte
Jornal 45 set/16	Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes		Carvalho de Moura
Jornal 46 Set/17	XXI Congresso de Vilar de Perdizes		Nuno Moura

*Tabela 27: Título, subtítulo e autor da notícia*

	Localização da Notícia	Espaço que ocupa	Descrição da imagem
Jornal 1 set/83	Página 4	Página secundária	
Jornal 2 mai/84	Página 1 e 2	Página principal e secundária	
Jornal 3 set/85	Página 4	Página secundária	
Jornal 4 set/86	Página 1 e 4	Página principal e secundária	Logótipo da Associação Cultural de Vilar de Perdizes
Jornal 5 set/86	Página 1 e 4	Página principal e secundária	
Jornal 6 set/87	Página 4	Página secundária	
Jornal 7 set/88	Página 2	Página secundária	
Jornal 8 out/88	Página 4	Página secundária	
Jornal 9 out/89	Página 3	Página secundária	Imagem de alguns palestrantes do Congresso de Medicina Popular. Atrás um cartaz a dizer "Congresso Luso Galaico - Medicina Popular"
Jornal 12 set/92	Página 1	Página principal	Mulheres com vassouras levantadas
Jornal 13 set/92	Página 4	Página secundária	Homens à volta da queimada
Jornal 14 set/93	Página 1	Página principal	Conjunto de pessoas no CMP a observar plantas medicinais
Jornal 15 set/93	Página 4	Página secundária	Programa do CMP
Jornal 16 set/94	Página 1	Página principal	
Jornal 17 set/94	Página 1 e 3	Página principal e secundária	
Jornal 18 set/94	Página 1	Página principal	
Jornal 19 set/95	Página 4	Página secundária	Programa do 9º CMP
Jornal 20 out/95	Página 1	Página principal	O pranto e o riso-uma mulher a chorar e outra a rir

Jornal 21 out/95	Página 1 e 4	Página principal e secundária	Vidente deita as cartas da sorte a jovens
Jornal 22 set/96	Página 4	Página secundária	Programa do 10º CMP
Jornal 23 out/96	Página 1	Página principal	
Jornal 24 set/97	Página 1 e 4	Página principal e secundária	
Jornal 25 out/97	Página 1 e 2	Página principal e secundária	Três homens e uma mulher no palco do CMP e com um cartaz atrás a dizer: "Congresso Luso Galaico - Medicina Popular" Descrição da imagem no jornal "(O 1º Congresso Medicina Popular 1983 - Dra.Berta, Pe Fontes, Barroso da Fonte, Presidente da Junta)"
Jornal 26 set/98	Página 1	Página principal	Programa do 12º CMP
Jornal 27 nov/99	Página 1	Página principal	
Jornal 28 set/00	Página 4	Página secundária	Programa do 14º CMP
Jornal 29 out/00	Página 1	Página principal	
Jornal 30 ago/01	Página 1	Página principal	
Jornal 31 set/02	Página 4	Página secundária	
Jornal 32 set/03	Página 3	Página secundária	
Jornal 33 set/04	Página 2	Página secundária	
Jornal 34 set/05	Página 1	Página principal	Programa do 19 CMP de Vilar de Perdizes
Jornal 35 set/06	Página 1	Página principal	Dois homens a contracenar no teatro que faz parte das atividades do CMP
Jornal 36 set/07	Página 3	Página secundária	
Jornal 37 ago/08	Página 4	Página secundária	Programa do XXII CMP
Jornal 38	Página 4	Página secundária	Programa do XXIII CMP

ago/09			
Jornal 39 set/10	Página 5	Página secundária	Palestra com diversos participantes, atrás um cartaz a dizer: "Medicina Popular - Vilar de Perdizes
Jornal 40 set/11	Página 2	Página secundária	Imagem 1: Plateia a assistir ao CMP; Imagem 2: Padre Fontes com a medalha de prata na mão; Imagem 3: Senhora a comprar algo na feira do CMP; Imagem 4: Fotografia do espaço exterior do CMP, onde se compram e vendem produtos; Imagem 5: Padre Fontes a discursar no CMP acompanhados de duas pessoas (homem e mulher)
Jornal 41 set/12	Página 8	Página secundária	Imagem 1: "Um olhar pelo XXVI Congresso de Medicina Popular". Imagem 2: "Padre Fontes continua a movimentar multidões com o Congresso de Medicina Popular"
Jornal 42 set/13	Página 3	Página secundária	Imagem do Padre Fontes ao lado do busto que lhe foi oferecido; imagens do CMP
Jornal 43 set/14	Página 8	Página secundária	
Jornal 44 set/15	Página 3	Página secundária	
Jornal 45 set/16	Página 3	Página secundária	
Jornal 46 Set/17	Página 7	Página secundária	Imagem 1: Plateia a assistir ao XXI Congresso de Medicina Popular; imagem 2: Pe Fontes a discursar; imagem 3: Divulgação dos artigos expostos na

			feira do Congresso; imagem 4: oradores do Congresso a falar; imagem 5: exposição de plantas medicinais para amostra e venda
--	--	--	---

*Tabela 28: Localização da notícia, espaço que a notícia ocupa, descrição da imagem*

<b>Quem? Personagens da Notícia</b>		
	<b>Padre Fontes, Curandeiros e Terapeutas Populares</b>	<b>Participantes do CMP</b>
Jornal 1 set/83	O Diretor do NB (António Lourenço Fontes)	
Jornal 2 mai/84		colmadores, pedreiros e carpinteiros
Jornal 3 set/85	"...mais de uma dúzia de médicos. Dr.Mário Almeida	
Jornal 4 set/86	práticos da MP, profissionais de saúde	
Jornal 5 set/86	Pe António Fontes, naturopatas, mentalistas, curiosos, endireitas, nutricionistas e sacerdotes, peritos de ervas e exorcistas, "médiuns" e arqueólogos, psicólogos e antropólogos, médicos e toda a casta de estudiosos e curandeiros, Pe António fontes	
Jornal 6 set/87	Pe Manuel de Oliveira, Pe António Fontes	
Jornal 7 set/88		"Reuniu gente diversa: uns com formação académica ligada aos vários graus do saber, a par de outros cujos conhecimentos não foram adquiridos em nenhuma escola mas transmitidos por via oral e acumulados por uma prática de longos anos.
Jornal 8 out/88		"Os jovens OTJ e ATD do Centro Paroquial quase não dormiram para apoiarem e ajudarem os congressistas nas fotocópias, nos passeios, nos serviços de refeições e sobretudo nos alojamentos. "
Jornal 9 out/89	praticantes de medicina popular, agentes da medicina tradicional, médicos, curandeiros e endireitas.	
Jornal 12 set/92	endireitas, práticos de saúde infantil, da saúde de pessoas e animais	
Jornal 13		Jornais nacionais

set/92		
Jornal 14 set/93	Médico, psiquiatra, videntes, mediuns, curandeiros, exorcistas leigos, antropólogos, sociólogos, padres, mentores mais próximos do povo	
Jornal 15 set/93	Curandeiros e curadores, metaloterapeutas, manoterapeutas, naturólogos	
Jornal 16 set/94	Padre António Fontes	
Jornal 17 set/94	Padre António Fontes	
Jornal 18 set/94	Curandeiros, estudiosos do aproveitamento natural da flora medicinal, naturólogos, médicos, psicólogos, professores, sacerdotes.	
Jornal 19 set/95	Congressistas, endireitas, sociólogos, terapeutas de cristais, médicos holísticos, estudantes investigadores, curandeiros.	
Jornal 20 out/95		Povo Barrosão
Jornal 21 out/95	Médico, antropólogo, psicóloga e outros de áreas da medicina natural, curandeiros, endireitas e massagistas	
Jornal 22 set/96	congressistas, sociólogos botânicos, massagistas, curandeiros, videntes.	
Jornal 23 out/96	"Os velhos curandeiros têm um papel importante nas comunidades rurais."	
Jornal 24 set/97	Padres, psicólogos, etnólogos, endireitas, curandeiros, antropólogos, sociólogos, naturalistas, videntes, engenheiros, médicos, portugueses e galegos.	Pessoas de diferentes categorias sociais.
Jornal 25 out/97	Curandeiros	Participantes do CMP, A <sup>o</sup> Carmim S. Neves (Coimbra), José Figueira (Porto), A <sup>o</sup> Carvalho (Almada), M <sup>a</sup> F <sup>a</sup> Braz (Lisboa), J.G. Costa (Porto).

Jornal 26 set/98	etnógrafos, curandeiros.	ervanários,	
Jornal 27 nov/99			Pessoas de todas as idades, de diferentes níveis de cultura, de todas as condições sociais
Jornal 28 set/00	endireitas e especialistas em Medicina Popular		
Jornal 29 out/00			3 mil portugueses de todos os cantos do mundo, e de todas as áreas, idades e gostos.
Jornal 30 ago/01	Terapeutas palestrantes	populares,	
Jornal 31 set/02			"...avalanche de gente das mais variadas áreas do saber e das várias regiões do país..."
Jornal 32 set/03			milhões de portugueses
Jornal 33 set/04			CMP e Vilar de Perdizes
Jornal 34 set/05			Senhor Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, Padre António Fontes, João Sanches,
Jornal 35 set/06			Gente vinda de todo o lado
Jornal 36 set/07			Participantes do CMP
Jornal 37 ago/08	Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, Fernando Rodrigues; Telma Teixeira; Maria Escaleira; Helena Costa; Jorge Lage; Paula Alexandra Gonçalves; Inês Manso; Fernando Correia; João Gonçalves da Costa; Anabela Moura; Mestre Alves; Ernesto Marques; Eduardo Garcia; João Sanches; Manuel Augusto Pinho; Garruncho Martins;		
Jornal 39 set/10	Vendedores de chás medicinais, videntes, especialistas em Tarot, búzios, hipnose, baralho cigano, defumos...São quase 40 os expositores qu este ano vão estar presentes no Congresso de	exorcistas,	

	Medicina Popular de Vilar de Perdizes."	
Jornal 41 set/12	Padre Fontes	"Já na 26ª edição, o certame continuou a manter a credibilidade e apesar da crise, ainda veio muita gente." "No que diz respeito às palestras, "a qualidade foi mantida a alto nível e foram muitos os oradores inscritos."
Jornal 42 set/13	Pe Lourenço Fontes	
Jornal 43 set/14	Representantes das mais exóticas áreas do oculto, do psiquismo, do paganismo, e da parapsicologia	
Jornal 44 set/15	Padre Fontes, Padre António Joaquim e Deolinda Silva	
Jornal 45 set/16		congressistas, Graça Martins, Dra Maria da Graça Campos, Dr Manuel Ramos, Pedro Hispano, misto de investigadores, especialistas de medicinas alternativas e doenças da mente, alguns agentes da organização
Jornal 46 Set/17	padre Fontes	

*Tabela 29: Quem? Personagens da Notícia*

Resumo			
	Objetivos do CMP	Número de pessoas presentes no CMP	Críticas nos jornais
Jornal 12 set/92	O reconhecimento dos valores populares para um mundo saturado de químicos e fármacos. Legar às gerações mais novas conhecimentos e práticas na área da saúde local e aos novos médicos e paramédicos o saber e cultura popular para melhor diagnóstico e terapias. A recolha e amostra de plantas medicinais locais e do mundo, a sua divulgação mundial, para restabelecer o equilíbrio ecológico, gastronómico e psíquico.		Crítica aos cientistas por falta de diálogo
Jornal 14 set/93	Ideia base é a busca da saúde para todos, com qualidade, variedade e humanização.		
Jornal 17 set/94			crítica aos opositores do Padre Fontes e dos CMP
Jornal 18 set/94	Os CMP têm como objetivo: "...prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade humana"	Participação de centenas de pessoas e de estudiosos qualificados	
Jornal 20 out/95	Defender que não há concorrência entre a medicina popular e a medicina científica	No 9º CMP, os médicos estavam em equilíbrio com o número de curandeiros	Crítica às autoridades que pretendem abafar a voz de pessoas competentes e do povo. Crítica ao SNS que apresenta a classe médica toda poderosa, como única solução imposta
Jornal 21 out/95		"O salão das conferências esteve sempre abarrotado e gente à porta..." "...mais de 500 pessoas a ouvir"	crítica à organização
Jornal 27 nov/99		Pessoas que visitam o CMP são multiculturais e multifacetadas	

Jornal 29 out/00		"Outros 50% são amigos certos que forçam a abertura destas portas todos os anos, ficam nas mesmas casas, participam na vida da aldeia, e já se sentem cidadãos de Barroso, em Vilar de Perdizes"	
Jornal 31 Set/02		aumenta a cada ano a presença de curandeiros de ossos e osteopatas	
Jornal 32 set/03	Ouvi-los, recebê-los, manter vivas as expectativas, proporcionar-lhes este encontro, tão controverso, com um povo diferente, com todo o seu envolvente é a meta deste congresso popular	os muitos milhões de portugueses	Críticas ao Congresso de MP
Jornal 33 set/04		Deu-se um boom no número de pessoas a visitar VP (25000).	
Jornal 35 set/06		Menciona-se que foi muita gente ao Congresso	
Jornal 42 set/13		XVII CMP teve menos gente	
Jornal 43 Set/2014			Críticas ao mau tempo e ao desinteresse dos canais generalistas de TV
Jornal 45 set/16		"Em jeito de balanço será de referir que o Congresso está a perder gente, talvez devido ao facto de pouco ou nada se ter alterado em relação às realizações dos primeiros tempos da sua realização."	"Viu-se vontade e dedicação da parte de alguns agentes da organização e a aposta terá de ser continuada com incidência noutras áreas como, por exemplo, no artesanato"
Jornal 46 Set/17	"Foi com o objetivo de mostrar a virtude terapêutica das ervas que nasceu esta reunião pelas mãos do Padre Fontes, a que se associou o mundo do oculto"		

*Tabela 30: Resumo da notícia (Objetivos do CMP, número de pessoas presentes, críticas nos jornais)*

Resumo			
	Aspetos a melhorar no CMP	Aspetos positivos e virtuosos do CMP	Apresentação de livros
Jornal 1 set/83		"A dinâmica organização não era a Câmara e muito bem. Foram jovens a quem a Câmara deu o seu apoio e a Câmara ficou livre para o seu serviço."	
Jornal 3 set/85	Outras aldeias só tinham acesso a médicos ocasionalmente, aldeias essas como Ferral, Covelães, Cabril, Touré, Viade e Pisões. Vários médicos passaram por Vilar de Perdizes mas não se fixaram	Em 1985 foram muitos os médicos que visitaram Vilar de Perdizes e noutras aldeias como Salto e Venda Nova. Um médico fixou-se em VP e prestou serviço a Salta e Venda Nova: " O dr.Mário Almeida diz que veio para ficar e cá está a contento seu e dos povos que vai servindo"	
Jornal 8 out/88	"Então fazem falta medidas de emergência para atalhar em força a estes males do ser humano e não limitar-mo-nos a cruzar os braços, empurrando os problemas para os outros ou para o abismo do desespero de quem não encontra na sociedade o apoio a que tem direito. Cabe este barrete a todos nós. Mas em primeiro aos que se dizem médicos da família, mas dos problemas da saúde nem sempre curam. Cabe aos párcos das famílias, mas nestas encruzilhadas nem sempre se querem meter, cabe à Segurança Social, às assistentes sociais que é como se não existam"	"Mas nem tudo são sombras. Felizmente que o tema e a preocupação aumentam de interesse nacional e mundial. Fala-se em lhe dar mais espaço nas carreiras médicas. São autárquicas, associações culturais, escolas de enfermagem, universidades a quererem a medicina e a sabedoria popular mais alta e divulgada. Não temos mãos a medir para responder às inúmeras solicitações neste campo."	
Jornal 14 set/93	Temas ainda têm algo de proibido, escondido,		

	camuflado, incómodo, inconveniente		
<b>Jornal 17 set/94</b>	amadorismo da organização (são horas de fazer as coisas com um pouco mais de profissionalismo)	- Virtuoso para os menores que seduzidos pela curiosidade de conhecer V.Perdizes ou o seu reverendo pastor se deixaram enlevar no amadorismo da organização (são horas de fazer as coisas com um pouco mais de profissionalismo) e se embrenharam nas maravilhas deste Barroso desconhecido cada vez mais alvo da procura do turista, interessado na descoberta dos seus valores culturais, sociais e paisagísticos - Virtuoso para os incrédulos e contestatários que ficaram a saber que o Congresso de V.P. está para durar e qualquer postura de afrontamento tem o efeito da sua promoção. - Virtuoso ainda enquanto tábua de salvação dos maldizentes que social e politicamente moribundos dele se servem para emergir da penumbra em que orbitam e de que dificilmente conseguirão sair	
<b>Jornal 18 set/94</b>		1."...participação de centenas de pessoas interessadas e em que se incluiu a participação ativa e qualificada de congressistas, nomeadamente curandeiros, estudiosos do aproveitamento natural da flora medicinal,	

		<p>naturólogos, médicos, psicólogos, professores, sacerdotes, etc. 2. "Ficou provado que o interesse pela medicina popular se mantém com uma natural evolução e que a troca de saberes, entre os seus práticos, os médicos, os naturólogos e os demais que têm como objetivo prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade da pessoa humana. 3. B"Verificou-se não haver contradição entre a medicina natural e a medicina convencional, as quais devem coabitar..." 4. Realização de um curso intensivo de 6 meses, regido pela OPEN INTERNATIONAL UNIVERSITY, para alargamento do conhecimento</p>	
<b>Jornal 21 out/95</b>	<p>"Tardiamente divulgado e com um programa provisório e reduzido de palestras, com uma organização deficiente sob a ameaça de repetição menos atraente com o Pe Fontes sem intervenção regular, e perante uma saturação de alguns Perdicensens</p>	<p>muitas pessoas estiveram presentes; "(...) perante um auditório de mais de 150 pessoas, que foram aumentando até às 24h de cada dia."; "O salão das conferências esteve sempre abarrotado e gente à porta..."</p>	
<b>Jornal 25 out/97</b>	<p>Lista de aspetos a melhorar nos CMP. 1.Falta de espaço para todos os curandeiros exercerem a sua função, 2. anunciarem os horários, nos jornais. 3.mais e melhores guias nas visitas</p>	<p>Louvores à organização</p>	

	guiadas. 4.mais restaurantes a servir, 5.menos exploração, 6.mais residenciais, 7.ais tempo para debate, 8.melhores e mais placas nas estradas.		
<b>Jornal 28 set/00</b>			ÀS 9 horas, 100 chás para 100 doenças, António L.Fontes
<b>Jornal 29 out/00</b>			Divulgação do livro do Padre Fontes "Chás dos Congressos de Vilar de Perdizes". Em duas tardes mais de 600 pessoas levaram o livro. Numa aldeia raiana vender tantos, em tão pouco tempo foi um best seller nacional. E desde que foi anunciado na Praça da Alegria, continua a procura pelo correio, telefone, e pessoalmente. Chovem todos os dias pedidos ao autor e editor Pe Fontes
<b>Jornal 31 set/02</b>		as intervenções no CMP decorrem com respeito pelos especialistas e com calma; comunicação social como dinamizadora da região; aumenta a cada ano a presença de curandeiros de ossos e osteopatas; cada vez mais teses de mestrado acerca dos CMP	
<b>Jornal 32 set/03</b>	-sinalização pobre, deficiente e alguma enganosa -multibancos inexistentes em V.Perdizes - Rede de telemóveis e telecom. Estamos apenas	Houve a colaboração do turismo ATB do ecomuseu e da Câmara. A hotelaria, restauração de Chaves, e concelho de Montalegre e Boticas e todo o comércio de Vilar de Perdizes,	

	<p>servidos por redes galegas</p> <p>- - Câmara, que este ano não cedeu os autocarros para satisfazer o gosto de muitos que vinham para visitas guiadas cada ano e que é um dos maiores objetivos chamativos deste congresso.</p> <p>- Deve-se oferecer aos congressistas algo de melhor em troca...festas, visitas, bailes e palestras, transformar os tempos mortos em tempos ocupados...</p>	<p>fizeram 4 dias com balanço positivo, para alguns os únicos do ano.</p>	
<p><b>Jornal 33 set/04</b></p>	<p>- As ruas e estacionamento e trânsito merecem mais atenção e ordenamento; - -</p> <p>- Não havendo rede nacional de telemóveis , nem qualquer telefone público, da PT, serviu-se toda a gente da rede espanhola</p> <p>- A falta da bancos e multibancos prejudicou o movimento comercial em todos os serviços</p> <p>- Os restaurantes locais e regionais, com tal avalanche nem sempre serviram com a qualidade merecida e desejada</p> <p>- O serviço de fotocópias avariou o 1º dia sem qualquer assistência</p> <p>- A chuva, embora de pouca dura, assutou os expositores de rua</p> <p>- Os pavilhões da ADRAT, deixavam passar água</p>	<p>- A Junta e Câmara MM um mês antes deram uma limpeza às ruas e melhoraram os acessos à aldeia;</p> <p>- O Restaurante Paço duplicou com serviço de ar livre no pátio do Silveiro</p> <p>- A RESAT foi diligente e eficiente na recolha do lixo, dos ecopontos</p>	
<p><b>Jornal 35 set/06</b></p>	<p>Críticas à falta de organização do teatro e de muitas outras atividades</p>		
<p><b>Jornal 39 set/10</b></p>	<p>CMP não teve um fim no dia programado "...que no</p>		

	dia de fecho desta edição (quarta-feira) estava previsto arrancar ontem.		
Jornal 40 set/11			No Congresso foi apresentada uma obra de autoria conjunta do Pe António Fontes e do Altino Moreira Cardoso a que se deu o título de "Cancioneiro Ancestral Barrosão". O livro, enquadrado no terceiro volume da Etnografia Transmontana só agora conheceu a luz do dia depois de várias décadas de recolha sistemática de textos, agora parte deles musicados por Altino Cardoso...
Jornal 43 set/14			Apresentação do livro da mesma: "Pegadas que ficam" de Deolinda Silva
Jornal 44 Set/15		Presidente da Associação de Defesa do Património (Deolinda Silva) faz um balanço positivo e diz que é com os erros que se aprende. O XXIX Congresso teve contornos diferentes e coisas muito melhores. O Pe Fontes também ficou satisfeito e "referiu que os oradores foram de muita qualidade".	

*Tabela 31: Resumo da Notícia (Aspetos a melhorar no CMP, aspetos positivos e virtuosos do CMP, apresentação de livros no Congresso)*

Objetivos da Notícia acerca dos CMP		
	Conclusões acerca dos CMP	Defesa de que medicina popular e medicina convencional não se contrapõem
Jornal 3 set/85	<p>1. Necessidade de estudar os contextos sociais e culturais em que têm lugar as diferentes práticas de MP sendo que este conceito não designa uma realidade homogénea, mas antes engloba fenómenos muito diversos</p> <p>2. O saber médico popular é apenas uma das fontes do conhecimento que cada um detém acerca da doença e forma de a curar. Importa aprofundar o modo como os comportamentos, face à doença, se determinam e utilizam em cada situação os conhecimentos médicos que procedem da medicina científica ou de outras formas de saber.</p> <p>3. Necessidade de estudar as representações sociais acerca do corpo, da doença e dos agentes da cura, para melhor compreender os comportamentos e práticas médicas da população.</p> <p>4. Conhecer o papel que desempenham os práticos da MP e os recursos materiais ou simbólicos que utilizam na sua ação curativa bem como a diferenciação de poder que assim se gera.</p> <p>5. Refletir à luz da eficácia de certas práticas da MP, sobre a própria instituição médica, quer na forma como encara a doença, quer na relação que estabelece com o doente.</p> <p>6. Reconhecer como condição indispensável para que se possa aprofundar o conhecimento sobre a doença e sobre o doente o abordar com a máxima abertura todas as manifestações de uma cultura médica não oficial</p>	<p>"Considerando que a saúde não é pertença dos profissionais de saúde, mas dos indivíduos e da comunidade, pensamos que é fundamental distinguir entre práticas libertadoras e práticas obscurantistas, quer no âmbito da MP quer no da medicina científica."</p> <p>"Os profissionais de saúde (...) também devem aprender a conviver com os práticos de MP que existam nessa comunidade. Neste contexto, a atitude do profissional de saúde tem sido muitas vezes a de: "eu tenho a verdade, estou disposto a ensinar. Torna-se necessário evoluir para uma nova atitude que pode ser definida como: vamos aprender em conjunto, para em conjunto resolvermos os problemas de saúde desta comunidade"</p>
Jornal 8 out/88		<p>"...foram sem conta as pessoas que escreveram pedindo textos, conclusões, trabalhos, chás, plantas medicinais, direções de pessoas entendidas nas várias doenças de que o mundo se queixa, perante o excesso de fármacos e a ineficácia dos médicos. São milhões as pessoas que dia a dia se sentem desparadas dos médicos e sem cura"</p>
Jornal 9 out/89		<p>"Nos quadros da medicina científica os seus agentes cada vez se especializam mais para aumentar o</p>

		<p>grau de proeficiência da técnica médica e cirúrgica em zonas específicas do corpo humano. Um médico não mistura salmos com as grageias que receita, não espalha um incenso purificador para afastar os maus espíritos antes de aplicar o estetoscópio nas costas do doente ou de o colocar diante da câmara de radioscopia. Tão pouco o médico se dispõe a adivinhar quem terá embruxado o seu paciente, para o não deixar dormir tranquilamente e andar permanentemente a queixar-se de fortes enxaquecas...</p>
Jornal 18 set/94		<p>Verificou-se não haver contradição entre a medicina natural e a medicina convencional, as quais devem coabitar</p>

*Tabela 32: Objetivos da Notícia acerca dos CMP*

Em que consiste o CMP				
	CMP são um espaço de encontro	CMP são uma cultura popular	CMP como promotor da região transmontana	CMP deve mudar mas não desaparecer
Jornal 3 set/85		"Os profissionais de saúde necessitam estar atentos e abertos aos valores e cultura da comunidade onde trabalham incluindo também a sabedoria comum que está na base das respostas que as pessoas dão aos muitos dos seus problemas de saúde"	"Barroso precisa de quem tenha esta coragem de deixar os grandes e maiores centros para se fixar nas aldeias"	
Jornal 7 set/88	Reuniu gente diversa: uns com formação académica ligada aos vários graus do saber, a par de outros cujos conhecimentos não foram adquiridos em nenhuma escola mas transmitidos por via oral e acumulados por uma prática de longos anos			
Jornal 8 out/88			O prazer que todo o povo português, sobretudo os transmontanos que tiverem em se verem solidários connosco foi imenso	
Jornal 12 set/92		Manter "vivas tradições, práticas, sabedoria popular..."	O prazer que todo o povo português, sobretudo os transmontanos que tiverem em se verem solidários connosco foi imenso	
Jornal 13	Um encontro de amigos, mais do que		"As regiões do Norte de Portugal e	

set/92	um confronto bélico de práticas e teorias..."		Sul da Galiza são as que até aos nossos dias mantiveram vivas tradições, práticas, sabedoria popular, devido ao seu isolamento entre as montanhas e rios e pela distância do poder centralista"	
Jornal 14 set/93		Vilar de Perdizes é a terra comunitária, acolhedora que hoje seduz e atrai multidões para este encontro de culturas e saberes		
Jornal 15 set/93	O Congresso de MP de V.Perdizes é um espaço aberto ao encontro			
Jornal 16 set/94		"O Congresso de MP de V.Perdizes é um espaço aberto ao estudo, debate de culturas populares"		
Jornal 17 set/94		"V.P. está para durar e qualquer postura de afrontamento tem o efeito da sua promoção"	"Congresso é a mola real do desenvolvimento de que a região tanto carece".	
Jornal 20 out/95	...o CMP não é uma feira, mas um encontro sério	...o CMP não é uma feira, mas um encontro sério de gente que admira e pretende preservar a cultura barrosã		Que o Congresso persista e continue na defesa dos valores culturais e espirituais do povo Barrosão"
Jornal 23 out/96		"No fundo a intenção do congresso, é propor pela via popular uma reflexão, tão alargada quanto possível, de situações problemáticas que têm a ver com as pessoas"		
Jornal 25				Que o Congresso persista e continue

out/97				na defesa dos valores culturais e espirituais do povo Barrosão"
Jornal 27 nov/99	"... faziam perguntas espontâneas e recebiam as respostas como se estivessem num serão à volta da lareira"			
Jornal 29 out/00		...esta festa de cultura popular, já acarinhada pelo país e integrada nos acontecimentos previstos no calendário de milhares de Portugueses de todos os cantos do mundo, e de todas as áreas, idades e gostos"		
Jornal 31 set/02			...fazendo crescer a região e mais Vilar de Perdizes em quantidade e qualidade de serviços e acolhimento	
Jornal 32 set/03	encontro de culturas, ideologias, saberes, crenças, medos e doenças. É o motor de descoberta destas terras, culturas e gentes	é o motor de descoberta destas terras, culturas e gentes	Os muitos milhões de portugueses, espalhados pelo mundo querem vir a Vilar de Perdizes, e os que sabem e podem vêm festejar cada ano...Não há dúvida que o CMP fez crescer esta linda terra, mas não pode perder a embalagem	
Jornal 33 set/04	Revelou-se VP como um ponto de encontro de culturas, credos, medicinas, religiões, saberes, uma feira original			

	popular e erudita, um espaço para questionar métodos e crenças, novidades e antiguidades, uma ocasião para conhecer o país real, profundo, oculto, esquecido, marginalizado			
<b>Jornal 34 set/05</b>	Encontro de exorcistas		A dinamização das aldeias barrosãs: a divulgação da cultura e o desenvolvimento rural	
<b>Jornal 36 Set/07</b>				"O Congresso de Vilar de Perdizes tem de continuar para bem de todos, da cultura do nosso país, das gentes de Vilar e de todos os barrosões em geral", mas, "...não pode manter o formato de há vinte anos atrás"
<b>Jornal 39 set/10</b>	Vendedores de chás medicinais, videntes, exorcistas, especialistas em Tarot, búzios, hipnose, baralho cigano, defumos...São quase 40 os expositores que este ano vão estar presentes no Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes."			
<b>Jornal 40 Set/11</b>		O Pe Fontes "agradeceu a todos os que contribuíram para o desenvolvimento e fortalecimento de um		

		evento que ainda dá sinais de vigor passado um quarto de século de existência"		
<b>Jornal 41 Set/12</b>	Para "esta filha da terra" é importante "não esquecer que o congresso é uma coisa e que a feira surgiu pós-congresso. Nesse sentido lembrou que "o congresso não é um espaço comercial, mas sim um local de cultura e partilha de conhecimento"	"Até domingo são esperados muitos curiosos ao XXVI Congresso de Medicina Popular e padre Fontes acredita que "vão ser dias muito bem aproveitados, com a descoberta e transmissão da cultura e saberes locais"		Numa próxima edição, "seria bom estruturar o programa e verificar se é possível fazê-lo de forma colaborativa, onde várias instituições se unam e o façam de maneira convergente. Outro aspeto a pensar "seria o regresso do povo ao congresso". Lurdes Fonseca recordou que "ao longo dos tempos, a grande perca que se verificou não foi o número de visitantes exteriores, mas sim os internos."
<b>Jornal 42 set/13</b>	Nesta época de saberes...no ato de inauguração, têm-se encontrado figuras de várias condições sociais em procura das curas alternativas e do oculto que apaixonam os mortais." "...debates que giraram em torno de temas polémicos, associados a terapias alternativas, à medicina popular e ao oculto"			

<p><b>Jornal 44</b> set/15</p>			<p>A dinamização das aldeias barrosãs: a divulgação da cultura e o desenvolvimento rural</p>	
<p><b>Jornal 45</b> set/16</p>	<p>debatem temas que vão desde o saber popular e propriedades das plantas, passando pela espiritualidade, até às novas ervas medicinais e de alimentação</p>			<p>"Em jeito de balanço será de referir que o Congresso está a perder gente, talvez devido ao facto de pouco ou nada se ter alterado em relação às realizações dos primeiros tempos da sua realização. David Teixeira disse, e bem, que 30 anos do evento trazem uma responsabilidade acrescida para a organização, mas a realidade mostrou à evidência que as pessoas se afastam do Congresso. Será tempo de se fazer uma análise da situação e procurar dar novo alento a um evento que conseguiu impor-se ao nível do país.</p>
<p><b>Jornal 46</b> Set/17</p>	<p>"No final, o padre Fontes, referiu que "é preciso persistência e motivação para continuar a organizar um evento tão importante para a dinamização da terra. Na mesma linha, considera que "vale a pena todo o</p>		<p>No final, o padre Fontes referiu que "é preciso persistência e motivação para continuar a organizar um evento tão importante para a dinamização da terra"</p>	

	cansaço e desgaste para a organização deste acontecimento"			
--	--	--	--	--

*Tabela 33: Em que consiste o CMP (são um espaço de encontro e uma cultura popular, CMP como promotor da região transmontana, CMP devem mudar mas não desaparecer)*

<b>Em que consiste o CMP</b>		
	<b>CMP cuidam da saúde física e mental dos pacientes</b>	<b>CMP e o oculto</b>
<b>Jornal 7 set/88</b>	o padre Joaquim de Araújo, da Afurada, falou da ação do padre frente ao mundo do doente no seu modo de curar "Doenças Psíquicas"	Ligadas às artes de curar, de caráter popular tradicional, falaram das suas experiências pessoais e técnicas de curar: Maria da Conceição Cabral, de Braga, médium, relatou a forma como descobriu o "dom" para curar; José Benedito Borges, de Mirandela, curandeiro que garante poder curar o cancro com picadas de lacrau; Luísa da Assunção da Aveleda, curandeira que se diz especialista na cura de cancros externos, através de uma fórmula que só ela possui; João Pinto, de Carrazeda, curandeiro que se autodenomina "mecânico do corpo humano" deu-nos conta do forma como "compõe" os ossos
<b>Jornal 12 Set/92</b>	Em Vilar de Perdizes: "o stress é curado, a droga não entra, a sida é desconhecida, as depressões tomam outros nomes derivados da crença no além"	
<b>Jornal 14 set/93</b>	"Vilar de Perdizes é este espaço alargado a todos os que bem intencionados desejam seguir discutindo, dialogando, estudando, novas e velhas formas de saúde física e mental	Assentam na nossa cultura ancestral: crenças, magia, superstições, com religião à mistura, onde as fronteiras se interligam e as escolas dos diversos graus, dificilmente conseguem sectionar, classificar, numa prática e ética de valores. Persiste assim teimosamente este fundo maravilhoso, de mistério, de desconhecido e hipotético, de Bem e de mal, cujas origens e causas se baralham, confundem, e quase sempre atribuem a forças, entidades, alheias e externas ao ser humano que as suporta
<b>Jornal 15 set/93</b>		Temas relacionados com o oculto: Curandeiros realidade, ficção; curandeiros e curadores; truques e sugestões; curas pelos dons do E° Santo; magia dos metais, metaloterapia; investigar crenças em Barroso; unguento para ir ao Sabat; consciência como religião; videogramas, curandeiros e crenças; entrevistas com curandeiros
<b>Jornal 16 set/94</b>	debate de culturas populares na área da saúde de ontem, de hoje, e de amanhã	
<b>Jornal 17 set/95</b>	O CMP pode ser "...uma força revitalizadora que conduza ao progresso e bem-estar das suas gentes"	Temas relacionados com o oculto: O endireita e o povo; nem feitiçeiro nem santo milagreiro

<b>Jornal 18 set/96</b>	Os CMP têm como objetivo: "...prevenir e tratar as doenças sem prejudicar os pacientes, num total respeito pela dignidade humana"	atravessar o ozono por forças cósmicas; o que faz um vidente; Crenças e Tradições de Trás-os-Montes; a Geografia de influência deste Congresso
<b>Jornal 22 set/96</b>	O consumidor e a saúde; a Medicina Metabólica; Germoplasmas, erva cidreira e seus usos; Sociologia botânica; vivência telúrica do barroso; técnicas de massagem; deixar o tabaco; preocupações individuais de saúde; história da Medicina Popular; a autocura dos animais; atitude filosófica e saber popular; plantas medicinais nas escolas; fecundidade em Barroso; novas doenças e a Medicina Popular	o que é o espiritismo; o lobisomem; lendas e bruxas no Alto Tâmega
<b>Jornal 24 Set/97</b>	No fundo, a intenção do congresso é propor pela via popular uma reflexão, tão alargada quanto possível, de situações problemáticas que têm a ver com o bem-estar das pessoas."	
<b>Jornal 26 Set/98</b>	Plantas medicinais e seu uso no Barroso; Incompatibilidades alimentares; Perspetivas mediáticas da Medicina Popular; o cancro e alimentação dos 5 sentidos; como curar-se a si mesmo; terapia psico-corporal; shiatsu - uma forma de cuidar a saúde; a coluna, da infância à velhice; factos e parapsicologia; plantas espontâneas e de cultivo, técnicas; conheça as nossas plantas medicinais; comercialização das ervas medicinais; história da Medicina Popular; terapias populares e psicoterapia; a criança e a morte; tradições da Medicina Popular; Medicina Popular no Alto de Trás-os-Montes	o que é o espiritismo; o lobisomem; lendas e bruxas no Alto Tâmega
<b>Jornal 27 Nov/99</b>	"Após percorrer a exposição de chás, xaropes, bolos de castanha, mel, pão de centeio e de beber água na fonte..."	
<b>Jornal 28 set/00</b>	Antropologia da Medicina Popular, tese de Ana Isabel Barbosa (Piaget) - dia 2 SÁBADO Medicina popular do Ribatejo, José Garruncho Martins (Almeirim) - dia 2 SÁBADO Medicina Popular de Terreno, Michaela Zucca (Itália) - dia 2 SÁBADO, Flora medicinal	mediunidade e suas implicações; bruxas e meigas, México e Galiza; o sobrenatural em Barroso; as mulheres e os demónios

	do Alto Douro; Flora no concelho de Chaves; Reiki na saúde; Fuji-Yoga; Prática de Shiatsu; Quinesio-terapia, emoções; a alimentação natural e a beleza; aprender a curar-se; Biologia e Medicina Popular; Medicinas Alternativas; as duas medicinas; incertezas e riscos dos produtos naturais; etnobotânica transmontana; flora transmontana em extinção; Antropologia da Medicina Popular; A S <sup>a</sup> da Saúde, fé e saúde; Medicina Popular do Ribatejo; Medicina Popular de Terrento	
<b>Jornal 30 ago/01</b>	Plantas medicinais e seu uso no Barroso; Incompatibilidades alimentares; Perspetivas mediáticas da Medicina Popular; o cancro e alimentação dos 5 sentidos; como curar-se a si mesmo; terapia psico-corporal; shiatsu - uma forma de cuidar a saúde; a coluna, da infância à velhice; factos e parapsicologia; plantas espontâneas e de cultivo, técnicas; conheça as nossas plantas medicinais; comercialização das ervas medicinais; história da Medicina Popular; terapias populares e psicoterapia; a criança e a morte; tradições da Medicina Popular; Medicina Popular no Alto de Trás-os-Montes	Forças ocultas da natureza e do Homem; Tarot e seus seguidores; As minhas visões e curas; O Sobrenatural em Barroso
<b>Jornal 31 set/02</b>	"Só os seus conhecimentos de saúde física e espiritual é que não tinham tamanho!"	
<b>Jornal 32 set/03</b>	Antropologia da Medicina Popular, tese de Ana Isabel Barbosa (Piaget); Medicina popular do Ribatejo, José Garruncho Martins (Almeirim); Medicina Popular de Terreno, Michaela Zucca (Itália); Flora medicinal do Alto Douro; Flora no concelho de Chaves; Reiki na saúde; Fuji-Yoga; Prática de Shiatsu; Quinesio-terapia, emoções; a alimentação natural e a beleza; aprender a curar-se; Biologia e Medicina Popular; Medicinas Alternativas; as duas medicinas; incertezas e riscos dos	"...debates que giraram em torno de temas polémicos, associados a terapias alternativas, à medicina popular e ao oculto"

	produtos naturais; etnobotânica transmontana; flora transmontana em extinção; Antropologia da Medicina Popular; A S <sup>a</sup> da Saúde, fé e saúde; Medicina Popular do Ribatejo; Medicina Popular de Terrento	
<b>Jornal 34 set/05</b>	Doenças psicogenéticas; Hidrolimpa: o organismo humano; aromoterapia; itinerário terapêutica na ilha de Moçambique; saber cuidar dos intestinos: a amêndoa; como recuperar a sua energia, o uso do aloé vera	Xamanismo Mexicano; o exorcismo; encontro de exorcistas, com a presença do Padre Humberto Gama e outros exorcistas, moderada pelo Dr. Mário Freitas
<b>Jornal 38 Ago/09</b>	"A cegueira"; Saúde comunitária, o tempo das epidemias; Saúde mental; Intervenientes na Medicina Popular; Terapia da mente; Etnopsiquiatria	
<b>Jornal 41 set/12</b>	emerge uma atenção ao estado de saúde popular comunitária	
<b>Jornal 45 Set/16</b>	Há 30 anos que esta iniciativa continua a envolver os habitantes da aldeia e a conservar os seus saberes, alguns em via de extinção, dando-os a conhecer aos visitantes de norte a sul do país e até internacionalmente	
<b>Jornal 46 Set/17</b>	"A iniciativa continua a atrair novos curiosos na procura de soluções nas plantas e noutros ingredientes que a terra dá"	"Ao longo de três dias, foram muitos os motivos para visitar um evento que já ultrapassou as três décadas de intensos debates em volta do misticismo e que continua a girar em torno da figura do padre Fontes"

**Tabela 34: Em que consiste o CMP (CMP cuidam da saúde física e mental dos pacientes, CMP e o oculto**

<b>Importância do Diálogo na Medicina Popular</b>			
	<b>Medicina Popular dá importância ao diálogo com o paciente</b>	<b>Falta de tempo, por parte dos cientistas, para dialogar com os pacientes</b>	<b>Igreja menos dialogante</b>
<b>Jornal 12 set/92</b>	uma técnica endógena de diálogo e carinho que ainda hoje é lição para os cientistas		
<b>Jornal 14 set/93</b>	"Daí a necessidade e justificação de alguém que na sociedade organizada ocupe este espaço para o diálogo, esclarecimento teórico e prático..."	"Nos hospitais, clínicas, centros de saúde nem sempre há tempo para um diálogo científico". "...ninguém conseguiu dizer a verdade ao doente, através de uns minutos de diálogo douto, paciente, carinhoso"	Igrejas e dioceses menos dialogantes
<b>Jornal 16 set/94</b>			Imagem da igreja deve ser positiva, dialogante, necessária hoje, renovadora, evangelizadora"
<b>Jornal 20 out/95</b>	A Medicina Popular continua a ser um cajado na caminhada do ser humano, quando o médico está a léguas de distância efetiva e afetiva		
<b>Jornal 23 out/96</b>	...este encontro é uma escola, uma casa aberta ao diálogo. (Correio do Minho, pp 5-9, cit por Notícias de Barroso)		
<b>Jornal 24 set/97</b>	Os doentes precisam de carinho, de compaixão, de ajuda esclarecida, de compreensão humana na relação com as pessoas, para se verem livre dos seus problemas	"A nova medicina moderna é distante, é cara, nada dialogante, pouco respeitadora de outras formas paralelas, mal adaptada à vida e cultura, ignorando todos os valores"	
<b>Jornal 28 set/00</b>	Todo o CMP em Vilar de Perdizes, tem como objetivo promover o diálogo, daí ser composto por palestras que abordam os mais diversos assuntos como a medicina popular		
<b>Jornal 32</b>	Ouvi-los, recebê-los, manter vivas as		

set/03	expetativas, proporcionar-lhes este encontro, tão controverso, com um povo diferente, com todo o seu envolvente é a meta deste congresso popular		
--------	--	--	--

*Tabela 35: Importância do Diálogo na Medicina Popular*

<b>Mass Media falam dos CMP</b>		
	<b>Mass Media falam dos CMP</b>	<b>Desinteresse dos canais generalistas de TV</b>
<b>Jornal 7 set/88</b>	"B. De Sousa Dias, de V.N. De Gaia, jornalista, apresentou uma comunicação bipartida subordinada ao tema "Superstições Portuguesas"	
<b>Jornal 8 out/88</b>	" Destacamos a grande imprensa diária e muito semanária e revistas cujos nomes seria longo referir. A Rádio Televisão Portuguesa de Lisboa e Porto com todo o carinho que põem nos valores populares nos vários programas que este tema lhes mereceu, foi incansável." "A rádio menos presente, mas foi solícita em anunciar o acontecimento dia a dia"	
<b>Jornal 13 set/92</b>	Em Setembro de 92 não houve jornal, revista, rádio, TV, que em Portugal e também no mundo não falasse deste acontecimento	
<b>Jornal 14 set/93</b>	Os Mass Media tiveram em VP a maior e mais nobre função esclarecedora da verdade desta cultura e povo ancestral	
<b>Jornal 16 set/94</b>	"toda a imprensa do país foi mais ou menos receptiva a uma análise positiva de tudo o que tem acontecido nos Congressos e outros eventos culturais de Vilar de Perdizes"	
<b>Jornal 21 out/95</b>		Alguma imprensa ausente
<b>Jornal 23 out/96</b>	"Jornal O Povo do Cartaxo, Jornal de Portalegre, Mensageiro de Bragança, revista Nova Gente e outros estiveram presentes. Além da Imprensa, vários rádios estiveram presentes, locais e nacionais: RDP, TSF" Também a RTP, TVI, SIC deram larga cobertura ao CMP. A RTP fez até emissões pela 1ª vez em direto de V. Perdizes, tendo para tal de colocar parabólicas na aldeia, no Larouco e Leiranco"	
<b>Jornal 31 set/02</b>	"A comunicação social TV nos vários canais divulgou e fez um papel dinamizador da região, permitindo ao que não têm vagar, ou têm vergonha de por cá serem vistos e conotados ajuizarem	

	confusos o que vem a ser isto que tanta gente atrai"	
<b>Jornal 33 set/04</b>	A TVI foi a que mais mostrou ao país em diretos e noticiários, a SIC não apareceu, a RTP fez os primeiros noticiários, o Correio da Manhã, O Público e JN, O Diário de Coimbra, o Arrais, a Voz do TOM, deram alguma reportagem, além dos jornais regionais distritais	
<b>Jornal 43 set/14</b>		"E lamenta-se o desinteresse dos canais generalistas de televisão , em contraste com o destaque mediático de outros tempos"

*Tabela 36: Mass Media falam do CMP e desinteresse dos canais generalistas de TV*

Jornais que falam acerca dos CMP	
Jornal 13 set/92	Jornal 23 out/96
1.Voz do Nordeste	1.Correio do Minho
2.O Público	2.Repórter do Marão
3.Inter. Norte em V.Real	3.La region
4.O emigrante	4.Tal e qual
5.A Voz de T.os Montes	5. Ideal de Granada, e el País
6.Repórter do Marão	6. A Voz do Chaves
7.A capital	7. Diário de Notícias
8.Jornal de Notícias	8. Jornal de Notícias
9.Diário do Minho	9.Comércio do Porto
10.Minho	10. Jornal o povo do Cartaxo
11.Notícias de Chaves	11.Jornal de Portalegre
12.Jornal do Norte	12. Mensageiro de Bragança
13.Correio do Minho	
14.Diário de Notícias	
15.Semanário	
16.Correio da Manhã	
17.Jornal do Norte	
18.Mensageiro de Bragança	
19.O Jornal de Vieira	
20.O Mensageiro (Leiria)	
21.Notícias de Felgueiras	
22.Janeiro	
23.O Comércio do Porto	
24.Correio do Planalto	

*Tabela 37: Jornais que falam acerca dos CMP no ano de 1992 e 1996*

<b>Importância do Padre Fontes nos CMP</b>		
	<b>Padre Fontes como criador e motivador dos CMP</b>	<b>Críticas feitas ao Padre Fontes</b>
<b>Jornal 1 set/83</b>	Apresentação da discussão acerca da Medicina Popular mediada pelo pe Fontes. "O Diretor do NB à noite do dia 24 falou de Medicina Popular durante 2 horas, na Agropec a convite da organização"	
<b>Jornal 5 set/86</b>	"Efetivamente, e pela terceira vez, sob a batuta do pároco da freguesia subiram àquela região do Barroso...Atraídos também pelo fascínio de um homem que concebeu, realizou e dinamizou o congresso, com o seu magnetismo e humildade: o Padre António Fontes. Dele apenas tinha ouvido falar, mas depois de o ter visto e ouvido ficou-me na retina o perfil autóctone de um "puro sangue" barrosão apesar da mistura da sabedoria popular e inocência, convívio fácil e chão, cultura "naif" e erudição; um missionário desterrado para a orgia humana do seu paraíso terreal; rústico e beneplácito como o deus Larouco, robusto de feições mas com a "fragilidade" e lucidez suficiente para conceber e acalantar tão ambicioso projeto (...) No intervalo das sessões-debate o largo da escola transformava-se num autêntico terreiro das bruxas...em torno do Padre António." "Cumpre-nos finalmente homenagear toda a dinâmica e iniciativa do padre António Fontes por este cantinho do céu que por um pouco nos proporcionou, a quem pedimos também que não páre na luta em proveito da vida e proveito dos deuses nessa região"	
<b>Jornal 6 set/87</b>	Carta de agradecimento ao padre Fontes. Agradecimento por acolher tão bem, por termos saboreado o fraternal e simples, todo feito de verdade, acolhimento que nos proporcionastes na casa paroquial. Agradecimento por promover Vilar de Perdizes, agradecimento por alimentar os	

	visitantes não os conhecendo de lado. Agradecimento por dar a conhecer aos visitantes um povo distanciado de stress, de confusão, de consumismo que caracteriza a sociedade atual.	
<b>Jornal 13 set/92</b>	é antropólogo; tem como função escutar e dar a palavra às formais ancestrais e presentes de sabedoria e de loucura e aos investigadores	
<b>Jornal 16 set/94</b>	1.a sua atividade enquanto padre é positiva, dialogante, necessária hoje, renovadora, evangelizadora. 2. é interventor do desenvolvimento da região, 3.solucionador das carências e ações inovadoras de VP; 4.ajuda dentro e fora da Igreja	Há quem não aceite a sua atividade enquanto padre outros moldes de igreja, menos interventora na vida humana, cultural e social, que discordam e não aceitam, nem entendem bem esta forma de ser padre; discordância do casal Albuquerque de Braga, e alguns sequazes e políticos
<b>Jornal 17 set/94</b>	Padre Fontes é referência cultural do Barroso	atividade do Pe.Fontes custa aos inaptos ingratos
<b>Jornal 20 out/95</b>	criou espaço de análise e reflexão saudável	
<b>Jornal 21 out/95</b>		P.e Fontes sem intervenção regular
<b>Jornal 23 out/96</b>		Padre Fontes clandestino no seu Congresso
<b>Jornal 27 nov/99</b>	"Como boa Portuguesa, sempre virada para o mundo, o meu obrigado ao padre Fontes!..."	
<b>Jornal 28 set/00</b>	ÀS 9 horas, 100 chás para 100 doenças, António L.Fontes	
<b>Jornal 29 out/00</b>	Chovem todos os dias pedidos ao autor e editor Pe Fontes	
<b>Jornal 34 set/05</b>	Apresentação dos temas a abordar no XIX Congresso de Medicina Popular pelo Rev.Padre António Fontes, Pároco de Vilar de Perdizes; Conclusões: João Domingos Gomes Sanches e Rev.Padre António Lourenço Fontes e amigos do Congresso de MP	
<b>Jornal 35 set/06</b>	"Vilar de Perdizes teve muita gente motivada pelo Congresso e pelo seu mentor, o P.e Fontes"	

<p><b>Jornal 40</b> <b>set/11</b></p>	<p>"...foi entregue ao padre fontes uma medalha comemorativa da edição deste ano, a 25<sup>a</sup>, ou seja, as bodas de prata do Congresso. Orlando Alves elogiou o seu dinamismo e o muito que tem feito pela religião." "O Pe Fontes que vinha procedendo à recolha de material desde muitos anos a esta parte disse que "como vejo que estou a perder capacidades decidi terminar. "Cartazes, notícias de jornais, testemunhos e muitas fotografias, de tudo um pouco foi visto nesta "singela homenagem", elaborada pelo Ecomuseu de Barroso</p>	
<p><b>Jornal 41</b> <b>set/12</b></p>	<p>"À semelhança de anos anteriores "e apesar da crise, mantivemos a credibilidade", referiu padre Fontes, mentor do evento (...) Padre Fontes, "pai" desta iniciativa partilhou que "foram dias intensos e muito animados." "com um discurso emotivo, padre Fontes acompanhou o artista espanhol e esconjurou a bebida pela qual todos esperavam.</p>	
<p><b>Jornal 42</b> <b>set/13</b></p>	<p>Vilar de Perdizes oferece busto ao Pe Fontes - "...trata-se de mais um testemunho de gratidão ao Padre António Fontes que teve o mérito de tirar, ano após ano, a aldeia do anonimato"</p>	
<p><b>Jornal 43</b> <b>set/14</b></p>	<p>"...monografia da freguesia que o Padre Fontes transformou na capital da medicina popular"</p>	
<p><b>Jornal 44</b> <b>set/15</b></p>	<p>" Pe António Fontes declarou que a partir da 30<sup>a</sup> edição será o padre António Joaquim Dias a liderar a Organização juntamente com a Associação de Defesa do Património de Vilar de Perdizes."</p>	
<p><b>Jornal 46</b> <b>Set/17</b></p>	<p>"Como já é tradição, a queimada esconjurada pelo padre Fontes foi um dos pontos altos."</p>	

*Tabela 38: Importância do Padre Fontes nos CMP*

	<b>Referência à Medicina Popular</b>
	<b>Medicina Popular como resposta às necessidades sanitárias</b>
<b>Jornal 7 set/88</b>	Elvira Lobo (Mestranda da U.N de Lisboa), falou sobre "Agentes da medicina popular no concelho de Braga. Berta Nunes (Médica de Clínica Geral em A. da Fé) teceu algumas considerações sobre "Medicina Popular em Alfândega da Fé"
<b>Jornal 9 out/89</b>	"Acho oportuno pegar na expressão "medicina popular" com que publicamente hoje se tem concordado designar toda a atividade pretensamente médico-curativa exercida por pessoas do povo sem qualquer qualificação oficialmente aprovada." "Seja esse mundo o da magia, seja o da santidade ou do diabolismo; usem-se rezas e fórmulas verbais com ritualidades obscuras, invoque-se este ou aquele santo, recitem-se ou não benzeduras e resposos de S.Cipriano; ou recorra-se ao olímpo Kardecista para explicar os acontecimentos e resolver os problemas dos pacientes, o certo é não serem estas atividades aquilo que realmente queremos designar por medicina popular"
<b>Jornal 15 set/93</b>	Temas relacionados com a Medicina Popular: O não científico da ciência; a fama e o proveito; Medicina alternativa, que futuro; Ervas e produtos naturais na medicina; caminho para curar; Dar à luz no Alto Douro; O linho na Med.Popular; Manipulação da coluna; manoterapia; a cura do cancro da mama e eczemas; questionar estruturas da medicina popular; como curar a coluna; cura pelas mãos; humor na Medicina Popular; a Medicina Popular sim ou não; o verdadeiro sentido da natureza; plantas que curam; visita e recolha de plantas medicinais
<b>Jornal 18 set/94</b>	" Ficou provado que o interesse pela medicina popular se mantém com uma natural evolução e que a troca de saberes, entre os seus práticos, os médicos, os naturólogos e os demais veio enriquecer o caráter científico, que por força das circunstâncias históricas, filosóficas e éticas se impõe ao empírico..."
<b>Jornal 19 set/95</b>	Temas relacionados com a medicina popular: medicina Folk; derrame cerebral, sua causa e cura; coluna vertebral, tratamentos; luxação congénita da anca; demonstração da técnica massagista; medo, angústia e sofrimento; Sociologia e Medicina Popular Barrosã; varizes, novo produto; terapia de cristais; medicina holística e sabedoria popular; cancro e reumatismo pela cartilagem do tubarão; os ovos na medicina popular; vários estudantes exporão resumos de trabalhos de investigação sobre Medicina Popular
<b>Jornal 22 set/96</b>	O consumidor e a saúde; a Medicina Metabólica; Germoplasmas, erva cidreira e seus usos; Sociologia botânica; vivência telúrica do Barrosão; técnicas de massagem; deixar o tabaco; preocupações individuais de saúde; história da Medicina Popular; a autocura dos animais; atitude filosófica e saber popular; plantas medicinais nas

	escolas; fecundidade em Barroso; novas doenças e a Medicina Popular
<b>Jornal 24 set/97</b>	é produto das necessidades sanitárias das populações e das carências médicas da região. Continua a ser a única resposta em muitos meios rurais
<b>Jornal 31 set/02</b>	é notória a afirmação da fitoterapia que revelou a etnobotânica barrosã, a farmacopeia e a dietética; aumenta cada ano a procura e a presença de curandeiros de ossos, osteopatas; emerge uma atenção ao estado de saúde popular comunitária, etnodemografia, dinâmica populacional e saúde pública
<b>Jornal 34 set/05</b>	As publicações inspiradas no Congresso de Medicina Popular, por João Sanches, "Projeto Medicina Popular", Turismo e medicina popular no Alto Minho
<b>Jornal 38 ago/09</b>	Intervenientes na Medicina Popular; prevenção rodoviária e medicina popular pelos motards de Nossa Senhora da Pena de Vila Real

*Tabela 39: Medicina Popular como resposta às necessidades sanitárias*

<b>Críticas à oposição feita aos CMP</b>	
<b>Jornal 8 set/83</b>	"Outras entidades já nem se lhe pede porque é tempo perdido"
<b>Jornal 9 set/86</b>	"Entendeu-se que ali não haveria cabimento para o fantástico ou charlatancice, como se o fantástico e o miraculoso pudessem não escapar algumas vezes às malhas da impostura. Mas os que assim pensaram devem desenganar-se porque não há medicina popular, em 99 por cento dos casos, que não se socorra do sonho, da magia, do acaso e do milagre. Eu não pretendo sugerir que se substitua a referida expressão por outra. Se ela se consagrou como tal, com os 4 Congressos de Vilar de Perdizes, e mesmo assim parece não ter sido capaz de cativar a classe médica, que mais se poderá fazer?" "A relutância da ordem dos médicos em se debruçar sobre este fenómeno social (um fenómeno histórico e cultural, com raízes de natureza médico-religiosa), é a carouça de um prestígio de uma classe de pessoas preconceituosamente desqualificadas. Para trocar experiências com esse género de pessoas, à partida sem outra credencial que não a da sua condição anónima e vulgar, é preciso coragem e correr riscos. É evidente que hão-de surgir exceções na classe média e elas hão-de revelar-se justamente nos médicos de província que exercem clínica em vilas e freguesias nos concelhos do Norte do país"
<b>Jornal 14 set/87</b>	denigrem o que não conhecem, distorcem a verdade, porque é incómoda
<b>Jornal 17 set/93</b>	1.dor de cotovelo, pobreza de espírito,2.um paraquedista criticou o Pe.Fontes
<b>Jornal 18 set/95</b>	"Ficou documentado que acima da polémica que antecedeu este Cong <sup>o</sup> e a que não foram estranhas intervenções de pessoas que tentaram desinformar o Sr.Bispo de Vila Real..."
<b>Jornal 20 out/95</b>	autoritarismo e prepotência de certas autoridades, que pretendem abafar não só a voz de pessoas competentes, mas até do povo
<b>Jornal 36 out/95</b>	"Quando se diz que a Câmara Municipal quer desviar o Congresso para Montalegre, apesar de não ter ouvido o presidente da autarquia como era meu desejo, penso que não pode ser verdade. O Congresso só é Congresso enquanto se realizar em Vilar de Perdizes" (Carvalho de Moura)
<b>Jornal 45 out/96</b>	"...mas a realidade mostrou à evidência que as pessoas se afastam do Congresso"

*Tabela 40: Críticas à oposição feita aos CMP*

	<b>Atividades decorridas no CMP</b>
<b>Jornal 1 set/83</b>	Discussão acerca da Medicina Popular. Integração de jovens em projetos futuros
<b>Jornal 5 set/86</b>	" Ali, e em perfeita harmonia polifónica se afloraram assuntos tão díspares como: espinhela caída, corpo aberto, cura pelas ervas, rezas contra o coxo, exorcismos e possessos, cura do cancro com "licréus", cura pela imposição das mãos, macrobiótica, rituais para carbúnculos e "sapinhos".
<b>Jornal 6 set/87</b>	"Contigo, atravessámos a fronteira até ao Povo mais próximo de Vilar de Perdizes"
<b>Jornal 8 out/88</b>	"A Câmara de Montalegre com a merenda e passeio a Pitões e o passeio a Meixide, Soutelinho, prestou-nos valiosa ajuda.."
<b>Jornal 15 set/93</b>	Folclore de Vilar de Perdizes pelo grupo etnográfico; Música espiritual negro, por Susan; Teatro: a queima das bruxas; 13h piquenique e encerramento em Paredes do Rio e visita ao Parque Nacional do Gerês; animação cultural: tardes livres com visitas guiadas a Barroso e Galiza, Folclore de Vilar de Perdizes, sábado às 24 queimada das bruxas.
<b>Jornal 19 set/95</b>	Visita guiada à região, contacto livre com participantes e curandeiros; teatro de Maria Parda; tarde livre, para convívio, demonstrações, visitas guiadas; curandeiros presentes convidados a exporem em tempos livres os seus métodos e saberes com apresentação de testemunhos de curas; Tuna da Universidade do Minho; piquenique em Penedones com cantadores ao desafio; exposições: plantas medicinais na escola, livros temáticos, exposição de Pintura Tibetana por Pimpim de Azevedo, venda de artesanato, etc.
<b>Jornal 20 out/95</b>	"Atividades desenvolvidas por curandeiros e médicos: "Neste e noutros congressos os médicos estavam em equilíbrio com o número de curandeiros e vão-se sentindo e respeitando os limites de cada um".
<b>Jornal 21 out/95</b>	"A noite suave, prolongou-se até às 2 da manhã, no pátio do Silveiro, onde a Filandorra de Vila Real nos deliciou com o Pranto de Maria Parda de Gil Vicente." "O Domingo foi o dia de encerramento, leitura de conclusões a que se seguiu um piquenique nas margens da praia fluvial de Penedones, com mais de 100 pessoas, animadas por cantadores ao desafio que fez animar e cantar com eles as cantadeiras da Galiza e Portugal."
<b>Jornal 23 out/96</b>	Incluindo também várias visitas guiadas a diversas povoações e cidades daquela região: Montalegre, Pitões, Chaves, Boticas, Carvalhelhos, Atilhó, Mizarela, Gerês, Barroso, Barragens.
<b>Jornal 26 set/98</b>	Animação: rancho etnográfico de Vilar de Perdizes; visita guiada ao Larouco e ao Gerês; animação: teatro "Auto da Índia" - teatro ao ar livre (Gil Vicente); Mesa redonda com ervanários e curandeiros; visita guiada ao Alto Tâmega e Alto Barroso; animação música clássica, por Essamble Maurice Bourgue; Queimada Galega; tempo livre para temas não inscritos; piquenique em Salto, no Torrão da Veiga, (apoio Alb <sup>a</sup> Pedreira); Animação: jogo do pau e cantadores ao desafio. Atividades paralelas: feira de ervas e chás - largo do Pinheiro; feira de livros de saúde; feira de artesanato; escola oficina aberta para inscritos no mini curso; iniciação aos chás no centro paroquial; exposição de plantas medicinais no centro paroquial; demonstrações de curandeiros e consultas livres no centro paroquial; exposição de pintura e escultura na escola primária

<b>Jornal 27 nov/99</b>	“Após percorrer a exposição de chás, xaropes, bolos de castanha, mel, pão de centeio e de beber água da fonte, surge um tetaro para todas as idades...”
<b>Jornal 28 set/00</b>	Dia 31 das 15 às 24 receção e inscrições; 24 horas - animação com Folclore de Vilar de Perdizes; sessão com vários endireitas; animação: Coral de Chaves; Às 10 horas: apresentação de temas não inscritos; às 12 horas, encerramento e conclusões; às 13 horas, animação: Conjunto Mar de Pedra (Vila Real); Gaiteiros de Pitões; às 14, piquenique e animação pelo mesmo conjunto; "Todos os dias das 15 às 19 a Câmara de Montalegre organiza visitas guiadas ao Barroso, Alto Tâmega e Galiza".
<b>Jornal 29 out/00</b>	Descrição das atividades feitas no CMP e descrição do ambiente. "As visitas guiadas foram variadas e concorridas. Jovens licenciadas de Vilar acompanharam e guiaram todos os dias grupos novos, no local, pela história e arqueologia.
<b>Jornal 30 ago/01</b>	animação: folclore de Vilar de Perdizes; animação: folclore medieval de S.Estevão; animação: Grupo Musical Casa do professor (Vilar Real); das 14 às 19h, sexta e sábado, visitas guiadas à região, exposições, feira; 10-12h temas não inscritos, conclusões e demonstrações; 13h piquenique para inscritos, palestrantes e jornalistas
<b>Jornal 33 set/04</b>	"Dos 40 temas tratados nos 4 dias, houve muita participação, discussão e animação paralela esteve por conta do Folclore de S.Estevão, do teatro Filandorra com o pranto de Maria Parada, dos gaiteiros de Pitões, das visitas guiadas num autocarro da CMM (Câmara MM) e da queimada das bruxas gabado à noite pelo folclore de V. de Perdizes"
<b>Jornal 35 set/06</b>	“João Sanches dissertou José Medeiros sobre as energias, forças ocultas que os humanos transportam dentro de si. Cá fora, a gente, aos montes, passeava-se pelas barracas a ver, a apreciar um ou outro gesto de propaganda, a comprar também.”
<b>Jornal 39 set/10</b>	"No sábado, o programa do Congresso arranca com uma caminhada que seguirá as passadas dos contrabandistas (...) À meia noite a tradicional queimada (...) a companhia de teatro Filandorra promete um espetáculo com "bruxas à solta"
<b>Jornal 41 set/12</b>	"A par das palestras, esta edição ficou marcada pela "encenação da queimada pelo bruxo Queiman, a peça de teatro "À manhã" pela Filandorra, o regresso do grupo Folclórico da Venda Nova, entre outros (...) A animação do evento contou, entre outros, com a "participação do grupo folclórico da Venda Nova. Esta foi "uma agradável surpresa ao fim de tantos anos e inatividade." FILANDORRA E BRUXO QUEIMAN "A noite alta de animação do Congresso de Medicina Popular contou com duas atuações. A primeira a cargo da companhia de teatro Filandorra, encheu o espaço da feira. Falamos da dramatização da peça "À manhã" de José Luís Peixoto. Esta ocasião foi do agrado de todo o público que esperava, ansioso, pelo momento da queimada. Essa foi protagonizada pelo já conhecido bruxo Queiman, ator que tem abrilhantado as últimas edições da Sexta 13"
<b>Jornal 43 set/14</b>	Pe Fontes declarou como presidente da Direção da Associação da Defesa do Património de Vilar de Perdizes, Deolinda Silva
<b>Jornal 44 set/15</b>	Pe António Fontes declarou que a partir da 30ª edição será o padre António Joaquim Dias a liderar a Organização juntamente com a Associação de Defesa do Património de Vilar de Perdizes
<b>Jornal 46 Set/17</b>	"O evento, dedicado à medicina popular, voltou a oferecer palestras, conferências, feira de artesanato, produtos naturais, sessões terapêuticas e animação de rua.

	Como já é tradição, a queimada esconjurada pelo padre Fontes, foi um dos pontos altos"
--	--

*Tabela 41: Atividades decorridas no CMP*